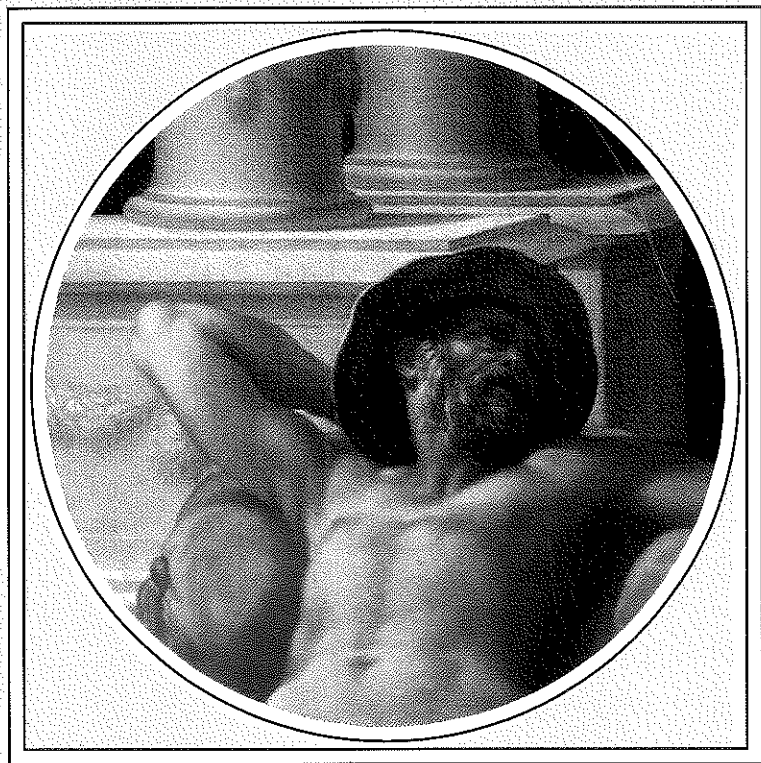
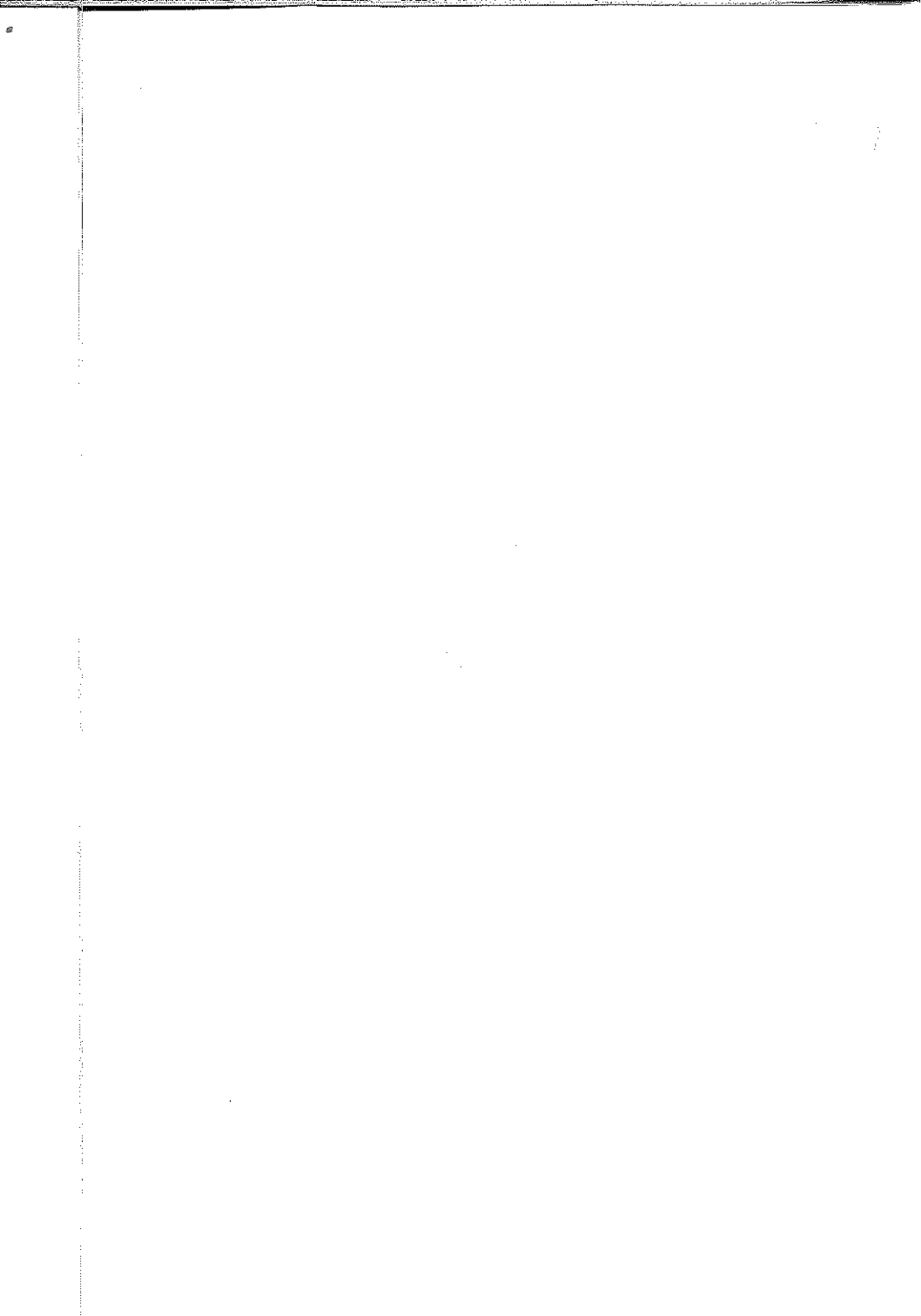
SOB A SOMBRA DE SATURNO

a ferida e a cura dos homens

James Hollis

Amor e Psique

Coleção AMOR E PSIQUE

Sonhos

- *Aprendendo com os sonhos*, M. R. Gallbach
- *Breve curso sobre sonhos*, R. Bosnak
- *Os sonhos e a cura da alma*, J. A. Sanford
- *Sonhos e ritual de cura*, C. A. Méier
- *Sonhos e gravidez*, M. R. Gallbach

Psicologia e religião

- *A alma celebra: preparação para a nova religião*, L. W. Jaffe
- *A doença que somos nós*, J. P. Dourley
- *A jornada da alma – um analista junguiano analisa a reencarnação*, J. A. Sanford
- *Deus, sonhos e revelação – uma interpretação cristã dos sonhos*, M. T. Kelsey
- *Uma busca interior em psicologia e religião*, J. Hillman

Contos de fada e histórias mitológicas

- *Interpretação dos contos de fadas*, M.-L. von Franz
- *Individuação nos contos de fadas*, M.-L. von Franz
- *O gato*, M.-L. von Franz
- *O que conta um conto?*, Jette Bonaventure
- *O significado arquetípico de* Gilgamesh, R. S. Kluger
- *Mitos da criação*, M.-L. von Franz
- *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*, V. Kast
- *A psique japonesa – grandes temas dos contos de fadas japoneses*, H. Kawai
- *Mitologemas – encarnações do mundo invisível*, J. Hollis
- *Rastreando os deuses – o lugar do mito na vida moderna*, J. Hollis

Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas

- *Psicoterapia*, M.-L. von Franz
- *Psiquiatria junguiana*, H. K. Fierz
- *Hermes e seus filhos*, R. L.-Pedraza
- *O velho sábio, cura através de imagens internas*, R. Weaver
- *A velha sábia – estudo sobre a imaginação ativa*, P. Middelkoop
- *A terapia do jogo de areia*, R. Ammann
- *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*, G. M. Furth
- *No espelho de Psique*, Francesco Donfrancesco
- *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*, A. G.-Craig
- *Ciência da alma – uma perspectiva junguiana*, E. F. Edinger
- *Incesto e amor humano*, R. Stein
- *Saudades do Paraíso – perspectivas psicológicas de um arquétipo*, M. Jacobi

Sombra

- *A sombra e o mal nos contos de fadas*, M.-L. von Franz
- *Mal, o lado sombrio da realidade*, J. A. Sanford
- *Os pantanais da alma – nova vida em lugares sombrios*, J. Hollis

O arquétipo do *puer*

- *O livro do puer*, J. Hillman
- *Puer aeternus*, M.-L. von Franz

Maturidade e envelhecimento

- *A passagem do meio – da miséria ao significado da meia-idade*, J. Hollis
- *Despertando na meia-idade*, K. A. Brehony
- *Envelhecer*, J. R. Pretat
- *Meia-idade e vida*, A. Brennan e J. Brewi
- *No meio da vida*, M. Stein

O feminino

- *Aborto – perda e renovação*, E. Pattis
- *A feminilidade consciente*, M. Woodman
- *A mulher moderna em busca da alma...*, J. Singer
- *A prostituta sagrada – a face eterna do feminino*, N. Q. Corbett
- *As deusas e a mulher*, J. S. Bolen
- *A virgem grávida*, M. Woodman
- *Caminho para iniciação feminina*, S. B. Pereira
- *Os mistérios da mulher*, E. Harding
- *O medo do feminino*, E. Neumann
- *Variações sobre o tema mulher*, J. Bonaventure
- *O noivo devastado – a masculinidade nas mulheres*, M. Woodman

O masculino

- *Sob a sombra de Saturno*, J. Hollis
- *Os deuses e o homem*, J. S. Bolen
- *O pai e a psique*, A. P. L. Filho

Relacionamentos e parcerias

- *Amar, trair*, A. Carotenuto
- *Eros e pathos*, A. Carotenuto
- *Não sou mais a mulher com quem você se casou – desafios para a parceria*, A. B. Filenz
- *No caminho para as núpcias*, L. S. Leonard
- *Os parceiros invisíveis*, J. A. Sanford
- *Conhecendo a si mesmo – o avesso do relacionamento*, D. Sharp
- *O Projeto Éden – a busca do outro mágico*, J. Hollis

O autoconhecimento e a dimensão social

- *O caminho da transformação segundo C. G. Jung e a alquimia*, E. Perrot
- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, Anônimo
- *Destino, amor e êxtase – a sabedoria das deusas gregas menos conhecidas*, J. A. Sanford
- *Solidão*, A. Storr
- *Nesta jornada que chamamos vida – vivendo as questões*, J. Hollis
- *O despertar do seu filho*, C. de Truchis
- *Ansiedade cultural*, R. L.-Pedraza
- *Consciência solar, consciência lunar*, M. Stein

Corpo e a dimensão fisiopsíquica

- *Dionísio no exílio – sobre a repressão da emoção e do corpo*, R. L.-Pedraza
- *Alimento e transformação*, E. Jackson
- *A jóia na ferida – o corpo expressa as necessidades da psique e oferece um caminho para a transformação*, R. E. Rothemberg

JAMES HOLLIS

SOB A SOMBRA DE SATURNO

a ferida e a cura dos homens

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatólogicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de refle-

xões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, o seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis às necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capaz de entender novamente a linguagem da alma", como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

Ao meu pai,
ao meu irmão Alan,
ao meu filho Timothy,
ao meu filho Jonah,
ao meu genro Daniel
e à minha filha Taryn.

Lembre-se de que você veio para cá já tendo compreendido a necessidade de lutar consigo próprio, apenas consigo próprio. Agradeça, portanto, a todos que lhe dão a oportunidade.

— Gurdjieff, *Encontros com homens notáveis*

INTRODUÇÃO

Este livro se baseia na explanação apresentada no Centro Jung da Filadélfia, em abril de 1992. Explanação que já não era sem tempo. Evitara pessoalmente o tema durante toda uma década, embora o sofrimento, as aspirações e a cura dos homens ocupassem pouco a pouco meu tempo como analista junguiano.

Doze anos atrás, a proporção dos meus clientes era de nove mulheres para cada homem. Atualmente, a maioria dos meus clientes é do sexo masculino e a proporção é de seis homens para quatro mulheres. Acredito que a mudança também tenha ocorrido no consultório de outros terapeutas, e as razões para isso contribuíram igualmente à ascensão do movimento masculino. Evitara o tema porque muita coisa parecia em andamento. Na melhor das hipóteses, via o trabalho maciço de purificação acadêmica e emocional, e na pior, um fenômeno pop-psíquico que eu considerava repugnante.

Preocupo-me muito com a cura e a transformação das pessoas, trabalho este em geral tão intenso, tão profundamente pessoal, que amiúde é fácil esquecer o mundo mais amplo e os grandes problemas sociais dos quais todos participamos e pelos quais somos todos feridos. Tornou-se, porém, cada vez mais claro para mim que as histórias de cada homem coincidiam de fato e apresentavam temas constantes. À semelhança do que as mulhe-

res aprenderam antes de nós, comecei a perceber que a experiência coletiva dos homens é também parte inevitável da sua história pessoal. A trama e urdidura da história privada e da mitologia pública incorpora-se à formação do caráter individual.

Hoje, é claro, já existem muitos livros excelentes a respeito de vários aspectos do dilema dos homens modernos. Recorrerei de vez em quando a eles neste livro, diretamente, conscientemente, e com gratidão.

Todos participamos da luta rumo à comunidade, e cada uma das nossas vozes tem timbre diferente. Não me proponho oferecer contribuição original à erudição masculina, mas, sim, tomar questões complexas e destilar, integrar e expressá-las através de termos que sejam compreendidos por muitos. Também recorro à experiência clínica dos homens da terapia. A eles sou igualmente grato por me permitirem o uso de seus casos.

O objetivo de *Sob a sombra de Saturno*, portanto, é oferecer uma visão sinótica das feridas e da cura dos homens, e ainda examinar a situação existente nesta última década do século.

Mas, sobretudo, devo uma confissão: evitei falar do assunto por anos e anos, não apenas porque as questões me pareciam em contínua transição, mas porque também eu tenho sofrido por viver sob a sombra de Saturno e nem sempre estou certo com relação à minha posição no relacionamento com minha natureza masculina. O destino quis que eu nascesse homem. Durante anos simplesmente tomei como certo esse acidente e suas conseqüências, achando mais assustador do que libertador a tentativa de um passo para fora dessa sombra.

Nas páginas que seguem, citarei de vez em quando exemplos autobiográficos, não para agradar a mim próprio e sim porque os considero típicos e representativos.

Como observou o pintor Tony Berlant: "Quanto mais pessoal e introspectiva a obra de arte, mais universal se torna".[1]

Ao focalizar as questões masculinas, não tenho a intenção de minimizar as feridas das mulheres. Nós, do sexo masculino, temos grande dívida de gratidão para com as mulheres, que se manifestaram, não apenas para expressar a própria dor dentro da nossa cultura sexista, mas também para tornar os homens mais livres para serem mais plenamente eles mesmos. Seu *cri de coeur* ajudou os homens a examinar com mais consciência as próprias feridas, e em decorrência disso todos ficamos mais bem servidos. O exemplo das mulheres lutando para se libertar das sombras do coletivo confere coragem e torna necessário que os homens realizem o mesmo. A não ser que os homens consigam emergir das trevas, continuaremos a ferir tanto as mulheres quanto a nós próprios, e o mundo jamais será lugar seguro ou saudável. Este trabalho, portanto, não é apenas para nós, mas também para os que nos rodeiam.

Em meados do século passado, o teólogo dinamarquês Sören Kierkegaard observou que não podemos salvar nossa era, senão expressar a convicção de que ela está perecendo.[2] As forças inconscientes, as instituições públicas e as ideologias que nos orientam a vida possuem um momento de inércia tal que não esperaríamos ocasionar rápida mudança na sociedade e no papel desempenhado pelos sexos. Não obstante, o primeiro requisito é que os homens se tornem conscientes do fato de se apresentarem cruelmente feridos. A inconsciência do trauma deles faz com que firam vezes a fio tanto a si próprios quanto às mulheres. Sempre me pergunto que restaria

[1]Peter Clothier, "Hammering out magic", em *Art News*, p. 113.
[2]*The journals of Kierkegaard*, p. 165.

às mulheres senão passar a odiarem os homens que as oprimem, e aos homens quase analogamente, odiarem e temerem-se uns os outros.

Este livro, portanto, recorre ao trabalho de muitas pessoas, a fim de conduzir cada homem a maior consciência e incentivar o diálogo que precisa desabrochar para a cura. Se as imagens que governam consciente e inconscientemente nossa vida só podem ser analisadas e resolvidas com o sofrimento particular e individual, a crescente capacidade dos homens de confessarem sua dor e sua raiva, de conversarem cada vez mais uns com os outros, também, ajudará a curar as feridas do mundo.

Convido o leitor, ou leitora, a se ver na jornada aqui descrita. No caso das mulheres, a descrição da luta com o complexo materno, por exemplo, será útil na compreensão da estranha ambivalência que parece afligir os homens em suas vidas. A jornada masculina tem muitas passagens, muitos perigos. Os rigores e as tarefas que identificamos são os mais prováveis de vivenciarmos. É falsa a idéia de que aquilo que desconhecemos não nos magoaria; na verdade, o que não conhecemos nos fere fundo, e à semelhança de Sansão conseguiríamos, então, deitar cegamente o templo por sobre nossas próprias cabeças.

Para que cada qual passe a ter mais consciência das transições e dos tormentos masculinos, sou obrigado a contar segredos masculinos. Revelo-os para que as mulheres entendam melhor o assunto. Alguns desses segredos talvez sejam novos para os próprios homens, embora duvide seriamente de que um único leitor do sexo masculino deste livro vá discordar de que aponte feridas que ele tem carregado no seu coração solitário e assustado. Que não encerremos a ferida e o medo, ao menos acabemos com a solidão.

*

O título deste livro alude ao fato de tanto os homens quanto as mulheres padecerem sempre sob a pesada sombra das ideologias, umas conscientes, algumas herdadas da família e do grupo étnico, e outras ainda como parte da estrutura da história da nação e de seu chão mítico. Essa sombra representa o peso opressivo sobre a alma. Os homens padecem sob ela, com o espírito oprimido e definhado. A experiência dessa sombra opressiva é saturnina. As definições do que significa ser homem — os papéis e as expectativas masculinas, a competição e a animosidade, a humilhação e a desvalorização de muitas das melhores qualidades e capacidades dos homens — conduzem à esmagadora opressão. Esse fardo sempre esteve presente, porém hoje em dia os homens de coragem estão começando a questionar a necessidade de viver sob esse jugo.

Saturno era o deus romano da agricultura. Por um lado, na qualidade de deus da geração, ajudou a criar a antiga civilização romana; por outro, vinha associado a uma multidão de histórias obscuras e sangrentas. Sua encarnação grega primeva, Crono, nasceu do princípio masculino Urano e do princípio feminino Géia ou Gaia. Urano odiava os filhos por temer o potencial deles; conta a lenda que fora "o primeiro a maquinar ações vergonhosas".[3] Sua mulher, Gaia, fabricou uma foice e induziu Crono a atacar o pai. Crono golpeou e cortou o falo do próprio pai. Terríveis gigantes nasceram das gotas de sangue que caíram sobre a terra. O mar, fecundado e salpicado de esperma, deu à luz Afrodite, cujo nome significa "nascida da espuma".[4]

Crono-Saturno substituiu o pai, tornando-se tirano de igual magnitude. Sempre que ele e sua consorte Réia

[3]*Crowell's handbook of classical Literature*, p. 109.
[4]*Ibid.*, p. 41.

tinham filhos, ele os comia. A única criança que conseguiu evitar essa sina foi Zeus. Por sua vez, Zeus liderou uma revolta contra o próprio pai, dando início a uma guerra de dez anos. Muitas forças civilizadoras emergiram com o triunfo de Zeus, mas também ele se tornou prisioneiro do complexo do poder e tornou-se dominador.[5]

Assim, a história de Crono-Saturno envolve poder, ciúme, insegurança — violência para com o princípio do eros, com a geração e com a terra. Como Jung comentou certa vez, na presença do poder o amor nunca está presente.[6] Junto com a grande capacidade de aquisição do poder dramatizada pelos deuses, vemos sua corrupção no complexo do poder. O poder em si é neutro, mas sem o eros ele é perseguido pelo medo e pela ambição compensatória, arremessado em direção a fins violentos. Como observou Shakespeare, "inquieta permanece a cabeça que usa coroa".[7]

A maioria dos homens ao longo da história cresceram sob a sombra deste legado saturnino. Sofreram com a corrupção do poder, movidos pelo medo, ferindo a si e aos semelhantes. Se os homens modernos sentem que não há alternativas, que o legado de Saturno é a única possibilidade que existe, eu não penso assim.

Sob a sombra de Saturno é oferecido ao leitor como forma de identificar algumas dentre as inúmeras maneiras pelas quais este mito obscuro marcou nossa alma. Minha esperança é que leve cada um a se voltar para dentro de si em busca de maior liberdade pessoal.

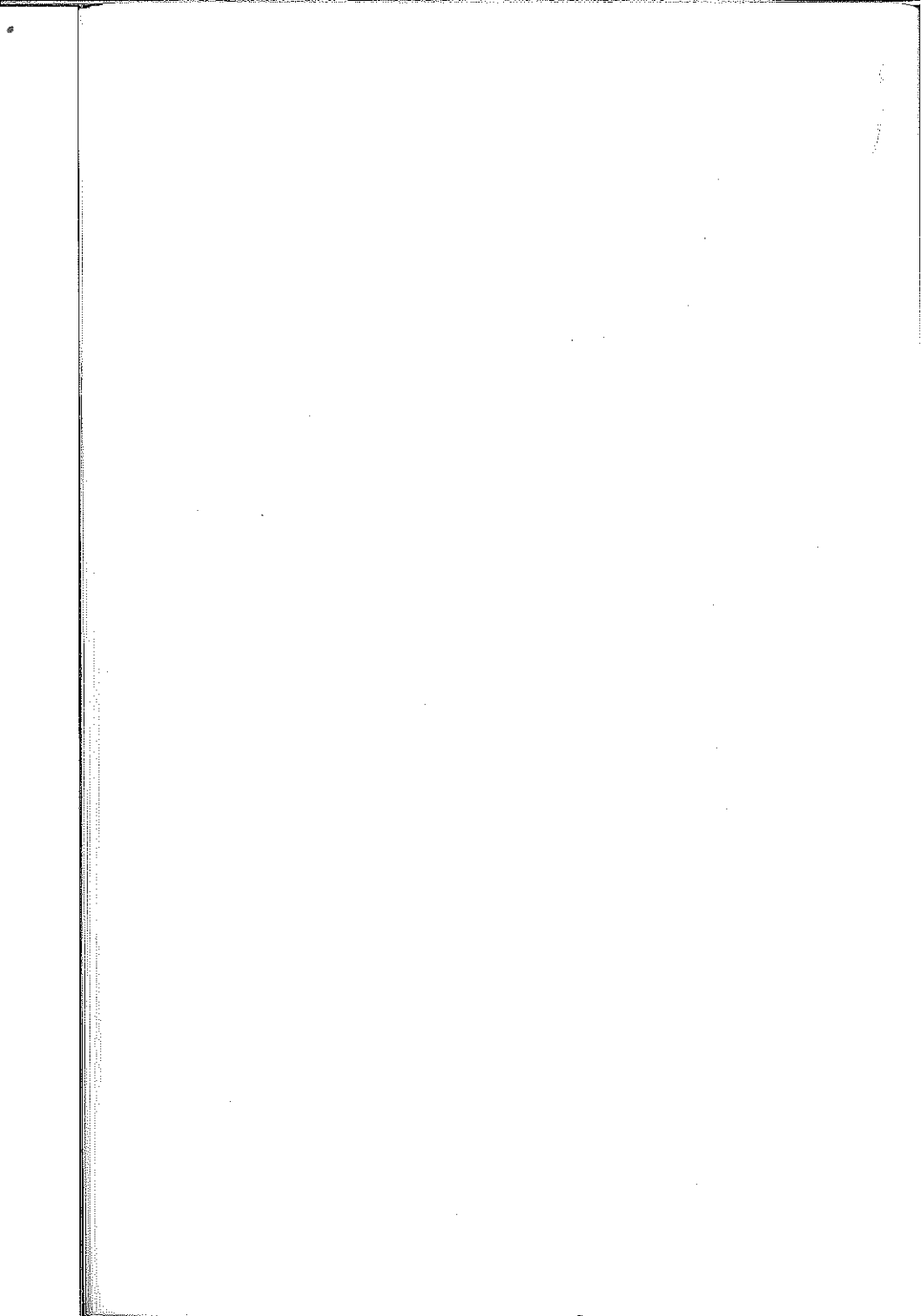
[5]A forma como ele oprimiu Prometeu e outros é bastante conhecida. Ver, por exemplo, Edith Hamilton, *Mythology*, pp. 75-78.

[6]"Onde reina o amor, não existe força de vontade; e onde a força de vontade é dominante, o amor está ausente" ("The problem of the attitude-type", *Two essays on Analytical Psychology*, CW 7, par. 78). [CW refere-se a *The Collected Works of C. G. Jung*. A obra está parcialmente publicada em português pela Editora Vozes, com o título *Obras Completas de C. G. Jung*, doravante chamada de OC. O volume aqui mencionado está publicado com o nome *Estudos sobre Psicologia Analítica*, OC 7, N. da T.]

[7]*Henry IV*, segunda parte, terceira cena, linha 31.

OS OITO SEGREDOS QUE OS HOMENS CARREGAM

1. A vida dos homens é tão governada por expectativas restritivas com relação ao papel que devem desempenhar quanto a vida das mulheres.
2. A vida dos homens é basicamente governada pelo medo.
3. O poder do feminino é imenso na organização psíquica dos homens.
4. Os homens conluiam-se numa conspiração de silêncio cujo objetivo é reprimir sua verdade emocional.
5. O ferimento é necessário porque os homens precisam abandonar a Mãe e transcender o complexo materno.
6. A vida dos homens é violenta porque suas almas foram violadas.
7. Todo homem carrega consigo profundo anseio pelo seu pai e pelos seus Pais tribais.
8. Para que os homens fiquem curados, precisam ativar dentro de si o que não receberam do exterior.

1

O LEGADO SATURNINO: LEMAS, PAPÉIS, EXPECTATIVAS

"O homem nasce livre, e em todos os lugares está acorrentado": assim inicia Jean Jacques Rousseau seu *Contrato social, ou Princípios do direito político,* de 1762. Todos nascemos livres, carregando conosco o germe da totalidade e da saúde, e então a vida acontece. Como as crianças dependem dos pais e da sua cultura para a satisfação das suas necessidades básicas, são logo separadas desse ser natural. Somos todos socializados para servir e manter o coletivo, as estruturas familiares e as instituições sociais que possuem vida própria porém exigem o repetido sacrifício do indivíduo para serem sustentadas.

Na textura dos nossos ossos, na estrutura dos nossos nervos, nos canais da memória, ainda carregamos essa preciosa criança. Qual de nós, à semelhança do jovem James Agee, não se deitou na grama, sob as estrelas de uma noite de verão, admirando-se com todo aquele mistério, uma criança intuindo as grandes interrogações que tinha diante de si? "Estamos falando agora de noites de verão em Knoxville, no estado do Tennessee, na época em que ali vivi tão bem disfarçado de criança para mim mesmo."[8] Quando as pessoas mais velhas vieram para fora depois do jantar, ajustaram o bico do aspersor, ba-

[8]*A death in the family*, p. 11.

lançaram-se sobre o portão que rangia, a criança que éramos deixou-se levar pelo devaneio, até que

> o sono, sorrindo suavemente, me conduz até ela: e aqueles que me tratam com delicadeza me recebem como alguém familiar e querido naquela casa: mas jamais me dirão, oh, nem agora nem nunca, jamais me dirão quem eu sou.[9]

A lembrança de Agee das coisas do passado se repete na vida de cada um de nós — o assombro de estar sobre esta terra que gira, as vagas névoas carregadas de angústia que pairam sobre o caminho que leva ao futuro e ainda a alegria da vida que percorre nossas veias. E para onde ela foi? Por que a sensação de peso, a dor no corpo, a fadiga da alma, o enfado do cérebro e dos ossos? O que aconteceu àquela criança, receosa porém cheia de si? Ainda vive nos momentos de espontaneidade, num "impulso solitário de encanto",[10] e nos sonhos diáfanos que escorregam da consciência quando nos dirigimos ao trabalho. Ainda vive, porém muito profundamente, e está exausta e fortemente oprimida pela sombra saturnina.

Vou dar um exemplo pessoal. De vez em quando meu pai ria, contava uma piada ou até assoviava. Ainda quando criança, conseguia perceber que quando ele assoviava as coisas estavam realmente muito sombrias; entretanto, mesmo então, reconhecia um impulso heróico da parte dele. Para usar um velho chavão, ele assoviava na adversidade. Depois de algum tempo, comecei a compreender que quando assoviava a ocasião não era de alegria e sim de tristeza. Apesar de todos os seus esforços, sabia que as coisas estavam difíceis.

[9] *Ibid.*, p. 15.

[10] W. B. Yeats, "An Irish airman foreseesis death", linha 11, em *The Collected Poems of W. B. Yeats.*

Meu pai precisou interromper os estudos na oitava série porque o pai dele havia perdido seu negócio de equipamentos agrícolas, com a Grande Depressão e a bancarrota das fazendas que atingiu o meio-oeste antes até da quebra da bolsa em 1929. A mensagem que ficou clara para meu pai, e pela qual foi influenciado tanto naquela época quanto pelo resto da vida, foi que ele tinha de sacrificar seus interesses pessoais e trabalhar para sustentar a família.

Mais tarde, quando entrei em cena como o filho mais velho, ele trabalhava todos os dias na linha de montagem da Allis-Chalmers, montando tratores e escavadeiras, e durante a noite e nos fins de semana dirigia um caminhão e colocava carvão com a pá na casa das pessoas. Anos depois, ironicamente, promoveram-no à posição de "analista" na linha de montagem, tendo o poder de dizer aos engenheiros de formação universitária onde eles haviam falhado. Nos anos que passara na fábrica, aprendera todo o sistema. Era capaz de analisar os problemas e tornou-se um localizador e reparador de defeitos.

Todas as sextas-feiras, durante cinqüenta anos, comparecia com o cheque do seu salário semanal com o qual conseguia pagar todas, ou quase todas, as contas. Nunca passamos fome, o que às vezes acontecia com Kent, meu melhor amigo, mas ainda assim sabia que meu pai temia que isso viesse a ocorrer. E eu também recebi dele, de modo claro e inabalável, minha primeira mensagem saturnina, a de que ser homem significava trabalhar. Trabalhar sempre, qualquer tipo de trabalho que sustentasse aqueles pelos quais se é responsável. Significava que a satisfação pessoal era posta de lado em benefício da fidelidade a essa enorme responsabilidade. Anos mais tarde, quando uma mulher me perguntou o que gostaria de ver gravado na minha lápide, respondi: "Aqui jaz aquele com quem podíamos contar". Tão importante era a exor-

tação, que meu pai, e depois eu, estava preparado para morrer por ela, e ser lembrado por ela.

Anos depois, escrevendo um cartão de aniversário para meu pai, ele respondeu através do abismo que nos separava: "Sinto não ter chegado a conhecer vocês bem, meus filhos, por estar sempre trabalhando". Estava assumindo a culpa por termos crescido e amadurecido separados, apesar de eu reverenciá-lo por nos ter sido fiel e nos ter servido. Sabia que ele nos ajudou, sofreu e afligiu-se e em momento nenhum pensei em criticá-lo por trabalhar tanto. Mas também sabia que não foi bom para ele. Mesmo naquela época eu sabia: não foi bom para ele, mas aparentemente era isso que significava ser homem.

Durante esses anos da minha formação, a Segunda Guerra Mundial estava em andamento. Via os adultos reunidos ansiosos em volta do rádio, escutando as notícias sobre as batalhas que grassavam na Europa e no Pacífico Sul, pensando nos entes queridos que estavam em lugares exóticos como Tulagi, Mindanao ou no atirador na torre de tiro na cauda de um B-17. (Todos voltaram: o rapaz de vinte e quatro anos retornou das Filipinas com o cabelo branquinho e o atirador de cauda com um fragmento de artilharia encravado na perna.)

As cortinas pretas nas janelas, as despedidas chorosas nas estações de trem, a nítida ansiedade contribuíram para a sensação que eu tinha de que algo grande e majestoso estava sucedendo, algo com o que todos estávamos envolvidos. Também entreouvia os adultos sussurrando histórias de atrocidades, como a da família que recebeu um cartão postal do filho entregue pela Cruz Vermelha Internacional. Debaixo do selo estava escrito: "Cortaram fora minha língua". Quer ou não essas histórias fossem sempre verdadeiras, os adultos à minha volta acreditavam nelas, e isso me bastava.

Essa foi minha segunda mensagem irrefutável sobre ser homem. Acreditava firmemente que minha sina, além da de ser um animal econômico, era crescer e tornar-me soldado, ir para algum lugar no estrangeiro e matar ou ser morto, ou voltar para casa torturado e mutilado. Ficava acordado durante a noite imaginando meu encontro predestinado com esses horrores. Assim como todos os adultos que sobreviveram à Grande Depressão ficaram irremediavelmente marcados e apreensivos, assim também qualquer um que se lembre dos tempos da guerra estremece ao recordar os horrores e a incerteza daquela época. Nasci no meio-oeste e estava muitíssimo distante das cidades massacradas, mas as zonas de combate situavam-se em todos os lugares e estávamos apreensivos. Nessa época, nem ouvira falar em Dachau, Bergen-Belsen e Mauthausen, porém, quando adulto, visitei esses lugares com meus filhos. Não se tratava de pura paranóia; havia algo com que me preocupar e, como homem, devia ser responsivo e responsável. Esses eram os mais pesados lemas de Saturno: o trabalho, a guerra e a preocupação.

Todos os homens se lembrarão de experiências semelhantes. Cada qual será capaz de relatar incidentes nos quais se sentiu chamado a realizar algo além da sua capacidade de compreensão. Inelutavelmente arrastada ao turbilhão, a criança anseia desesperada por informações, exemplos, liderança, instruções e ajuda para lidar com o que precisará enfrentar em breve e que irá talvez esmagá-la. Já que terá de suportar essas provações, o jovem espera desesperado que "eles" o levem a um canto e lhe ensinem o que precisa saber.

Lembro-me de certa vez ter vislumbrado um desses mistérios dos quais sentia necessidade para sobreviver como homem. Um anzol ficou preso na mão do meu pai e este, impassível, retirou-o simplesmente. Presumi então

que, por certo, os adultos não sentissem a dor que nós, os pequenos, sentíamos, mas também desconfiava de que lhe haviam ensinado aquela coragem misteriosa de que eu tanto precisava. Talvez não fosse esperar demais que um dia "eles" me levassem a um canto e me ensinassem como ser homem. Imaginava que isso se daria ao ingressar no segundo grau. Embora nada conhecesse a respeito da puberdade, via que as pessoas no segundo grau tinham o corpo mais avantajado, que pareciam encontrar-se do lado adulto do grande abismo. Entretanto, para surpresa minha e desapontamento que perdura até os dias de hoje, "eles" nunca me levaram a um canto para me dizer o que significa ser homem, nem me ensinaram a comportar-me como adulto.

Hoje, é claro, compreendo que "eles", os chefes tribais da nossa época, tampouco sabiam o que significa ser homem. Também não haviam sido iniciados e mal conseguiriam transmitir os mistérios e o conhecimento libertador de que eles próprios careciam.

À minha maneira hesitante, percebera a necessidade dos ritos de passagem da infância para a idade adulta. Esses ritos envolvem não apenas a transição das dependências da infância para a auto-suficiência da idade adulta, como também a transmissão de valores, como a qualidade e o caráter da cidadania, e as atitudes e as crenças que ligam a pessoa aos seus deuses, à sociedade e a si mesma. No entanto, esses ritos de passagem definharam e desapareceram há muito tempo. "Já se disse muitas vezes", observa Mircea Eliade, "que uma das características do mundo moderno é o desaparecimento de ritos significativos de iniciação".[11] Até a expressão "rito de iniciação" ou "rito de passagem" talvez não se compreenda em nossa época.

[11]*Rites and symbols of initiation*, p. IX.

O *rito* é um movimento em e para a profundidade. Os ritos não são inventados; são encontrados, descobertos, vivenciados e surgem a partir do encontro arquetípico com o profundo. O objetivo do ato simbólico que o rito encena é conduzir ou retornar à experiência da profundidade. Claro que, repetidos, os ritos perdem a capacidade de apontar para além de si mesmos, rumo a essa profundidade, tornando-se vazios e estéreis. No entanto, nossa necessidade do encontro profundo persiste. Em *A vida simbólica,* Jung comenta como é importante para a tribo de índios pueblo considerar que seus rituais ajudem no nascimento do sol:

> Traz paz às pessoas, quando sentem que estão vivendo a vida simbólica, que são atores no drama divino. É isto que confere o único significado à vida humana; tudo o mais é banal e descartável. Seguir uma carreira, gerar filhos, tudo isso é *maya*, se comparado àquela única coisa, que sua vida tem significado.[12]

Sem ritos significativos, carregamos a mais dolorosa das feridas da alma — a vida sem profundidade. Da mesma forma, a idéia da *passagem* é essencial, pois todas as passagens implicam o fim de algo, algum tipo de morte, e o início de algo, algum tipo de nascimento. Somente a morte é estática; o princípio da vida é a mudança, e temos de passar por muitas mortes e renascimentos para levarmos uma vida significativa.[13] A *iniciação* implica ingressarmos em algo novo, algo misterioso.

Considerando o fato de que os ritos de passagem desapareceram em grande parte da nossa cultura, cabe aos homens refletirem como indivíduos a respeito do que era oferecido por esses ritos. Somos, portanto, obrigados a

[12]*The symbolic life,* CW 18, par. 630.

[13]Ver meu livro, *The middle passage: from misery to meaning in midlife* (trad. bras.: *A passagem do meio,* Paulus).

descobrir por nós próprios o que não nos está disponível através da nossa cultura. Apesar da variedade de culturas, e do conteúdo local específico, os estágios arquetípicos desses ritos de passagem eram extraordinariamente semelhantes. Parece que nossos antepassados conheciam por intuição a importância dessas separações e evoluções da personalidade, e compreendiam juntos que esses processos eram necessários. A duração, intensidade e firmeza desses ritos eram diretamente proporcionais à dificuldade de deixar a infância e crescer de fato. Como poucos na nossa cultura conseguiram, psicologicamente falando, separar-se e crescer, pode ser bastante útil para nós refletirmos um pouco sobre os estágios da experiência iniciatória. Repito que cabe a nós como indivíduos realizar o que não nos é proporcionado pela nossa cultura. Não podemos evitar a tarefa através da ignorância, porque, caso contrário, o processo de desenvolvimento, o de nos tornarmos homens, permanecerá irrealizado.

Esses padrões de passagem resumem-se em seis estágios. Embora o conteúdo de cada estágio variasse de acordo com os costumes locais, os estágios propriamente ditos eram explícitos ou estavam implícitos nos diversos padrões culturais.

O primeiro estágio da passagem era a *separação*, a separação física dos pais a fim de dar início à separação psicológica. Essa situação nunca era questão de escolha para o menino. Amiúde, no meio da noite, ele era "raptado" dos seus pais pelos deuses ou demônios, os homens mais velhos da tribo que usavam máscaras ou pintavam o rosto. Essas máscaras afastavam-nos da esfera familiar de vizinhos ou tios, conduzindo-os à condição de deuses ou forças arquetípicas. A rudeza, a violência até, da separação tinha a finalidade de lembrar que nenhum jovem renunciaria de bom grado ao conforto do lar. Seu aconchego, proteção e carinho geram enorme atração

gravitacional. Permanecer no lar, quer literal quer figurativamente, significa continuar criança e renegar o próprio potencial como adulto.

Por conseguinte, o segundo estágio da passagem era a *morte*. O menino era enterrado, conduzido através de um túnel escuro e lançado em uma escuridão literal ou simbólica. Embora a experiência fosse por certo aterrorizante, o jovem estava, na verdade, passando pela morte simbólica da dependência infantil. Estava vivenciando a perda do lar. "Você não pode voltar para casa." Era a perda da inocência, a perda da ligação edênica da infância. Ao "morrer", a criança desperta para o recanto para sempre abandonado da terra sem crianças, como o expressou Dylan Thomas.[14]

A vida segue-se necessariamente à morte. Portanto, o terceiro estágio era a cerimônia de *renascimento*. Algumas vezes, a mudança de nome acompanhava esse renascimento, reforçando o surgimento de um novo ser. (O batismo cristão por certo simboliza esse tema de morte e renascimento com seu retorno às águas umbilicais. A crisma dos católicos romanos e o *bar mitzvah* dos judeus são remanescentes desses ritos históricos.)

O quarto estágio de iniciação tipicamente envolvia os *ensinamentos*, transmitindo o conhecimento necessário para que o jovem atuasse como adulto. Esses ensinamentos eram de três tipos diferentes. As habilidades práticas, como a arte da caça, da pesca, da defesa e do pastoreio eram críticas, pois o homem que nascia deveria ajudar a sustentar e proteger sua sociedade. Os privilégios e as responsabilidades da idade adulta e da cidadania eram transmitidas de forma semelhante. E, por fim, ocorria a introdução aos mistérios, para que o jovem adquirisse o senso de uma base espiritual e participasse da esfera

[14]"Fern Hill", em *Collected Poems*, p. 180.

transcendental. “Quem são nossos deuses?” “Que tipo de sociedade, leis, ética, dons espirituais eles conferem?” Situar o jovem no contexto mítico proporcionava-lhe identidade, dava-lhe uma idéia da estrutura maior da qual participava e aprofundava sua alma.

Caracterizaríamos o quinto estágio como a *provação*. Embora variasse o teor das práticas, exigia-se do jovem o sofrimento na separação do conforto e da proteção do lar. Falarei muito mais a respeito deste assunto adiante; mas o que parece para nós, homens modernos, crueldade gratuita, era na verdade sábia percepção de que esse sofrimento estimulava a consciência. Esta só surge com o sofrimento; sem alguma forma de sofrimento, seja físico, emocional ou espiritual, contentamo-nos em descansar folgazes na antiga ordem, no antigo conforto, nas antigas dependências. A segunda razão para esse sofrimento, francamente, era ajudar o rapaz a se acostumar aos verdadeiros rigores da vida que ele em breve experimentaria. Que se nos afigurem bárbaras, práticas como a circuncisão e os sacrifícios rituais não apenas representavam o sacrifício dos confortos da carne e das dependências da infância, mas também eram sinal de aceitação na companhia dos adultos iniciados.

O mais importante, talvez, é que a provação em geral envolvia alguma forma de isolamento, um retiro em lugar sagrado, longe da comunidade. A essência do ser adulto não apenas significa que a pessoa já não pode recuar em busca de proteção de terceiros, como também que precisa aprender a recorrer aos próprios recursos interiores. Ninguém sabe que os tem enquanto não é obrigado a usá-los. O mundo natural é escuro e repleto de estranhos animais e demônios, e o confronto com o próprio medo é momento de importância decisiva. O isolamento ritual é introdução a uma verdade fundamental, segundo a qual, não importa quão tribal seja nossa vida so-

cial, estamos sozinhos na jornada, e precisamos aprender a extrair força e consolo do nosso interior, caso contrário não alcançaremos a idade adulta. Amiúde o iniciado passava meses sozinho, esperando talvez pelo Grande Sonho, uma comunicação dos deuses com seu verdadeiro nome ou vocação adequada. Aprendia a depender da sua sagacidade, da sua coragem e das suas armas para não perecer. No *retorno*, o último estágio, o jovem já era adulto.

Sabiamente, esses rituais de passagem eram elaborados, pois se expandiam no relacionamento direto com o poder do complexo materno, a saber, a enorme atração pela dependência que existe dentro de todos nós. Para superar essa gravidade inercial são necessárias experiências emocionais elaboradas e poderosas. Ninguém em seu juízo perfeito estaria de bom grado disposto a se separar, e portanto a letargia, o medo e a dependência dominam, ou ameaçam dominar, a vida de todos nós. Nas culturas tradicionais, os ritos eram mais elaborados para os meninos do que para as meninas, pois se esperava que elas deixassem sua mãe pessoal e voltassem depois ao lar.[15] Novamente, os ritos de separação eram firmes e poderosos para os rapazes, não apenas por causa do poder do complexo materno, mas também porque se esperava que se separassem do mundo natural, da vida dos instintos, e ingressassem no mundo cultural e artificial fabricado pelo homem.

A economia, por exemplo, é algo de todo artificial. O dinheiro, os contracheques, o mercado de opções — todos são conceitos dos quais depende grande parte da vida do homem e sobre os quais grande parte da sua alma se pro-

[15]Hoje em dia as expectativas das meninas com relação ao seu sexo simplesmente explodiram e as mulheres estão cada vez mais livres para seguir uma vida diversificada. Assim, também elas precisam de ritos de passagem para a idade adulta. Ver, por exemplo, Sylvia Brinton Perera, *Descent to the Goddess: A Way on Iniciation for Women* (trad. bras.: *Caminho para a iniciação feminina,* Paulus).

jeta. A comida na boca ou a fome são experiências instintivas; o dinheiro, os cheques ou as bonificações são artificiais. Separar a criança do mundo dos instintos requer um arcabouço numinoso pelo menos tão poderoso quanto seu anseio por se acomodar na inconsciência.

A complexidade dos ritos de passagem tradicionais era, pois, necessária para transpor o enorme abismo entre a infância e a idade adulta, entre a vida instintiva e dependente do menino e a auto-suficiência independente do homem adulto. Quando os ritos davam resultado, o menino vivenciava uma mudança existencial: morria como um ser e tornava-se outro. Mas, como todos sabemos, esses ritos hoje estão ausentes, a transformação existencial jaz nos subterrâneos. Se perguntarmos a um homem: "Você se sente como um homem?", é bem possível que considere a pergunta tola ou ameaçadora. Conhecerá seus papéis mas não será capaz sequer de definir o que significa ser homem e tampouco sentirá que conseguiu estar à altura das suas definições parciais particulares. Em suma os velhos sábios desapareceram, perdidos para a morte, a depressão, o alcoolismo ou para as salas das empresas. A ponte que liga a infância à idade adulta foi arrastada.

Como os homens não contam com ritos de passagem significativos e nem velhos sábios que lhes transmitam o que os espera do outro lado, sentiram necessidade de tomar seu rumo das expectativas dos papéis sociais e de exemplos essencialmente ocos. O tempo todo, a dor e a confusão da alma são empurradas para dentro, violentamente externadas ou afastadas da consciência. Por conseguinte, o intervalo entre a sabedoria e a experiência foi preenchido por imagens externas, imagens estas que, como também tem sido verdadeiro para as mulheres, raramente alimentam a alma.

Assim, o primeiro dos grandes segredos a ser abertamente reconhecido é que *a vida dos homens é tão go-*

vernada pelas expectativas dos papéis a serem desempenhados quanto a vida das mulheres. E o corolário é que esses papéis não sustentam, confirmam ou refletem as necessidades da alma dos homens.

Foi a consciência cada vez maior dessa terrível discrepância entre as expectativas dos papéis a serem desempenhados e as necessidades da alma que deu origem ao que é chamado de movimento masculino. Embora nenhuma instituição ou órgão representativo surgisse (como a Organização Nacional de Mulheres), e tampouco nenhum programa político-social tenha se desenvolvido, os grupos espalhados de homens e o crescente número de livros demonstram o despertar da consciência de que algo está terrivelmente errado. A necessidade desse movimento é resumida por John Lee:

> Trata-se de um movimento emocional, uma liberação da dor e do veneno que os homens têm guardado há séculos no seu estômago coletivo. Não é de modo algum movimento voltado para o poder, mas é poderoso, uma vez que liberta os homens e seu espírito da tirania do velho paradigma de "Não sinta. Morra mais jovem do que as mulheres. Não fale. Não sofra. Não se zangue. Não entorne o caldo. Não confie nos outros homens. Não ponha a paixão adiante da responsabilidade. Siga os outros, e não a sua vontade".[16]

Concordo em tudo com essa idéias. Não obstante, a sombra do poder inevitavelmente se insere em qualquer grupo ou movimento. Quando por demais socializados e domesticados, os homens, com razão, sentiram o anseio de algo agreste e muito profundo; entretanto, o homem médio jamais formará parte de um grupo, sentir-se-ia ridículo por encontrar-se com outros na floresta para tocar tambor, e raramente correrá o risco de ser vulnerável diante de outros homens. Não critico os que entraram na

[16]*At my father's wedding,* p. XVIII.

floresta e choraram, enfureceram-se e tocaram tambor, pois muitas vezes encontraram algo de que sua alma carecia. Ao mesmo tempo, essa atividade talvez adquira relevância a longo prazo quanto a queima de sutiãs tem agora para a longa marcha das mulheres rumo à dignidade e igualdade de oportunidades. A queima de sutiãs representou importante liberação emocional, pelo menos para algumas pessoas, mas na minha opinião essa energia é gasta com muito mais eficácia nas discussões, nos tribunais e no trabalho para a mudança cultural.

Ainda nos encontramos num estágio incipiente no entendimento da experiência dos homens e muitos terão de encontrar uma forma de liberação emocional e uma maneira de compartilhar sua dor com os outros. Acredito, porém, que as gerações futuras olharão para trás e contemplarão esta era de retiros do homem selvagem com uma espécie de embevecida nostalgia, assim como encaramos as comunidades dos anos sessenta — bem-intencionadas, porém exercendo pouco impacto no curso da história.

Visitei há pouco meu filho em Santa Fé, onde mora, e está esforçando-se para ser artista. Subimos de carro pelas montanhas de Jemez, e fomos tão alto que a estrada acabou. Vimos corujas, veados e dois pássaros pretos enormes sobre uma pedra. Quando nos aproximamos constatamos que a pedra tinha pernas e dois predadores estavam mascando sobre um alce americano. Estávamos longe da civilização e pensamos, rindo, que se de repente nevasse também seriam encontrados os cadáveres de dois anglo-americanos com o degelo na primavera. Voltamos à praça de Santa Fé com a sensação calorosa de termos participado de uma aventura primitiva.

Quando atravessávamos a rua, meu filho viu um dos líderes do grupo local de homens e me apresentou a ele. De chofre, esse homem começou a me interrogar a res-

peito do que eu sabia, quem eu conhecia, se eu já havia tocado tambor, e assim por diante. Senti-me arrastado contra a vontade para um estado competitivo. Depois, de forma bem gentil, convidou-me a comparecer a uma cerimônia de mudança de nome de dois homens que completariam cinqüenta anos no dia seguinte. Quando respondi que precisava pegar o avião de Albuquerque para Atlantic City às 7:30 logo de manhã, ele disse: "Vou ser rápido e rasteiro com você. Por que você passa tão pouco tempo com seu filho?"

Comecei dizendo que precisava voltar ao trabalho para pagar as contas, uma clássica defesa masculina (e também verdadeira), mas meu filho interveio antes que eu terminasse, dizendo: "É a terceira vez este ano que vem me ver." "Oh, está bem", respondeu o homem, e nos despedimos.

Meu filho e eu refletimos a respeito desse encontro e observamos como, apesar de toda a consciência que esse homem afirmava possuir, ele havia carregado negativamente o encontro com questões masculinas. Fez com que eu me sentisse competitivo e entrei no jogo dele; depois, tentou humilhar-me como pai. Creio que não estava sendo maldoso de propósito, e eu talvez seja realmente culpado por trabalhar compulsivamente e não ser um pai perfeito, mas tanto eu quanto meu filho caímos na armadilha há muito preparada para os homens. Por certo, o objetivo do movimento masculino não é reforçar esses antigos complexos, lançar os homens uns contra os outros, como ele inadvertidamente fizera.

Nesse duelo ao sol a pino na praça de Santa Fé, revólveres não foram sacados, mas tiros foram disparados e feridas abertas em uma troca que durou 240 segundos, mas que marcou a memória. Um homem, que era um dos líderes do "movimento", atirara em mim ao me dar as boas-vindas. Ao me avaliar, seu complexo foi

desencadeado e pôs-se a me questionar de maneira que acirrou antigas paixões, antigos reflexos competitivos. Então, sutilmente, o problema da sombra do poder insinuou-se, e tentou me humilhar, acusando-me de ser um pai ausente. Sua pergunta trazia a intenção de enaltecê-lo e diminuir-me. Apesar de certamente estar imbuído dos preceitos do movimento masculino, da procura pela libertação com relação a esses jogos, não obstante ele os acionou.

Nossa troca talvez pareça inócua, e eu estaria exagerando sua importância, mas creio que a retomada em câmera lenta nos permita perceber o papel desempenhado pelo inconsciente, a ativação dos complexos e os comportamentos reflexos que prendem os homens a posições de derrota. Estejamos ou não conscientes dessas cargas psíquicas, quando ativadas têm o poder de assumir por instantes a personalidade consciente. Assim, a situação em si — dois homens frente a frente, avaliando-se um ao outro — ativou os complexos e, contrariando nossa intenção consciente, desempenhamos nossos papéis marcadamente históricos. No nível coletivo, os homens participam dia a dia dessa troca competitiva e humilhante, seja nos embates acadêmicos ou empresariais ou em alto-mar e nos campos de batalha.

Ao se avaliarem uns aos outros, como fazem os homens quando se encontram, a sombra do complexo do poder inevitavelmente vem à tona. A sombra representa a parte da nossa psique com a qual talvez nos sintamos pouco à vontade, desdenhemos ou que ameace as intenções do ego, mas funciona, não obstante, como um pedaço da alma. A única forma de integrar a sombra é trabalhar com ela, pois o que não for assimilado será projetado sobre os outros ou vazará através de um comportamento perigoso. Embora o encontro entre dois homens nas ruas de Santa Fé dificilmente seja considerado confrontação

épica, ainda assim reúne o problema arquetípico do poder com todos os temores e defesas dele resultantes.

Isto nos conduz ao segundo segredo masculino, que *a vida dos homens é basicamente governada pelo medo.*

Como os homens não conseguem invalidar a frágil força que conseguiram reunir, mal conseguem admitir para si ou para os outros o quão influenciados são pelo medo. Mas a cura de um homem exige que ele deixe de se sentir envergonhado pelo seu medo. Sempre admirei a liberdade que as mulheres têm de reconhecer seus temores, de compartilhá-los, colhendo desse modo o apoio das outras pessoas. O fato de o homem reconhecer o lugar do medo na sua vida significa correr o risco de sentir-se pouco masculino e de ser humilhado pelos outros. E, assim, seu isolamento aprofunda-se.

Mas este segredo já está na boca do povo, meus amigos. Até as mulheres já o descobriram, aliás sempre souberam de tudo. Enquanto pesquisava para este livro, deparei com o artigo: "Os medos secretos dos homens: o que nunca lhe contarão", na edição de março de 1992 do, isto mesmo, *Ladies Home Journal* (Jornal da Dona de Casa). Portanto, elas nos descobriram. Na essência, o artigo identifica corretamente os dois medos fundamentais dos homens: o de não estarem à altura do que se espera deles e o medo da provação física ou psicológica. (Observe a expressão latente das preocupações gêmeas que descobri na infância, o trabalho e a guerra.)

O medo de não estar à altura do que se espera é o aspecto mais visível da sombra saturnina — a competição, ganhadores-perdedores e a produtividade como medida da masculinidade. O medo da provação, a quinta fase dos ritos iniciatórios, é expressado pelos homens que duvidam da habilidade de defenderem a si próprios e à sua família. Quantos filmes, desde *Straw Dogs* a *Cape Fear*, não despertaram em nós esse homem das caver-

nas, defensor do lar? Com efeito, muitos homens confessam sentir muito mais medo da doença, da incapacidade e da impotência do que da morte. Quando afirmei este ponto diante de um auditório — enfrentando a lógica do seu absurdo, pois o que seria mais assustador que a morte? —, os homens invariavelmente anuíram com a cabeça. Sim, eles sentem mais medo do sofrimento, do fracasso em uma prova, do que da própria morte. A impotência, qualquer forma de fraquejo, é pior do que a aniquilação, trabalho, guerra e preocupação.

Governado como é pelo medo, incapaz de admitir este fato até para si próprio, para não perder o controle sobre as coisas, sem coragem de compartilhar o que sente com os companheiros para não ser humilhado, procura compensar isso. O homem que se vangloria do seu carro, da sua casa enorme, ou do seu cargo ou posição importante certamente está tentando compensar seu sentimento de inferioridade. Almoços de interesses e o poder sobre os outros podem alimentar um complexo de superioridade, mas são patéticos substitutos para o poder genuíno. Como afirmou o grande filósofo norte-americano, já falecido, Pearl Bailey: "Isso que pensam ser, não é". Sob a exibição de poder está o complexo; sob o complexo encontra-se o medo. O animal mais perigoso é aquele que está com medo. Talvez Freud estivesse certo ao dizer que todas as coisas eram sexuais, ou Adler ao conferir primazia ao poder, pois quando o eros é ferido recorre ao jogo do poder.

O complexo do poder é a força central na vida dos homens. Ele os impulsiona e os fere. Na sua raiva ferem outros, e na sua tristeza e vergonha afastam-se cada vez mais uns dos outros. O preço desse ferimento mútuo é enorme, repetitivo e cíclico. Tudo o que é inconsciente é interiorizado de forma debilitante ou projetado sobre os outros e praticado de maneira destrutiva.

O preço desses primeiros dois segredos, o de que a vida dos homens, tanto quanto a das mulheres, é governada pelas expectativas de papéis e o de que os homens são secretamente dominados pelo medo, é detectado com facilidade no sofrimento individual de cada homem e na patologia da nossa sociedade. Os homens norte-americanos morrem em média oito anos antes que as mulheres. Têm probabilidade quatro vezes maior de abusar em substâncias e também de cometer suicídio. E uma probabilidade onze vezes maior de irem para a prisão.[17] E essas estatísticas nem sequer começam a explorar as profundezas da raiva, da tristeza e do isolamento masculino.

O movimento masculino é reação bem-vinda a esse sofrimento, ao mesmo tempo óbvio e oculto. Não é minha intenção depreciar o desejo dos homens de criarem um lugar seguro onde possam se reunir para compartilhar experiências vitais e iniciatórias profundas. Mas acredito que a mudança suprema ocorra por meio do indivíduo. A partilha, sem dúvida, tem seu lugar, mas a mudança pessoal é fundamental.

Os marxistas com razão criticaram a estrutura social capitalista em que quase todos crescemos servindo. Karl Marx, na minha opinião, era um humanitário que percebia os males da sua época, e conseqüentemente da nossa, e expressou não apenas sua raiva como também sua perspectiva de alternativa — a sociedade sem classes. Lamentavelmente, contudo, sua visão é anulada pelos *gulags*, pelos *progroms* e pelas milhares de lembranças de que qualquer pessoa que despreze o valor e a importância do indivíduo só conseguirá criar nova tirania. Ao buscar melhorar a condição material do homem, Marx desvalorizou ao mesmo tempo sua condição espiritual, criando assim uma estrutura que acabaria por desmoro-

[17]Ver Aaron Kipnis, *Knights without Armor*, pp. 16ss.

nar. Como já nos foi dito dois mil anos atrás, nem só de pão vive o homem.

Por conseguinte, embora eu dê valor à ação social, estou certo de que todas as instituições acabam servindo à sua própria sobrevivência e não à causa pela qual foram fundadas. De forma análoga, embora valorize a necessidade e as intenções do movimento masculino, também sei que sempre que dois ou três se reúnem a sombra do poder se torna presente.

Assim este livro é escrito para os homens como indivíduos e para as mulheres que mantêm relacionamento com eles. Participe de grupos, partilhe com outros homens, mas é na forja da alma individual que o homem moderno precisa nascer. É somente a capacidade de discernir quais as forças que correm dentro dele que determina ou não o retorno do homem à organização, ao casamento, à sociedade como um todo, como parte da solução.

O analista junguiano James Hillman criticou recentemente a longa luta pela consciência em um livro iconoclástico: *Cem anos de psicoterapia e o mundo só piorando*. Sua tese é válida, mas acredito que a ação do grupo não pode ser mais eficaz do que a soma das consciências individuais que chegam até ele. Homens de boa vontade terão criado monstros e instituições burocráticas para torturar seus semelhantes, disseminando terríveis trevas. Nas conferências que deu em Yale, em 1937, Jung fez uma afirmação inesquecível: o novo homem precisa carregar conscientemente o fardo da sombra, pois

> esse homem sabe que tudo que está errado no mundo está dentro dele próprio, e se apenas aprender a lidar com a própria sombra terá realizado algo verdadeiro pelo mundo. Conseguirá assumir pelo menos uma parte infinitesimal dos gigantescos problemas sociais não resolvidos da nossa época. Esses problemas são extremamente difíceis porque

envenenados por projeções mútuas. Como alguém enxergaria corretamente, quando nem sequer enxerga a si e a escuridão que, inconscientemente, carrega consigo em todas as suas relações?[18]

Assim, nas páginas que seguem, convido cada homem a refletir sobre as forças que pelejam dentro de si. O que não compreendemos dentro de nós próprios é projetado sobre nosso ambiente imediato, de modo que a soma da nossa sociedade é o agregado do que está inconsciente dentro de cada um de nós. Ao compartilhar os sonhos e os dilemas de cada homem, procuro mostrar como somos todos pessoalmente afetados pelos mesmos problemas. Quanto mais plenamente compreendermos a forma como nos relacionamos internamente com o feminino, mais capazes seremos de desemaranhar a meada do relacionamento com uma mulher de verdade. Ao compreendermos as necessárias feridas de nossa sensibilidade, sofreremos as monstruosas patologias do mundo sem nos tornarmos monstros. Reconhecendo nosso profundo anseio pelos pais tribais, mais facilmente seremos nossos próprios pais.

Os papéis e as expectativas, a sombra de Saturno, descansam pesadamente sobre todos nós. Que continuemos culpando a "eles" — aqueles que misteriosamente inventaram e institucionalizaram tudo isto —, assim nada mudará. Já não podemos esperar por mudanças "lá fora", ainda com o movimento masculino em marcha; precisamos mudar a nós próprios. Toda mudança começa no interior, mas nós, homens, geralmente sentimos dificuldade em interiorizar nossa experiência. A tarefa, portanto, é difícil, mas é de longe preferível a viver para sempre sob a sombra de Saturno.

[18]"Psychology and religion", *Psychology and Religion,* CW 11, par. 140 (Psicologia da religião oriental e ocidental. OC 11).

2

O PAVOR DO DRAGÃO: A MULHER INTERIOR E EXTERIOR

Os gregos consideravam Eros um deus, o mais velho e ao mesmo tempo o mais jovem de todos os deuses, no início de todas as coisas em eterna renovação e emergência. Atirado ao mundo subterrâneo, Eros transforma-se em raiva, e grande violência se segue. Discriminado, Eros ergue catedrais e compõe sinfonias. Confinamos de forma estreita a obra desse deus às fronteiras da sexualidade. Sem dúvida, está aí presente, mas somos movidos por forças mais profundas que o sexo, mais duradouras que o amor, mais misteriosas que a pessoa amada.

Um dos lugares para reconhecer o que Blake chamou de "marcas do desejo"[19] é no poeta. E talvez nenhum outro poeta moderno tenha nos levado tão fundo quanto Rainer Maria Rilke. Na sua terceira "Elegia de Duíno", Rilke rastreia as presenças obscuras que navegam dentro dos homens, contrastando canções à pessoa amada com "aquele oculto e culpado deus-rio do sangue":

> Como se devotava ele —. Amava.
> Amava o que era interno nele, o descampado interior,
> esta selva dentro de si, sobre cujo derribar mudo
> se erguia seu coração, verde-claro. Amava.
> Abandonou-o, arremessou-se além das suas
> próprias raízes numa enorme origem,

[19] "A question answered", em *The Norton Anthology of Poetry*, p. 508.

onde seu pequeno nascimento já fora superado.
Amante,
teve seu descenso num sangue mais velho,
nas ravinas, onde jazia o que era medonho,
ainda encorpado com os pais.
    E tudo
que era terrível o conhecia,
lampejava, parecia informado.
Sim, o que era horrível sorria... Raramente
você sorriu tão ternamente, mãe.
Como ele não o amaria, pois se sorriu para ele.
Ele o amava *antes* de ti, pois ainda então,
enquanto o carregavas,
foi dissolvido na água que faz
o que está brotando resplandecer.
Entende, não amamos, como fazem as flores,
num único ano;
quando amamos, uma seiva imemorável
ascende aos nossos braços.[20]

O homem vê a amada, mas apenas seu rosto pode exercer tão profunda influência? Atrás dele ergue-se sua mãe protetora que tornou inofensivo "o assustador aposento noturno". Entretanto, mesmo ela serve para apoiar, mediar, a presença ainda mais profunda das "torrentes da ancestralidade". Ele sente "o descampado interior", "a selva dentro de si". Lá embaixo, ele sabe, "onde jazia o que era medonho", alguma coisa espera e sorri para ele.

Este encontro primordial vive eternamente na alma do homem, repleto de medo e ternura. Quando amamos, fluidos intemporais se erguem através das veias. A pessoa amada agita e ativa todo este medo e desejo, mas não é seu único condutor.

Rilke compreendeu intuitivamente o que Jung descreveu, que a vida é vivida ao mesmo tempo em três ní-

[20]*Duino elegies*, p. 47.

veis: na consciência, no inconsciente pessoal e no inconsciente arquetípico ou coletivo. Conferimos muita importância à nossa condição de seres conscientes, talvez porque a consciência seja difícil de ser conquistada e porque represente o que é conhecido. Mas o ego, o centro da consciência, é uma delgada hóstia que flutua no imenso oceano. Todos sabemos disso, por intuição e por experiência, quando dormimos ou somos assolados por incontroláveis complexos. Raramente, porém, atribuímos valor suficiente ao que ocorre dentro de nós, pensando, talvez, que o que os olhos não vêem o coração não sente. Entretanto, vale a pena repetir: somos controlados pelo que desconhecemos.

Debaixo da consciência do ego repousa o inconsciente pessoal, a soma das coisas que conhecemos a partir do nosso nascimento. Que não nos lembremos delas, elas se lembram de nós. Esta é esfera dos complexos pessoais. Repetindo, o complexo é uma experiência emocionalmente carregada, cujo poder é uma função direta da intensidade da carga afetiva, como no caso de traumas, ou da duração da sua influência, como no caso de um relacionamento. Via de regra, a experiência mais importante que temos na vida é da nossa mãe. Sem dúvida, outras experiências e relacionamentos exercem influência, porém a experiência da mãe é psicologicamente determinante de forma característica.

A mãe pessoal é a fonte da qual emergimos depois de termos compartilhado seu sangue, flutuado nos seus mares amnióticos e vibrado em uníssono com sua rede neurológica. Até depois da separação, reflexivamente ansiamos pela religação. De alguma forma, cada ato da vida a partir de então é o eros em busca da religação mediante outros objetos de desejo, mediante a sublimação ou até mediante a projeção sobre o próprio cosmo (daí a palavra religião, do latim *religare*, "ligar de novo ou

restabelecer a ligação"). Ademais, a mãe pessoal é a protetora, provedora e principal mediadora entre a frágil criança e o mundo maior. (Como observou Rilke, ela media as trevas dos terrores imagéticos da criança.) Ela é o Objeto Primordial que se ergue sobre nós, à nossa volta e entre nós e o mundo. É então de causar surpresa que sua importância se assome tão grande?

Nossa mãe encarna e dá forma ao arquétipo da vida. Embora o pai contribua com sua herança cromossômica, a mãe é o lugar de origem, o loco do parto e o ônfalo do nosso mundo. Essas "torrentes de ancestralidade" são depositadas com confiança na frágil embarcação de uma única pessoa, uma mulher, que fenomenologicamente comunica o mistério da própria vida e que, no relacionamento específico entre mãe e filho, personifica todos os tipos de mensagens a respeito do nosso relacionamento com a força vital. A bioquímica da mãe no útero, o tratamento que ela dá à criança, as afirmações ou negações com relação à individualidade do filho são mensagens primordiais para os meninos a respeito de seu próprio ser.

Assim como a vida humana emergiu dos mares primordiais, nós também emergimos das águas umbilicais. A maneira como estamos relacionados com essas origens e o modo como passamos a compreender a nós próprios e nosso lugar no cosmo são, a princípio, formados pelo encontro entre mãe e filho. Não apenas compartilhamos com ela a maior parte dos primeiros dias e anos da nossa formação — principalmente quando os pais estão longe e ou totalmente ausentes —, como também seu papel é repetido pelos professores e outras pessoas que tomam conta de nós e que, na nossa cultura, ainda são basicamente do sexo feminino. Por conseguinte, o principal influxo de informações que os homens recebem a respeito de si e a respeito da vida vem da mulher.

Daí deriva o terceiro grande segredo que os homens carregam, ou seja, que *o poder do elemento feminino é imenso na organização psíquica dos homens.*

Como a mãe pessoal é a portadora do arquétipo da vida, experimentamos uma mensagem ao mesmo tempo coletiva e extremamente pessoal. O complexo materno, ou seja, a idéia de mãe que contém carga afetiva, está presente em todos nós. É vivenciado como o anseio de carinho, ligação e proteção. Quando nossa experiência inicial na vida satisfaz essas necessidades, sentimos que pertencemos à vida, que este é um lugar onde seremos amados e protegidos.

Quando nossa experiência primordial do feminino é condicional ou dolorosa, sentimo-nos desenraizados, desligados de tudo. Essa ferida ontológica é sentida no corpo, sobrecarrega a alma e é freqüentemente projetada sobre o mundo em geral. Toda nossa cosmovisão pode derivar dessa "leitura" fenomenológica, em grande parte inconsciente, do mundo.

Isto me lembra uma analisanda. Cíntia nasceu na Alemanha durante os primeiros dias da guerra. Sua mãe biológica, uma artista talentosa e sensível, cometeu suicídio quando a filha estava com dois anos de idade. Seu pai biológico serviu no Wehrmacht e foi capturado na África do Norte. Ao retornar do cativeiro, não se sentiu preparado para assumir seu papel de pai e entregou a filha aos cuidados da irmã da sua esposa; ele morreu um ano depois em um acidente de bicicleta.

A tia aceitara com relutância educar a sobrinha, e nunca estabeleceu vínculo com ela. Quando criança, Cíntia roubava chocolate e brinquedos das lojas, embora sua família fosse de classe média-alta. Ao atingir a puberdade, começou a apresentar quadro grave de anorexia e passou a adolescência em várias clínicas e hospitais. Quando a conheci, ela estava na casa dos trinta anos.

Seu distúrbio alimentar persistiu, mas já não lhe ameaçava a vida. Era agora bulímica, entupindo-se de chocolate e vomitando mais ou menos duas vezes por semana. Ensinava línguas estrangeiras em casa, onde era capaz de controlar o ambiente, e tivera apenas poucos relacionamentos românticos, todos breves e transitórios.

Depois de já estar fazendo terapia há mais ou menos dez meses, sonhou que uma bruxa entrara no seu apartamento, roubara a boneca que ela tinha nos braços e voara depois pela rua. No sonho, ficou ansiosa ao extremo e partiu no encalço da raptora. Ao alcançar a bruxa, tentou comprar a boneca de volta, mas a bruxa recusou. Cíntia implorou e ela respondeu que devolveria a boneca se Cíntia cumprisse três coisas: 1) tivesse relações sexuais com um homem gordo, 2) desse uma palestra pública na Universidade de Zurique, e 3) voltasse para Heidelberg e jantasse com a tia que a criara. O sonho terminou com Cíntia reconhecendo com tristeza que, apesar de saber que o cumprimento dessas tarefas libertaria a boneca, estas encontravam-se além da sua capacidade. Por conseguinte, e em consciência, também se sentia intimidada pelas tarefas.

Esse sonho é exemplo convincente de como todos vivenciamos a mãe nos três níveis ao mesmo tempo. A perda da mãe pessoal, a perda de um pai que também poderia ter-lhe dado amor, carinho e proteção, e a experiência de uma mãe substituta muitíssimo ambivalente traumatizaram Cíntia tanto no nível pessoal quanto no arquetípico. A bruxa é símbolo comum da mãe negativa e é essa experiência da vida que, de forma figurada, roubara a criança interior de Cíntia, sua boneca. Como resultado, a vida dela tornou-se defesa *contra* a vida, contra o risco e o compromisso. Sua aneroxia, e posterior bulimia, era a projeção sobre a comida dessa angústia existencial.

A tríplice tarefa imposta pela bruxa, que é assim vivenciada porque ela encarna a experiência destrutiva da vida de Cíntia, representaria a liberação simbólica das áreas da sua vida nas quais ela está congelada. Não é que devesse literalmente ter relações sexuais com um homem gordo, e sim que procurasse superar seu alheamento com relação ao próprio corpo, o receptáculo do arquétipo da natureza. Devia dar a palestra a fim de superar sua defesa agorafóbica, com relação ao contato com as outras pessoas. E devia encontrar-se com a representante metonímica da sua ferida, sua mãe adotiva, no decorrer de uma refeição, onde a matéria-*mater* poderia ser curada.

Esse sonho representa o esforço da psique de curar-se a si própria. A criança nasce completa, mas depois é ferida pelos episódios da vida, e cada ferimento divide uma verdade natural e produz uma estratégia concomitante de sobrevivência. Essa divisão e resultante complexo são popularmente mais conhecidos como neurose, a separação entre a alma e a sociedade sofrida por cada um de nós. Repito, embora seja de mulher, o sonho ilustra muito bem como os três níveis da existência estão comprometidos e conduzem os vestígios dos encontros iniciais com o mundo materno.

No nível consciente, Cíntia levava vida de autoproteção. No nível do inconsciente pessoal, seu distúrbio alimentar era a expressão simbólica de sua ambivalência com relação à comida, a projeção da mãe-ferida sobre a matéria (do latim *mater*, mãe). No nível arquetípico, sofria o alheamento com relação ao corpo e às outras pessoas porque seus primeiros encontros com o Outro haviam sido contaminados. Os reflexos estrategicamente reunidos que constituíam sua personalidade demonstram a imensa importância do encontro primordial com o Outro, mediado, para o bem ou para o mal, pela mãe pessoal.

Lamentável, porém inevitavelmente, o relacionamento com o Outro primordial torna-se paradigmático para a criança, que se lança sobre os fatos que o destino ofereceu, para definir tanto a si quanto ao mundo. Quando o encontro com o Outro primordial é mais sólido e carinhoso do que o de Cíntia, a criança sente-se mais firme na sua realidade e com mais confiança no mundo circundante. Como Freud certa vez observou, a criança que possuir a devoção da mãe se sentirá invencível.[21]

No entanto, sim, a bênção dedicada da mãe também pode ser uma maldição. Muitas mulheres procuraram viver a vida que não viveram por meio dos filhos. Eis a origem de muitas das piadas do tipo "Meu filho, o médico". Fazendo justiça a essas mulheres, o desenvolvimento do seu animus — o princípio interior masculino relacionado com a segurança, a competência e o poder pessoal — freqüentemente tem sido bloqueado pelas limitações culturais ligadas ao sexo. Dessa forma, essas mulheres procuraram viver indiretamente seu poder através dos filhos. A inflação psíquica nos homens que talvez resulte de uma mãe dedicada pode até conduzi-los a alturas que jamais alcançariam por si próprios.[22]

Jung sugeriu que talvez o maior fardo para a criança fosse a vida que o pai ou a mãe deixou de viver. Assim, o animus subdesenvolvido da mãe amiúde leva os homens, silenciosa e inconscientemente, ao sucesso. Até o avantajado ponta defensivo do time de futebol americano grita "Oi, mamãe!", quando a câmera focaliza-o na linha lateral. Não há nada intrinsecamente errado com o homem motivado por uma forte presença materna. No entanto, precisa indagar de que forma e até que ponto está vivendo a

[21]Ernest Jones, *The life and work of Sigmund Freud*, vol. 1, p. 8.
[22]Ver Mercedes Maloney e Anne Maloney, *The hand that rocks the cradle*, estudo que detecta o papel da mãe na vida de muitos homens famosos.

própria vida, se estiver carregando as projeções do pai ou da mãe. Para que os homens se libertem, precisam pelo menos tornar conscientes os valores a que eles servem.

Por trás dessas ambições cegas, os homens são conduzidos tenebrosamente pelo poder do complexo materno. É muito comum a mulher que não viveu a própria vida, que não desenvolveu seu animus, tentar manter o filho sob seu domínio psíquico. Quero mencionar dois exemplos terríveis, porém verdadeiros.

Um antigo colega meu de um campus universitário nunca se casou e quando estava com cinqüenta e poucos anos sua mãe, que nascera na Europa, foi morar com ele. À medida que envelhecia, foi ficando cada vez mais senil e vagava sozinha pelo campus. Por duas vezes cruzou os braços nas portas do corredor bloqueando a entrada. Quando lhe perguntaram o porquê disso, ela retrucou: "Estou mantendo as garotas afastadas do meu pobre Sammy". Administrara muito bem seu projeto e o filho só se casou pela primeira vez alguns meses depois da morte dela. Tão grande era o fascínio do complexo, que um brilhante estudioso e professor só conseguiu libertar sua psique quando o destino assim o permitiu.

Outro homem que estava passando por muitas dificuldades no casamento, por fim, reuniu forças suficientes para pedir a sua mãe que parasse de se intrometer na sua vida e deixasse-o resolver sozinho seu relacionamento com a mulher. Ele me mostrou o papelzinho no qual ela lhe respondia:

> Querido Filho,
>
> Você jamais conseguirá saber como partiu o coração da sua mãe. Dentre os dez homens que poderiam ter sido seu pai, você só terá uma única mãe. Não durarei muito nesta terra, mas espero que possa ter meu filho de volta antes de morrer.
>
> Com amor, sua Mãe

Algum dia haverá um Corredor da Fama das Mães ao qual esta carta pertencerá. Ela atinge todos os lados: culpa por ele arruinar a projeção do seu animus, a difamação do pai do seu filho e a insinuação de que o filho é responsável pelo bem-estar dela. Em vez de achar graça da atitude visivelmente sufocante da mãe, ou ficar com raiva da sua tentativa de manipulação, sentiu-se esmagado. "Como vou responder?", perguntou. Estava de tal forma sob a influência psíquica da mãe que não conseguia ver através dela; só conseguia sofrer passivamente. Outrossim, fora de tal forma despojado do próprio poder que não era capaz de sustentar sua parte do relacionamento conjugal. A carta dela, e o relacionamento deles, não envolvia o amor e sim o poder. Repito, mais uma vez, as palavras de Jung: onde há poder, não há amor.

De forma semelhante, já presenciei número considerável de homens que fazem terapia cuja necessidade de proteção materna é tão intensa que estão fadados a se sentirem insatisfeitos com suas mulheres. Embora esteja claro que as mulheres não queiram servir de mãe para seus maridos, também está claro que muitos homens buscam em suas mulheres o tipo de aceitação e carinho incondicional que está associado às mães positivas. Com efeito, já vi muitos homens presos a casamentos terríveis em muitos de seus aspectos mas incapazes de aceitar a idéia da separação. A partida encerrava todos os terrores da criança que deixa o lar em busca do desconhecido. A sexualidade, em particular, é acrescida da necessidade infantil de carinho e do contato físico. Assim como as mulheres se cansam de tomar conta de meninos pequenos, também os meninos pequenos acham cada vez mais difícil deixar o lar e crescer, uma vez que os pais não estão disponíveis para mostrar o caminho.

Quando os homens sentem a atração-repulsão do complexo materno, facilmente confundem esse poder com

a mulher exterior da vida deles. Assim como regridem amiúde nos relacionamentos íntimos, transformando a parceira em mãe, inconscientemente exigindo que ela o "amamente", também temem e oprimem as mulheres, como se, ao controlá-las, conseguissem controlar o medo da própria contracorrente. A triste história de como os homens tratam as mulheres é perfeito testemunho deste fato. *O homem oprime aquilo que ele teme.* O medo é responsável pela opressão das mulheres e pelo ataque aos homossexuais, este último levado a efeito mais por homens jovens, inseguros da própria realidade psicológica. A resistência que o presidente Clinton encontrou ao propor o fim da proibição do ingresso de homossexuais nas forças armadas norte-americanas não ocorreu por não existirem homossexuais que já servissem com honra e bravura, tampouco porque o regulamento que controla o molestamento sexual ainda não estivesse em vigor, mas sim por causa do medo do homem machista do seu lado feminino.

O machismo é diretamente proporcional ao medo do homem, e associação de homens temerosos é solo fértil à violência e aceitação tática do poder do feminino nas suas vidas. Inúmeros baluartes da mentalidade machista permanecem na sociedade contemporânea, dos quais talvez o mais retrógrado sejam as forças armadas. Provavelmente, a fim de realizar o trabalho de matar, o homem precise repelir todo princípio de relacionamento dentro de si; mal pode se dar ao luxo de prestar atenção à dúvida ou ao princípio do eros. No seu coração assustado, sabe o que os gregos tornaram claro, há muito tempo, que afinal Ares (Marte) não era páreo para Afrodite (Vênus). Mas ele lutará contra ela porque, lamentavelmente, ainda não aprendeu que ser homem significa também sentir-se à vontade com seu lado feminino. Como seu medo é apenas em parte consciente, é projetado sobre as mulheres e os homossexuais, entre outros. No seu medo irracional, o

homem machista continua menino tanto quanto o homem que espera que as mulheres o papariquem. Ambos sucumbiram por desatino ao poder da experiência materna e negaram dentro de si esse mesmo imenso poder.

Sem dúvida, a maior tragédia para os homens no que diz respeito ao princípio feminino é que seu medo separa-os da própria anima, o princípio do relacionamento, do sentimento e da ligação com a força vital. Esta separação do eu favorece também a dos outros homens. Amiúde, a única ligação dos homens uns com os outros se dá pela conversa superficial a respeito de eventos exteriores, como o esporte e a política.

Recentemente, eu estava em um barbeiro da vizinhança cortando o cabelo, quando um homem entrou todo arrogante e anunciou em alto e bom tom: "Imaginem que idiotice: minha mulher acaba de me dizer que eu devo procurar um terapeuta!" Ninguém respondeu. Achando que ninguém ouviu o que ele dissera, repetiu a frase, e ainda assim ninguém disse nada. No passado, talvez tivesse recebido em coro a esperada resposta de que, sim, sem dúvida era a maior idiotice que já se ouvira. Além de afundar mais ainda na minha cadeira, cheguei à conclusão de que os outros com certeza estavam pensando o mesmo que eu: "Ela teve uma ótima idéia, meu chapa". Vista em retrospectiva, típica de milhares como ela, a cena parece bastante divertida, mas acredito que sob a tentativa do homem de encontrar apoio em um reduto masculino estava escondido seu profundo medo.[23]

O analista junguiano Guy Corneau salienta que os homens também passam a ficar separados do próprio cor-

[23]Enquanto escrevo essas linhas em um domingo, dia de importante jogo de futebol americano, leio no jornal que é nesses dias que ocorre o maior número de espancamentos de mulheres. Se esta asserção for pelo menos parcialmente verdadeira, é vergonhosa, e ilustra o medo que os homens despejam sobre as mulheres nesse dia extremamente machista.

po, uma vez que associam sua realidade corporal com o contato inicial, primordial, com a mãe.[24] Como raramente seus pais os seguravam e abraçavam, relacionam a matéria com a mãe e desligam-se do seu corpo. Por essa razão, os homens procuram o médico quatro vezes menos que as mulheres — o que seria um dos motivos para morrerem mais cedo. Sim, é verdade que os homens se sentem freqüentemente obrigados a contrariar o corpo no trabalho físico ou cerebral, mas o fazem por sua própria conta e risco. É muito fácil culpar as condições externas, mas somos coniventes com nossa própria alienação por causa dessa profunda ambivalência com relação à mãe-matéria que reveste nossos ossos e nervos.

A clássica história do arqueiro Filocteto ilustra o dilema dos homens modernos. Sua história chega até nós vinda da mitologia grega, em uma peça de autoria de Sófocles datada de 409 a.C. Em agradecimento ao serviço fúnebre que ofereceu ao herói Héracles, Filocteto recebe o fabuloso arco que lança flechas envenenadas que nunca erram o alvo. No trajeto em direção às planícies de Tróia, Filocteto é picado por uma serpente. O ferimento resultante não fecha. Por fim, seus companheiros de bordo já não conseguem suportar o odor da ferida supurada e os gritos de angústia de Filocteto, e o abandonam em uma ilha por quase dez anos, enquanto o banho de sangue em Tróia prossegue. Depois de uma profecia afirmando que não conseguiriam tomar a lendária cidade sem a ajuda do arqueiro ferido, os gregos enviam um emissário para convencê-lo a voltar às suas fileiras. Sentindo-se traído, Filocteto rechaça o pedido. Sua vontade é retirar-se para sua caverna, em meio à sua dor e solidão, à espera da morte. O coro, representando a sabedoria coletiva, exorta-o a reconsiderar sua decisão e preferir o compro-

[24]*Absent fathers, lost sons*, p. 23.

misso heróico ao exílio egoísta, mas mantém a recusa. Enfim, ele tem uma visão de Héracles instando-lhe a que retornasse ao conflito. Então se deixa convencer, mata Páris, e serve de instrumento para a queda da fortaleza.

A peça de Sófocles tem sido freqüentemente interpretada como dramatização do conflito entre o indivíduo e as exigências da sociedade. Mas iremos mais fundo se reconhecermos que, embora Filocteto, por certo, tivesse motivos para se sentir traído pelos companheiros, sua reação foi narcisista em essência. Uma ferida narcisista ocorre quando nosso senso mais profundo do eu é prejudicado e, em decorrência disso, passamos a ter a tendência de ver o mundo apenas através dessa *gestalt*. Tornamonos, então, "identificados com a ferida". A guerra de Filocteto, por exemplo, é mais com seus impulsos progressivos *versus* os regressivos do que com os troianos ou seus companheiros gregos. Antes que consiga entenderse com a sociedade e suas exigências, precisa chegar a um acordo com sua raiva e o imenso desejo de retirar-se para a solidão, a dor e a comiseração de si. A visão que teve de Héracles é a projeção do que existe de heróico dentro de si próprio. Só ficará curado ao se envolver por inteiro com a vida e não se retirando dela. A caverna onde queria permanecer era, na verdade, seu próprio complexo materno, um lugar de trevas reconfortantes, quente e úmido de comiseração e carinho.

Vemos o movimento das forças arquetípicas no mito, na tradição religiosa e nos padrões culturais. Discernimos o que é intemporal na nossa condição humana. Ficamos atordoados com o choque do reconhecimento, humilhados com o pequeno papel que representamos ou enobrecidos com a convocação para o grande drama que corre através de nós enquanto molda, e moldava, a história do mundo. Os temas míticos nos mostram como os antigos percebiam por intuição os dilemas da humanidade. Não

é por acaso que os pais da moderna psicologia profunda, Freud e Jung, voltaram-se freqüentemente para o mito para aprender e descrever o movimento das energias invisíveis que dão forma à história através dos atos dos indivíduos.

O tema da serpente, por exemplo, revela rica ambivalência. A serpente era associada aos mistérios da natureza, à Grande Mãe, porque toda a extensão do seu corpo estava em contato com a fonte primordial, a terra. Como tal, a serpente encarnava os mistérios do grande ciclo de vida e morte. Por um lado, como habitante das profundezas, convidava à regressão; por outro, deixa cair a própria pele, conhece os segredos da cura e da renovação. No santuário de Asclépio em Epidauro, o peregrino em busca da cura tomava banhos quentes, os quais simbolizavam a regressão ao útero, aguardando os sonhos ou a picada das serpentes do mundo inferior. Essas visitas ajudavam o corpo e a alma a restabelecer o contato com a Grande Mãe. Por conseguinte, a picada da serpente é análoga ao aspecto dual da mãe, a força arquetípica que ao mesmo tempo em que dá a vida procura tomá-la de volta.

A vida do homem oscila sobre essa estreita linha entre a regressão e a progressão, entre a aniquilação e a individuação. Ele anseia pelo término do estresse psíquico que começa no nascimento, enquanto o ímpeto total da sua herança genética está voltado à realização do seu potencial, tanto como indivíduo quanto como parte da sua cultura.

D. H. Lawrence captou muito bem a tensão resultante em um poema intitulado "Serpente".[25] Enquanto visitava uma fonte na Sicília, o interlocutor do poema encontra uma serpente aquecendo-se ao sol. Fica fascinado pelo encontro com o Outro, mas:

[25]Em *Norton Anthology of Poetry*, pp. 952-954.

A voz da minha educação me disse
Ela precisa ser morta...
E vozes interiores me disseram,
se fosse homem
Pegaria uma vara e a atacaria agora, acabando com ela.

Ele luta com sua admiração pelo ser natural, e, no entanto, as vozes imploram: "Se não estivesse com medo, você a mataria!" O medo e a admiração competem na sua alma. A seguir a serpente, lenta e deliberadamente, começa a escorregar de volta em direção à "porta escura da terra secreta". O poeta é inundado pela sensação de horror diante da idéia de alguém que estava "deliberadamente entrando na escuridão". Nesse momento, atira um cepo na serpente para quebrar a tensão. De imediato, arrepende-se da sua impulsividade: "Que ato desprezível, vulgar e mesquinho!" Ele se critica severamente:

E assim,
perdi minha oportunidade perante um dos senhores
Da vida.
E tenho algo a expiar:
Uma mesquinhez.

É assim a ambivalência dos homens com relação ao mundo subterrâneo. Sentem-se ao mesmo tempo fascinados e assustados. Sentem que aí repousam as origens e a cura, mas também a aniquilação. Assim, lançam os cepos do medo e a oportunidade de reaproximação é perdida.

Quando eu era criança meu avô, que certa vez percorreu as planícies ocidentais, convenceu-me de que seu umbigo era a marca deixada por uma flecha índia. Embora intrigado por ter um ferimento semelhante, acreditei piamente nele. Intuitivamente estava certo. É a ferida do mundo, o ônfalo esticado a partir do plexo solar, o vestígio e o rastro de desconexão que todos trazemos. Esse

ferimento obriga-nos a empreender este exílio a partir da fonte que é nossa vida. Favorece a separação, irrevogável e onipresente, bem como o isolamento e o sofrimento prolongado. Quando os homens sentem o ferimento que não fecha, enterram-se nos braços de uma mulher e pedem-lhe a cura que ela não pode realizar, ou escondem-se no orgulho machista e na solidão imposta. Na história de Filocteto, o coro explica-lhe a universalidade da sua ferida, dizendo-lhe que ainda precisa viver sua vida, mas ele se abriga na dor e na comiseração de si. Esse movimento regressivo só é superado pela visão de Héracles instando para que voltasse à batalha. Eis o encontro com o herói arquetípico.

O herói arquetípico está presente em todos nós. Trata-se da capacidade inerente de mobilizarmos as energias que servem a vida, de destruirmos os demônios do desespero e da depressão. A personificação deste arquétipo pouco tem a ver com as proezas externas; pelo contrário, ele se manifesta quando reunimos energia para enfrentar o medo, a dor e a atração regressiva do útero. Que admiremos os feitos heróicos, nunca deveríamos venerar um herói. A psique sempre nos estimula a sermos alguma coisa. Esta é uma tarefa heróica que aguarda nossa resposta.

Nas origens de todos os povos existe um mito do ato primordial, ou gênese, a partir do qual tudo se origina. Na vida do indivíduo, este evento é o rompimento da ligação com a mãe. De forma análoga, cada povo tem seus mitos da queda, da perda da ligação paradisíaca que precede a consciência. Talvez essa memória racial seja mero resquício neurológico e filogenético do trauma da separação no nascimento. Mas é a partir dessa separação que surge a experiência da dualidade.

Assim tem início a espiral da consciência, um processo em contínuo desenvolvimento baseado na experiên-

cia do sujeito e do objeto, e que causa a dor do distanciamento cada vez maior da ligação primordial. O incremento da cultura consciente, na vida da tribo ou do indivíduo, carrega os frutos da civilização, mas, ao mesmo tempo, o afastamento cada vez maior da Grande Mãe.

Todos os dias enfrentamos o equilíbrio na corda bamba do sofrimento consciente com as feridas do mundo. Como é grande a tentação de nos escondermos em uma caverna ou de mergulharmos em braços aconchegantes. Todas as manhãs, os casquinadores diabretes do medo e da letargia retornam. Não importa o quão corajosamente avançamos ontem, eles voltam hoje e, não satisfeitos em mordiscar os dedos do nosso pé, devorarão nossa alma se o permitirmos. Portanto, desenvolvemos formas elaboradas de evitar a dor da evolução da consciência. Muitos permanecem com pensamentos, emoções e atos infantis. Outros se voltam para os soporíferos das drogas e do álcool. Outros ainda se voltam para ideologias, -ismos simplórios, perspectivas religiosas ou sociopolíticas que oferecem respostas prontas para perguntas complexas, libertando-se desse medo da luta com a tensão dos opostos.

Ao mesmo tempo, a força vital avoluma-se dentro de cada cultura e de cada indivíduo. Esse poderoso eros procura sua ligação à frente, e não atrás. Exige a ativação do arquétipo do herói dentro da sociedade e dos indivíduos. Era função das grandes religiões e ritos de passagem guiar os homens através do nexo da letargia e da progressão, mas hoje em dia cabe a quase todos os homens encontrar seu próprio caminho. No entanto, ainda é fundamental para a sociedade que eles aceitem esse desafio, porque nenhuma sociedade é capaz de prosperar se seus homens forem imaturos.

Algumas vezes, por saber que não pode voltar ao útero, o homem projeta esse anseio no cosmo. A cultura do romantismo era muito propensa a esse *Sehnsucht für*

Ewigkeit, ou "anseio pela eternidade". Percebemos isso, por exemplo, no mito de Empédocles, que se atirou na cratera do Etna, e nas pinturas de Kaspar David Friedrich, especialmente em *O andarilho nas brumas*. Tânatos, o anseio de extinção, está em equilíbrio com eros, a força vital. Historicamente, os místicos têm procurado descrever o indescritível, sistematicamente expondo duas características: a experiência mística é indescritível na essência e envolve uma união com o Todo.

Com mais freqüência, porém, os homens procuram religar-se à força cósmica, primordial, através de um relacionamento. Como mencionei antes, o feminino é vivenciado pelo homem em três níveis. Encontra-se na presença de uma mulher exterior e nos relacionamentos homossexuais através do lado feminino do outro homem. Depara com ele no seu relacionamento com sua anima. E encontra-o pela terceira vez, no seu relacionamento com o mundo arquetípico, no seu relacionamento com a natureza, com seu centro instintivo e com a força vital em geral.

Em qualquer relacionamento o homem fica em grande medida à mercê do que não conhece a respeito de si próprio. E a extensão na qual se encontra nas trevas é o grau em que sua mulher interior é projetada sobre outra pessoa. Como a projeção é, por definição, uma dinâmica através da qual os conteúdos do inconsciente são experimentados como externos, o homem está sempre amando, ou temendo, seus próprios elementos inconscientes.

Lembramos que geralmente a mãe pessoal é a mediadora fundamental da nossa experiência do feminino. Rilke aborda essa verdade na sua terceira "Elegia de Duíno", citada no início deste capítulo. Outro poeta, Stephen Dunn, lembra-se de como sua mãe, a pedido seu, mostrou-lhe os seios. Suave, modesta e carinhosamente ela satisfez sua curiosidade e aplacou-lhe o medo, e "creio

que essa experiência", escreve Dunn, "me permite amar facilmente as mulheres".[26]

No caso de outros homens, a mediação inicial feita pela mãe foi menos suave, menos tranqüilizadora. Os autores que inventaram o termo "matadores em série" comentam que todos os inúmeros chacinadores que estudaram (dos quais apenas um era mulher) tiveram infância perturbada. Todos os crimes foram sexualmente motivados, quer ou não tenha havido a tentativa do ato sexual. Seu medo e sua raiva eram na maioria das vezes dirigidos às mulheres, com quem se sentiam incapazes de formar vínculos calorosos. Richard Speck é exemplo típico. Quando não conseguia sustentar uma ereção enquanto estuprava as freiras de Chicago, ele as matava.[27]

Uma analisanda minha me contou recentemente que um colega de trabalho havia tentado atropelá-la com seu carro. Ele também tinha-a impedido fisicamente de entrar em uma sala do local de trabalho que ele considerava seu território particular. Certa vez, haviam saído juntos e trocado carícias. Quando ela tentou aprofundar o relacionamento, o comportamento dele foi ficando cada vez mais rude e depois violento. Esta não é uma situação incomum. Muitos homens estão repletos de raiva contra as mulheres, e muitas vezes deixam extravasar seus sentimentos. Em alguns casos, sua raiva é o produto de abuso infantil e bastante fácil de ser identificada etiologicamente em função da causa e efeito. Muitas vezes, porém, a raiva é causada por excesso de carinho materno e pouco amor paterno para contrabalançar. A ira neste caso é claro acúmulo da raiva, a emoção epifenomenal que tem lugar quando o território psíquico da criança é violado. Quando este frágil limite é

[26]"The routine things around the house", em *Not dancing,* p. 40.
[27]Robert Ressler e Tom Schactman, *Woever fights monsters,* pp. 79-81.

rompido com insistência, seja através do abuso, seja do excesso de interferência no desenvolvimento da criança, o ego incipiente sofre dano permanente podendo tornar-se sociopático.

O sociopata não consegue formar relacionamento carinhoso com as outras pessoas. A experiência que um homem vivenciou do relacionamento primordial talvez tenha sido tão dolorosa a ponto de ele esperar que todos os outros relacionamentos sejam dolorosos. Dessa forma, sua vida passa a ser triste ciclo que envolve a temível submissão às outras pessoas e a tentativa de explorá-las. Muitas mulheres propuseram-se mudar esse homem e deram consigo vítimas de abuso. Como sua personalidade é uma proteção contra a dor, ele não consegue suportar a idéia de voltar-se para dentro de si e sofrer essa dor, retirando-a desse modo do Outro. Lamentavelmente, esta dor histórica torna-se o permanente amortecedor entre ele e as outras pessoas. Independentemente das suas realizações externas, é um homem terrivelmente assustado, a ponto de não conseguir suportar encarar sua dor, capaz apenas de enxergar o Outro como a fonte ou o prolongamento dessa dor.

Não é minha intenção aqui culpar as mães (e tampouco os pais serão culpados mais tarde), mas é necessário reconhecer que a imago do feminino afetivamente carregada é consideravelmente influenciada tanto pela experiência da mãe pessoal quanto pela primeira experiência do ambiente protetor. A anima é energia arquetípica que existe em todos os homens. É basicamente um modo de experimentação e relacionamento e não um tipo particular de conhecimento. Influenciada pelos relacionamentos com as mulheres exteriores e pela cultura (a Madona que estiver na moda, por exemplo, a Virgem de Chartres ou a virgem erótica), a encarnação do homem do feminino interior é função da posição dele diante da força vital

que corre dentro dele, e de quanto ele está à mercê das suas alterações de humor.

Nunca me esquecerei de um homem que, arrastado pela mulher à terapia, entrou, sentou-se, reparou numa caixa de papéis de seda e disse, com um sorriso afetado: "Vejo que sua última cliente foi uma mulher". Na verdade, ele estava certo, mas eu não queria admiti-lo. "Os homens também podem chorar", respondi. "Mas não precisam", ele retrucou, "conseguem dar um jeito". Respondi: "Muitos homens carregam dentro de si uma montanha de raiva e um mar de lágrimas, e se não extravasarem serão simplesmente esmagados". Deu outro sorriso afetado, como se dissesse: "Você é tolo como eles". Quando lhe perguntei do que sentia medo, respondeu apenas que achava que devia manter sua mulher na linha porque era ela quem tinha problemas. Não é difícil predizer que sua "terapia" não continuou.

Falando de maneira geral, o menino pode sofrer por "excesso" ou por "escassez". Dois homens me vêm à cabeça como exemplo deste último caso.

A vida de Joseph girava em torno de um acontecimento único e extraordinário. Quando tinha oito anos de idade, sua mãe anunciou que estava indo embora. Postou-se na porta de casa, olhando-a entrar no carro com um homem estranho e partir para sempre. Nunca mais a viu. Seu pai recusou-se a discutir o assunto e continuou a beber para esquecer a dor. Joseph cresceu sentindo-se abandonado. Nunca foi obediente no colégio e aprendeu a se sustentar e quando me procurou era gerente de uma pequena indústria. Veio fazer terapia por vontade própria; com efeito, eu era o terceiro terapeuta que procurava. Ele levara a mulher ao terapeuta dois anos antes, "para corrigi-la". Quando o processo pareceu não dar certo, eles visitaram juntos um segundo terapeuta, com quem ele insistiu que hipnotizasse sua mulher "para obter a

verdade". Embora acreditasse que sua mulher o amava e também aos dois filhos do casal, Joseph estava obcecado pela idéia de que ela estava mantendo casos extraconjugais, curtos e indiscriminados, sempre que aparecia uma oportunidade.

Embora o terapeuta esteja em parte à mercê do que o cliente decide contar (e certamente os casos amorosos não são raros no casamento), os exemplos que Joseph apresentou do adultério da esposa tornava este fato altamente improvável. Em um dos aniversários de casamento do casal, por exemplo, alugaram um quarto de hotel em um dos cassinos de Atlantic City. Enquanto estava tomando banho, chegou o serviço de quarto. Joseph ficou convencido de que sua mulher conhecia o garçom e que mantiveram ligação rápida naqueles poucos minutos. Para ele, a prova era que ela "se mostrava suspeita". Havia outros exemplos disponíveis, todos possíveis, mas exigindo imaginação bastante fértil. A pedido dele, entrevistei sua mulher em particular. Ela confirmou sua dedicação ao casamento e não conseguia entender por que ele era sempre tão desconfiado.

O poder do invisível, da inevitável energia do inconsciente, é claramente perceptível no dilema de Joseph. Ele vira a Ela, sua mãe, desaparecer, e a partir desse único evento traumático chegara à conclusão de que não contaria com Ela.

A psique muitas vezes funciona de forma análoga, dizendo "já estive aqui antes". Racionalmente, a situação atual pode não ter nenhuma relação com o que ocorreu no passado, mas o elo emocional está presente. A mulher de Joseph tornou-se o Outro feminino e íntimo que tinha nas mãos o bem-estar dele. Do mesmo modo como ela era capaz de amá-lo, na mente dele ela também era capaz de ser infiel, de partir com outro homem — como sua mãe o fizera. Seu complexo materno exagerava os fatos, che-

gando à conclusão antecipada e temida de que esta mulher também o abandonaria.

A vida psíquica de Joseph estava organizada ao redor daquela imago carregada de "Aquela que partiu — e partirá de novo". Apesar de isto ser extremamente injusto para com sua mulher, ele não conseguia deixar de repetir a fantasia, de acordo com o que é psicanaliticamente conhecido como "formação de reação". É preferível o demônio que conhecemos à ambigüidade e a tensão do desconhecido. A memória repetia a mesma cena triste e terrível — o abandono —, apesar da presença palpável da esposa. O complexo afirmava sua autonomia sobre a mente racional e construía sua própria realidade. Tão grandes eram a ferida de Joseph e as defesas ao redor dela, que abandonou a terapia quando não conseguiu receber a confirmação da traição da sua mulher.

Outro homem, Charles, perdeu o pai quando pequeno. Sua mãe entrou em depressão que durou anos, deixando Charles sentindo-se inseguro e abandonado. Quando adulto, suas relações com as mulheres seguiram o padrão do *puer aeternus*, o homem que ainda tinha necessidade da mãe.[28] Idealizava as mulheres, colocava-as sobre um pedestal, e depois, quando elas se dedicavam ao relacionamento, ele se afastava e se protegia. As mulheres que se envolviam com ele compreensivelmente se recolhiam assombradas e algumas vezes iradas. Charles parecia genuinamente estarrecido com a reação delas, pois achava que elas deviam ter entendido o ocorrido e que nada havia feito para afastá-las.

Na verdade, o que queria era que sua mãe tivesse compreendido sua necessidade infantil de proteção e es-

[28]Ver, por exemplo, Marie-Louise von Franz, *Puer Aeternus: a psychological study of the adult struggle with the paradise of childhood* (trad. bras.: *Puer Aeternus*, Paulus), e também Daryl Sharp, *The secret raven: conflict and transformation.*

tabilidade, mesmo da presença da própria dor dela, e agora ele como criança estava pagando duplamente. Novamente, a ferida foi tão profunda para a criança que o adulto, como no caso de Joseph, continuou a ver a culpa "lá fora", nas mulheres em geral. Por conseguinte, em vez de reconhecer a psicodinâmica que levava para os relacionamentos, sua meta na terapia era simplesmente melhorar sua escolha das mulheres. Tinha muita dificuldade em reconhecer que o padrão de falsa idealização, ambivalência, rejeição e abandono estava formado dentro dele e projetava-se sobre cada mulher que ele encontrava.

Naturalmente sem a capacidade da introspecção, estamos fadados a viver em um mundo criado pela projeção e, o que não é de causar surpresa, deparar com nossas fantasias e piores receios refletidos de volta para nós. O que não reconhecemos dentro de nós sempre será projetado externamente.

Um último exemplo deverá ser suficiente. Stephen é filho de pais imigrantes que trabalhavam arduamente na sua loja para "conseguir vencer" na América. Enfrentavam não apenas obstáculos de uma nova cultura como também as dificuldades de fazer qualquer negócio prosperar nas décadas de trinta e de quarenta. Stephen trabalhava longas horas ao lado dos pais, mas nunca sentiu que estes lhe davam carinho. Estavam sempre lutando contra a corrente, e ele era, como muitas vezes tem ocorrido historicamente com as crianças, parte do meio de sobrevivência da família e suas necessidades não eram satisfeitas.

Depois de adulto, Stephen casou-se mais de uma vez e teve vários casos amorosos, mas nunca se sentia satisfeito. Sua ferida também era causada pelo abandono, e esperava que cada mulher de quem se aproximava preenchesse o trágico déficit da sua infância. Com relação a

uma de suas amantes, disse que o que mais apreciava era aconchegar-se a ela, deitar na sua barriga. Quando ela queria fazer sexo, ele ficava com medo das exigências dela. A cena que ele descreve é na verdade a da Madona com o filho, segura e aconchegante, distante das ruas perigosas e dos tempos difíceis do passado.

Stephen estava eternamente zangado com as mulheres da sua vida; controlava-as através do dinheiro e de ameaças, e sentia que o estavam usando. Mais uma vez, o padrão mais profundo era que Ela não estava presente para ele. Seu vazio narcisista era de tal magnitude, que nenhuma mulher era capaz de preenchê-lo, nem sequer o Outro mais protetor e co-dependente que ele pudesse encontrar. Assim, a vida de Stephen se caracterizava pela tristeza, pois era a criança cronicamente subnutrida, desesperadamente em busca de um parceiro que oferecesse a proteção cósmica da Grande Mãe. Nesse ínterim, tornou-se valentão, cheio de raiva e exigindo obediência. Podemos ver novamente o mesmo triste ciclo em ação. Quer o homem tente tornar sua parceira o Outro protetor, ou seja, a mãe, quer tema a magnitude da própria necessidade e se defenda dela, ele comprova o poder do complexo materno.

Ao descrever a influência penetrante da anima, Jung menciona o romance *She*, de H. Rider Haggard, no qual o herói encontra "Aquela que deve ser obedecida". Os telespectadores americanos viram uma cena cômica do romance na série PBS "Rumpole of the Bailey", na qual o velho e mal-humorado ator Leo McKern, depois de derrotar diante do tribunal o melhor representante da Rainha, estremece ao ouvir o retumbante "Rumpole!" da sua esposa e desanimadamente resmunga: "Aquela que deve ser obedecida".

Lembremos novamente que a anima é um arquétipo, ou seja, um padrão psíquico que media o relacionamento do homem com o instinto e a força vital. O encontro com a

mãe pessoal inevitavelmente influencia e condiciona o relacionamento do homem com sua própria anima, porém com excessiva freqüência a experiência da criança domina a psicologia do homem. Loren Pederson resume a tarefa:

> Uma das maiores tarefas evolutivas do homem é alcançar a separação saudável do vínculo com sua mãe pessoal. Também precisa desenvolver a consciência da importância da imagem da mãe arquetípica... Ao contrário da filha, o filho carece de identificação primária com a mãe, em especial quando começa a emergir psicologicamente dela. Na vida adulta, vestígios do problema original do apego/separação são transportados pela imagem interna da anima do homem.[29]

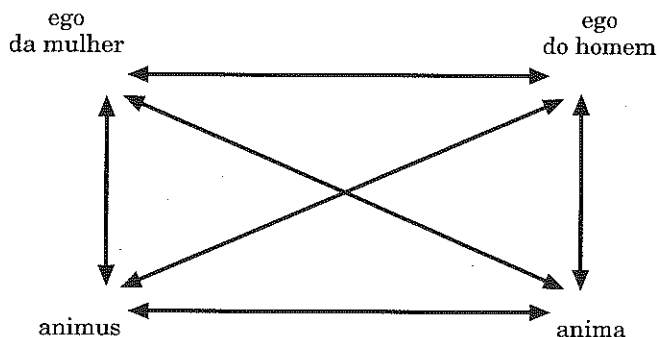
O homem que fantasia que sua esposa está se divertindo com outro; o homem que demonstra sua ambivalência para com sua parceira íntima; o homem que se enfurece com sua esposa inadequadamente protetora; o homem que telefona para sua esposa de cada parada de caminhão ou aeroporto, controla o talão de cheques e afirma que sua mulher não sabe lidar com as finanças; o homem mulherengo, que menospreza as mulheres e ataca os homossexuais; o homem que tenta agradar sua parceira não dando atenção aos próprios interesses — todos estes ainda não saíram de casa. Ainda estão apegados à experiência mãe-filho, não estão em contato com a própria alma.

Se nos lembrarmos de que o patriarcado é artifício cultural, invenção que procura compensar a impotência, compreenderemos que os homens, ao contrário da opinião mais difundida, são com mais freqüência o sexo dependente. O homem do tipo Marlboro, o vigoroso individualista, é o que é mais atacado de emboscada pelo seu elemento feminino interior, pois é ele que está mais em negação. Sempre que o homem é obrigado a ser bom me-

[29]*Dark hearts: the unconscious forces that shape men's lives*, p. 74.

nino, ou, ao contrário, quando sente que precisa ser mau menino, ou um homem selvagem, ele ainda está procurando compensar o poder do complexo materno.

Não estou dizendo que é culpa do homem que seja assim vulnerável e dependente; isto é meramente humano. No entanto, é responsabilidade dele reconhecer o quão profundamente qualquer criança precisa de proteção materna positiva e o quanto o padrão dessa necessidade põe em movimento sua vida psíquica e continua a atuar debaixo da superfície. Embora finja deter um poder adulto, segurar as rédeas do governo ou das finanças, as linhas do estresse invadem profundamente seu relacionamento com sua mãe. Os homens precisam compreender e aceitar este fato, e depois responsabilizar-se por ele, caso contrário continuarão eternamente a representar padrões infantis.

O diagrama que segue, adaptado da explicação de Jung sobre o que se dá psicologicamente na terapia, sob o aspecto da transferência e da contratransferência, mostra a variedade de trocas que ocorrem em qualquer relacionamento heterossexual.[30]

[30]Discussão mais ampla dessa dinâmica encontra-se no meu livro *Middle passage*, pp. 46-47, e em Daryl Sharp, *The survival papers: anatomy of midlife crisis*, pp. 70ss. (A descrição e os diagramas originais de Jung do "cross-cousin marriage" encontram-se em "The Psychology of the Transference", *The practice of Psychoterapy*, CW 16, pars. 422 [*A prática da Psicoterapia*, OC 16]).

Embora o relacionamento possa ser representado no nível consciente, cada pessoa recebe informações dos conteúdos do seu inconsciente, o que é indicado pelos eixos verticais. A experiência de apaixonar-se ocorre quando o Outro se alinha, ainda que apenas durante algum tempo, com a imagem interior que a pessoa tem do ser amado. Raramente, e talvez nunca, o Outro consegue estar à altura dessa expectativa, de modo que regularmente a paixão esmorece. O relacionamento do homem com a amada nunca pode ser melhor do que o seu relacionamento com sua própria anima, porque seus elementos inconscientes contaminarão seu relacionamento com o Outro, da mesma forma como o Outro, por sua vez, também está lançando projeções sobre ele.

Embora a anima tenha raízes arquetípicas, lembremos que a mediação dessa experiência é realizada essencialmente através da mãe pessoal, depois pelas outras mulheres na vida do menino e pelas imagens disponíveis na sua cultura. Portanto Stephen se enfurece porque sua mulher não o está paparicando, embora conscientemente não se considere tão dependente. E George se intitula o marido perfeito por causa da sua solicitude para com sua mulher, e no entanto, no fundo, ainda está buscando servir a Ela, ganhar as boas graças Dela, ser o bom filho Dela.

Como os homens não têm consciência de que a anima está dentro deles, procuram por Ela nas outras mulheres, fogem Dela, oprimem a Ela, pedem a Ela que seja a Beatriz do seu mundo subterrâneo, anestesiam a dor Dela através do trabalho ou das drogas. Não notam a presença Dela nos seus sonhos, no vôo da sua alma, na companhia de outros homens, na amizade com as mulheres, na arte, na música e no esporte, e nas suas fantasias e loucura transitória. O homem que nega que o relacionamento entre mãe e filho é fundamental, que ele in-

fluencia tudo que ele sente a respeito de si próprio, a respeito da vida e dos outros, vive em profunda ignorância. E, é claro, o que ignora será projetado nos outros. Até sua mais profunda sexualidade é alimentada por essa projeção. Quando está com Ela, religado, ainda que temporariamente, sente-se à vontade.

A maioria dos homens considera as condições da sua vida de trabalho uma batalha cotidiana. Nenhum privilégio, nenhum carro, nenhuma chave do banheiro da diretoria, nem sequer um aumento atenuará a perda diária da alma. O homem compreende, bem no fundo, que está vendendo sua alma, e nenhum contracheque é suficientemente alto para compensar este fato. Assim, põe o fardo da sua alma sobre a frágil e tangível ligação com uma mulher, ou com a anima de outro homem. Tome conta dela, conforte-a, acolha-a, ainda que por pouco tempo. Depois, *post coitum triste*, ele se desliga novamente, fica à deriva, à mercê do mundo e das suas batalhas.

Debaixo das pálpebras, todas as manhãs, quando se erguia das profundezas do sono para enfrentar outro dia, certo homem me disse que se sentia como se voltando ao segundo grau no jogo de futebol. A linha estava demarcada, e naquele momento, antes que a bola fosse agarrada, antes do choque e da colisão da vida econômica, ele sempre criava fantasias sobre sexo. Outro homem, cuja mãe fora distraída e o rejeitara, carregou sua anima com um anseio viciador por Ela. Ele insistia com sua mulher para que tivesse relações sexuais com ele todos os dias até que, finalmente, ela se rebelou. Ele sentiu novamente toda a mágoa e a rejeição, e a sensação vaga de morte próxima. "Cada vez que nos amamos", disse, "sinto que compro um dia de volta da morte. Cada dia que não nos amamos, sinto que a morte moveu-se furtivamente um pouco mais para perto".

Para esses dois homens, o sexo funcionava como tranqüilizador e religador, em vez de ser experiência

de comunicação e intimidade. Era, simbolicamente, a religião deles. Para o primeiro, a batalha continuou; a fantasia constante com qualquer pessoa que atravessasse seu caminho funcionava como pálido paliativo para as cicatrizes da alma. Para o último, sua capacidade de perceber que estava na verdade transformando sua esposa em mãe substituta ajudou-o a puxar de volta a projeção. Sua sexualidade tornou-se menos compulsiva, mais relaxada, menos voltada para o desempenho, e a ternura do relacionamento voltou a manifestar-se. Compreendeu que sua angústia inconsciente tinha uma urgência tão grande que ele afastara sua esposa. Quando pôde reconhecer o desgosto da sua criança interior e seu anseio compulsivo de união, o relacionamento recuperou suas proporções normais.

A não ser que o homem consiga reconhecer sua dependência, vale dizer, a dependência da criança interior, ele ou se debaterá em um relacionamento doentio com uma mãe substituta ou ficará com raiva pelo fato de sua parceira não estar à altura das suas exigências. Quase todos os homens teriam vergonha de admitir que procuram sua mãe através da parceira, mas se não conseguirem separar seu relacionamento com a mãe na infância do relacionamento atual, estarão repetindo um roteiro velho e regressivo.

Jung escreveu com bastante eloqüência a respeito desse enorme drama mítico que percorre a alma do homem. Para tornar-se um ser adulto consciente, precisa lutar com vigor contra seu complexo materno, reconhecendo que a batalha é interior. De outra forma, com certeza irá projetá-la sobre as mulheres, seja sucumbindo à orientação delas ou procurando dominá-las, e as duas atitudes demonstram o poder do complexo materno. Em ambos os casos, concretiza ao mesmo tempo seu medo e seu anseio mais profundo — a aniquilação na mãe.

O medo e o anseio pela aniquilação, escreve Jung, é um "espírito de regressão" poderoso e personificado:

> [Ele] nos ameaça com a ligação com a mãe e com a dissolução e a extinção no inconsciente. Para o herói, o medo é desafio e tarefa, porque somente a audácia pode libertar a pessoa do medo. E se o risco não for assumido, o significado da vida é de certa forma violado, e todo o futuro condenado à deterioração irremediável, a um cinza opaco iluminado apenas por quimeras e ilusões.[31]

É impossível enfatizar em excesso o poder deste terrível anseio pelo útero; é imensamente doloroso sustentar a consciência para combatê-lo. A idade adulta, a responsabilidade existencial pela sobrevivência e crescimento, é prêmio prometéico arrancado das profundezas. Os homens podem se separar da mãe, das mulheres, da própria anima, e achar que estão seguros. Mas pensemos. Jung prossegue:

> Ele sempre imagina que seu pior inimigo está à sua frente, mas o inimigo está dentro dele — um anseio mortífero pelo abismo, um anseio de se afundar na própria origem, de ser sugado para a esfera das Mães... (i.e., as profundezas arquetípicas). Para viver, precisa lutar e sacrificar seu anseio pelo passado a fim de ascender às próprias alturas... A vida exige que a pessoa jovem sacrifique sua infância e sua dependência infantil dos pais físicos, para que não fique presa em corpo e alma nos grilhões do incesto inconsciente.[32]

Entendemos, então, por que nossos antepassados possuíam ritos de passagem tão poderosos. Conheciam muito bem o poder regressivo da psique, o anseio pela segurança e saciedade da Mãe. O incesto inconsciente de

[31]*Symbols of transformation*, CW 5, par. 551 (*Símbolos de transformação*, OC 5).
[32]*Ibid.*, par. 553.

Édipo, o anseio de paz de Filocteto, a fascinação de Fausto pela esfera das Mães — os homens põem nas mulheres a culpa de todas essas seduções, mas sua verdadeira origem repousa no medo que sentem da dor da vida e no fascínio da aniquilação.

Existe uma maneira de sair do labirinto. Alguns homens conseguem escapar dos vínculos inconscientes com a Mãe. Libertam-se, não Dela, mas da submissão deles ao próprio anseio pelo descanso e abrigo. Mas sua coragem e vigilância cotidianas, seu trabalho sobre si próprios, impedem que escorreguem e dêem um passo atrás.

Dois exemplos de homens envolvidos nesse trabalho poderão ser úteis. Certo homem, Lawrence, foi criado por uma mãe com necessidades narcisistas. Seu pai a servia, sua irmã a servia, e Lawrence também a servia. Quando saiu de casa, casou-se com uma mulher que tinha uma doença congênita a quem ele também servia, sem suspeitar de que ao escolhê-la estava mantendo seu vínculo com sua mãe. Na meia-idade, desenvolveu forte depressão. Deixou a esposa, e, cheio de culpa, começou a fazer terapia. Depois de se contorcer durante um ano no turbilhão do remorso e da indecisão por ter desistido do seu papel de salvador, teve o seguinte sonho:

> Uma mulher está de pé em um balcão olhando para mim. Há um carro esporte amarelo no local.
> Salto para dentro do carro e me afasto. Chego então a um lago e entro em um barco. Vejo um templo grego debaixo d'água. Também existem trutas no local que eu posso comer. Chego então à outra margem. Lá encontro uma serpente com um pássaro na boca. Pego uma faca e rapidamente corto a cabeça da serpente e salvo o pássaro. Fui picado. A serpente que teve a cabeça decepada transforma-se em peixe e eu posso comê-lo.

Nas associações que fez com as imagens do sonho, Lawrence achou que a mulher no balcão era sua mãe,

cuja presença o envolvera toda a vida. O carro esporte amarelo personificava a repentina decisão de deixar o domínio dela, de sentir a plena força e o impulso da autodeterminação. Quando atravessa a água, um símbolo onipresente do inconsciente, ele percebe as grandes riquezas que podem ali ser encontradas: a antiga sabedoria encarnada no templo, e o alimento da alma simbolizado pelos peixes. No entanto, do outro lado, depois de deixar a mãe pessoal, a mãe arquetípica o aguarda. O pássaro, que sugere o espírito e o propósito transcendente, ainda corre perigo por causa da nossa velha amiga, a serpente. Novamente a vontade, a determinação masculina, o poder fálico simbolizado pela faca, permite que ele separe o vôo do seu espírito do regressivo complexo da serpente.[33] A energia que poderia muito bem ter ficado alojada na mãe torna-se então disponível para a jornada da vida. A serpente regressiva transforma-se em peixe potencialmente nutritivo.

Outro homem, no final da casa dos cinqüenta, carregava a introjeção da imago opressiva da sua mãe como crítica e intrometida. Durante décadas projetara sua presença enervante sobre seu patrão, as pessoas com quem tinha mais intimidade e sobre o mundo em geral. Quando criança, sua única defesa fora evitá-la, através da fantasia e dos estudos. Aos dezessete anos, voou para longe dela, uma cortesia da Força Aérea dos Estados Unidos. Evitava a confrontação com as outras pessoas e seu estilo de vida era de isolamento. Depois de estar algum tempo fazendo terapia, sonhou o seguinte:

> Conduzo uma menina pelo cais para subir a bordo do Queen Elizabeth 2 para uma viagem. Mas não consigo desta vez encontrar o navio. A cena então muda. Sou

[33]Extensa análise em livro sobre este tema aparece em Robert L. Gardner, *The rainbow serpent: bridge to consciousness.*

> levado a esta maravilhosa casa por uma mulher bela e prestativa. É a casa dos meus sonhos. Toda de adobe branco com uma espaçosa sala de estar e uma bela vista descortinada através de uma parede de vidro. Sobre uma mesa de centro, repousa um belo vaso de cristal com rica folhagem.

Esse homem tivera muitos sonhos de viagens marítimas ou de avião, que representavam seu desejo de fugir, de evitar a presença da sua mãe. Neste sonho, conduz uma imatura figura da anima para o navio da mãe (o complexo). Mas não consegue encontrá-lo; não existe a possibilidade de fuga. Então, uma anima adulta e prestativa o conduz a uma bela casa de adobe, o que faz lembrar Beatriz guiando Dante para fora do mundo subterrâneo. Associou a casa inspirada em Frank Lloyd Wright ao local do seu ser em potencial, o Teliesin da sua alma. Viu o belo vaso de cristal como um Santo Graal, um recipiente de conteúdos psíquicos que estimulam a alma. O vaso continha rica folhagem, que apontava para o aspecto vitalizante da Grande Mãe.

É tentador exagerar a importância desse sonho, mas realmente pareceu anunciar uma transformação psíquica. Desde a infância, esse homem sentira-se dominado pelos outros. A figura cuja proteção lhe faltara quando criança havia se introduzido à força na sua frágil vida psíquica, cruelmente ferindo seu eros e gerando um complexo materno voraz e destrutivo. Seu gradual entendimento do poder da mãe, refletido em muitas experiências de vida, permitiu que recolhesse a projeção Dela sobre outras pessoas e situações. Com isso, conquistou crescente sensação do seu poder de fazer escolhas e de manifestar as energias com as quais a natureza o contemplou.

Nenhum homem será ele mesmo enquanto não confrontar a experiência materna que interiorizou e que leva a todos os encontros subseqüentes. É somente através da

coragem de enfrentar esse abismo em potencial que pode se tornar independente e livre da raiva. Se ainda culpa a mãe ou as mulheres, ainda não cresceu; ainda busca a proteção, ou evita o domínio da mãe.

Embora meu desejo aqui não seja lançar culpas e sim fazer uma descrição para que ocorra o entendimento, os pais necessariamente desempenham papel extremamente importante no fardo que a criança carrega. Jung faz referência direta a este fato:

> O mais forte efeito psíquico exercido sobre a criança é geralmente a vida que os pais (e os antepassados também, pois estamos lidando aqui com o antiqüíssimo fenômeno psicológico do pecado original) não viveram. Esta declaração seria um tanto negligente e superficial, se não acrescentássemos o seguinte, à guisa de qualificação: a parte da vida deles que *poderia ter sido vivida*, caso certas desculpas um tanto esfarrapadas não tivessem impedido os pais de fazê-lo. Falando claramente, é aquela parte da vida da qual sempre se esquivaram... [que] semeia os germes mais virulentos.[34]

Nossos antepassados intuíram este fato: o que não sofremos, não tornamos consciente e não assimilamos é passado para a geração seguinte. Como observa Jung depois dos comentários acima: "A maldição dos átridas não é uma frase vazia".[35] Além disso, acrescenta ele: "E quando se agride a natureza não adianta alegar ignorância".[36]

Assim, especialmente, as excentricidades da personalidade da mãe, o nível de consciência dela, a qualidade do ferimento dela e estratégias resultantes formam a herança psíquica da criança. É dela que extrai número enorme de mensagens sobre si e sobre a vida e com quem

[34]"Introduction to Wickes's 'Analyse der Kinderseele' ", *The development of personality*, CW 17, par. 87 (*O desenvolvimento da personalidade*, OC 17).

[35]*Ibid.*, par. 88.

[36]*Ibid.*, par. 91.

precisa se entender. Mesmo quando o filho está casado e vive com outra mulher, ela pode desempenhar papel determinante (o que é demonstrado pelas inúmeras piadas a respeito da sogra).

Um fato crucial da experiência humana deriva da separação original do nascimento.[37] Enquanto antes a criança estava ligada à pulsação do cosmo, com todas as necessidades satisfeitas, ela é agora lançada sozinha em um mundo de gravidade e de crescente consciência de relocação radical. O frágil ser humano que se torna mãe carrega um poderoso peso arquetípico. A experiência da criança da mãe pessoal gera a experiência interiorizada do feminino, ou seja, o complexo materno. A experiência fenomenológica da mãe pessoal também condiciona e influencia a experiência da vida propriamente dita, do encontro com todas as forças naturais, ou seja, com a mãe arquetípica.

A dependência absoluta da criança da sua mãe, ou da mãe substituta, é evidente. A vulnerabilidade da criança causa ansiedade de separação primordial que é inevitável e repercute por toda a vida da pessoa. Freud estava certo ao asseverar a primazia do eros, o anseio da fusão ou da religação, pois a primeira experiência da vida é de separação. Durante a vida, portanto, o homem procura religar-se. Como não pode recuar até Ela, precisa procurar a Ela, ou sua substituta simbólica, lá fora, nos relacionamentos com seus semelhantes ou instituições, nas ideologias ou no pai celeste, Deus.

Além do trauma do nascimento, o relacionamento específico entre mãe e filho desempenha imenso papel na psicologia pessoal do homem. É extremamente provável que sofra um ou dois tipos de ferimento. Vivenciará um

[37]A memória filogenética dessa separação poderá ser responsável pelo fato de todos os povos terem seu relato tribal de "queda", a memória coletiva de um estado paradisíaco perdido.

excesso dela ou não terá o suficiente. No primeiro caso, as necessidades da mãe, sua psicologia não estudada, suas feridas, a vida que ela não viveu serão inevitavelmente impostas ao filho. O "excesso" dela inundará os frágeis limites da criança, gerando nesta a sensação de impotência. Esse peso será carregado para a vida adulta, projetado nas mulheres e nos acontecimentos em geral, e sua impotência o perseguirá constantemente.

Analogamente, o homem poderá experimentar a incapacidade da sua mãe de satisfazer suas necessidades e sofrer a sensação de abandono. Esse fato inevitavelmente diminui seu senso de valor interior ("Se eu fosse melhor eu receberia o que preciso e mereço"), resultando na insegurança generalizada bem como na busca incessante por Ela, alimentada pela angústia. O senso do eu do homem é fortemente afetado por essas feridas — o peso excessivo, o abandono, ou ambos.

Assim como o filho vivencia a qualidade condicional do seu mundo, mediada pelo encontro com a mãe, ele também sofre a ansiedade da separação. Esta ansiedade generalizada, existencial no alcance e local na experiência, transforma-se em vários temores não específicos a respeito de si, dos outros e do feminino. Esses diversos receios são carregados bem no íntimo e repetidamente projetados sobre as outras pessoas. A raiz indo-germânica *angh* ("constringir") deu origem às palavras inglesas *angst, anxiety, angina* e *anger*. As possíveis ameaças ao bem-estar do organismo dão origem, involuntária e repetidamente, a esta gama de emoções. A criança sabe, instintivamente e intuitivamente, o que é necessário e sente-se ao mesmo tempo enraivecida e traída quando perde o necessário Outro protetor.

Em um ensaio intitulado *Luto e melancolia*, Freud comentou que a perda clara do Outro, como, por exemplo, pela morte, produz pesar. Quando o Outro não está

emocionalmente presente, sofremos a perda mas o objeto ainda está conosco. Essa dissonância cognitiva produz tristeza, ou melancolia, voltada para o interior, porém sofrida durante toda a vida da pessoa. O sofrimento silencioso, esse *pathos*, gerou algumas das mais exóticas expressões de anseio na música, na arte e na poesia lírica. A atmosfera do canto religioso negro, "Sometimes I Feel Like a Motherless Child" ("Às vezes me sinto criança órfã de mãe"), é intuitivamente sentida por todo mundo. Esse "anseio pela eternidade" deu origem aos trovadores alemães da Idade Média, ao posterior movimento do romantismo e à grande preponderância das melancólicas músicas do estilo caipira. Lá fora, em algum lugar, Ela espera.

Para quase todos os homens, o ferimento duplo gera ao mesmo tempo raiva e dor. Essa raiva é essencialmente inconsciente, indefinida. Pode se processar de quatro formas. Ao se sentir impotente, a pessoa fica deprimida. A depressão tem sido definida de várias maneiras, entre elas como "raiva voltada para dentro" e "desamparo adquirido". Ou então a pessoa interioriza essa raiva dentro do corpo, o que poderá então se combinar com outras circunstâncias físicas gerando doenças como distúrbios gástricos, enxaquecas, doenças cardíacas ou câncer. Freqüentemente, a raiva vazará a partir da repressão. O que o menino não pôde expressar com a mãe virá à tona no homem como irritabilidade generalizada. Isso se chama raiva "referida" ou "deslocada", que espera apenas a leve provocação para explodir em uma torrente de emoção objetivamente injustificada (a indicação fundamental de um complexo ativado).

Alternativamente, o homem pode externar sua raiva de forma autodestrutiva ou através da violência dirigida para as outras pessoas. O estupro é amplamente considerado crime de violência de raiva referida, e não

de lascívia. A violência diante das mulheres, em particular, é função da intensidade da injúria cometida contra o complexo materno do homem. Uma vez que a qualidade e a profundidade do complexo são essencialmente inconscientes, o homem só pode atacar o que chega até ele em outro disfarce.

Inclusive depois de adulto, cada encontro seu com o feminino exterior será influenciado por esse profundo drama interior. Naturalmente, o homem transferirá seu medo da perda e de ser ferido para seu ambiente externo, ainda quando sua psique carrega no interior essas experiências na qualidade de complexos. Intuindo o terrível poder dessa história interiorizada, e vivenciada seu possível ressurgimento no presente, o antigo medo volta à tona. É impulsionado pela sua experiência infantil do poder do feminino. Em uma atitude de autodefesa, tentará dominar ou apaziguar o Outro exterior. Desse modo, a história do relacionamento entre os sexos é triste ladainha de homens tentando dominar e controlar por causa do medo que sentem pelo feminino interior. Sempre que vemos os homens tentando controlar as mulheres, estamos na presença do vil trabalho do medo.

Como terapeuta, fui testemunha da atuação desse medo no equilíbrio unilateral de poder de muitos casamentos. Vendo o homem inexoravelmente controlando as finanças da família e tomando todas as decisões, apelei para a razão, para o bom senso e para a eqüidade, e simplesmente deparei com uma base irracional de resistência. Bem no fundo do seu coração, ele talvez desejasse ceder de fato, renunciar ao seu poder, mas está dominado pelo medo das conseqüências. O vil trabalho do medo criou o patriarcado e, nas palavras de Blake, "empesta com a praga, o carro fúnebre do casamento".[38]

[38]"London", em *Norton Anthology of Poetry.*

Por outro lado, e com a mesma freqüência, o homem controlado pelo medo poderá procurar maneiras de agradar e apaziguar. Tenta manter feliz a Ela, amiúde sacrificando no processo o próprio bem-estar. Ou então se entrega ao duplo anseio de fazer as coisas à sua maneira e, ao mesmo tempo, evitar a confrontação através do comportamento passivo-agressivo que busca controle e vingança.

Certo homem tornou-se dentista muito bem-sucedido, em grande parte para agradar sua mãe e para substituir seu fraco pai no carinho dela. Mas se tornou perdulário devasso que, por fim, ficou arruinado. Até mesmo ele ficou estarrecido com a aparente contradição entre ganhar quase 250 mil dólares por ano e ficar sem um tostão. Grande revelação veio à tona no dia em que deixou escapar: "Tornei-me dentista por ela, mas estraguei tudo por mim". Ao sentir o poder opressivo da ambição da sua mãe, buscou sua vingança na revolta passivo-agressiva. A única coisa que conseguiu foi a própria ruína.

No caso de outro homem, quando seu pai morreu, todo o impacto do cuidado com a mãe caiu sobre ele. Quando ela exigia incessantemente dele coisas irracionais, exigências essas que com freqüência invadiam seu casamento, insultavam sua esposa e violavam sua privacidade, o homem voltava a raiva contra sua mulher, acusando-a de ser insensível para com sua mãe quando esta mais precisava de solidariedade — abafando a própria raiva. Procurou a terapia porque sua mulher e seus filhos queixavam-se das suas repentinas explosões de raiva. Essas descargas de emoção eram visivelmente excessivas para as situações que se apresentavam e estavam, é claro, recorrendo ao acúmulo de medo e raiva que carregara durante toda a vida. Dirigir sua raiva contra sua mãe, cujas necessidades narcisistas não respeitavam nenhuma fronteira, parecia inútil para ele. A colisão do medo com a raiva que sentia por sua mãe levou-o a racionalizar o com-

portamento dela e expressar raiva contra sua mulher, que ele achava estava coagindo-o a lidar com o problema. Sua esposa, com razão, sentia que tinha uma rival no casamento, e é justo afirmar que por não lidar com o poder do seu complexo materno o homem havia redirecionado a culpa da sua angústia para sua mulher. Psicologicamente, nunca saíra de casa.

Enquanto o homem não se tornar consciente dos efeitos do seu complexo materno, ele se envolverá em relacionamentos perturbados. Sua angústia e sua raiva serão interiorizadas à sua própria custa, ou serão projetadas à custa de outras pessoas. Enquanto não se tornar consciente do entrelaçamento da história que carrega dentro de si, não se terá tornado adulto. Toda a carência da criança interior permanece ativa no presente, bem como seu medo de que o poder da mãe domine-o ou abandone-o. É por esse motivo que tantos homens tentam controlar suas parceiras, pois sentem que o Outro continua tão poderoso quanto antes. E contudo sua profunda necessidade infantil também não foi satisfeita, de forma que tentam transformar suas parceiras em mães.

A maioria das mulheres não desejam conscientemente transformar-se na mãe do seu marido, mas acabam, de qualquer modo, desempenhando este papel. Não é difícil perceber o motivo pelo qual os relacionamentos íntimos entre adultos são freqüentemente problemáticos, considerando-se a supremacia do encontro com a mãe. Toda a nossa necessidade, medo e raiva não incorporadas são expressos nos relacionamentos íntimos. Quanto mais íntimos os relacionamentos, mais contaminados são pelos detritos do relacionamento primordial que o menino-homem traz consigo.

Considerando-se as histórias psicológicas, e as conseqüentes complexidades entremeadas da projeção entre as pessoas, é de causar assombro que qualquer relacio-

namento dê tanto certo. Algumas vezes, quando a mulher torna-se a mãe do homem, as coisas podem "funcionar", porém à custa da libertação psicológica do homem do seu complexo materno (sem mencionar os grilhões retidos pela mulher). A intimidade sexual é especialmente sobrecarregada com este fardo arcaico, porque o ato sexual é, para muitos homens, a religação primordial, o mais próximo que conseguem sentir-se da mãe positiva.

O fantasma da mãe pode se afirmar no chamado complexo virgem-prostituta, no qual o homem só consegue se entusiasmar sexualmente com o lado "escuro" do feminino, ao mesmo tempo que atribui à esposa o papel de Madona inacessível. Alguns homens são sexualmente ativos até que suas parceiras ficam grávidas, ou se tornam mães, quando seu tráfego interior fica de repente excessivamente intenso. Seu eros é sugado para o complexo materno e esses homens tornam-se assexuais com suas esposas. Seu eros então se projeta para fora em fantasias sobre outras mulheres ou se manifesta em casos amorosos. O romântico Outro, pelo qual um dia ansiou, está agora "domesticado", contaminado pelos elementos maternos inconscientes. A infantilidade sexual que é ressaltada nas revistas masculinas e nos desfiles de beleza é sintoma da necessidade de pôr o eros em um pedestal, pois o mundo das mulheres de carne e osso é por demais exigente. O *playboy* é de fato um menino que brinca, jamais será homem enquanto não tiver arrancado seu eros do poderoso mundo materno interior. É extremamente trágico o fato de os homens cujo eros ainda está ligado ao complexo materno sentirem a mesma necessidade, medo e raiva com relação ao seu feminino interior, a anima. Estar separado da própria alma é ferimento terrível. Eis o que uma mulher disse a respeito do marido: "Sou seu aparelho emocional de diálise". Filho de pais frios e críticos, o homem se distanciara desse mundo de dor. Mas

para onde iria sua anima? Bem, não é nenhuma surpresa que tenha se deslocado para sua mulher. Quando ficava zangado, o que para ele era algo inaceitável, ele a provocava para que *ela* ficasse zangada e depois contemplava, criticamente, o que ele havia forjado. Quando, enfim, fez com que ela deixasse o quarto de dormir deles, ele se sentiu cheio de razões para estar indignado com a partida dela. As emoções dele, que eram na verdade preciosas para ele, continham uma carga por demais dolorosa para que as processasse pessoalmente. A metáfora da sua mulher com relação à diálise emocional não estava incorreta.

Caso ainda pior era o do homem que quando sua mulher lhe dizia, talvez uma vez por ano, "Charles, precisamos conversar", retrucava: "Se você vai começar de novo com isso, eu vou embora". Isso parece uma caricatura do *New Yorker*, mas era expressão concreta da quantidade de medo que esse homem carregava e vivenciava diante da perspectiva de se expor ao diálogo com a esposa.

O custo maior do complexo materno não examinado, portanto, não é o dano que causa aos relacionamentos externos, embora este seja muitas vezes terrível, mas sim o dano ao relacionamento do homem consigo próprio. O que é inconsciente nunca vai embora; fica ativo na alma. Essa separação de si corrói a qualidade da vida e envenena os relacionamentos. Para que o homem fique curado, precisa primeiro levar em conta as experiências mãe-filho interiorizadas e não resolvidas, examinar a qualidade das suas feridas pessoais e culturais e, finalmente, compreender o lugar do pai nessa constelação emocional.

3

AS FERIDAS NECESSÁRIAS: OS RITOS DE PASSAGEM

Ao atravessarmos recentemente o vale de Shenandoah, minha mulher e eu ouvimos o som do fogo de artilharia. Então, surrealisticamente, vimos baterias de disparos de canhão e formações em linha azul e cinza dispostas de frente umas para as outras. Por acaso, passamos por ali na comemoração de um aniversário da Batalha de New Market, na qual os jovens cadetes do Instituto Militar da Virgínia, na cidade vizinha de Lexington, haviam travado combate em maio de 1864 — as estratégias de sala de aula tornaram-se excessivamente reais e, para muitos, derradeiras.

Ao contemplarmos a troca de tiros, senti-me estranhamente ambivalente, como se fora um turista obsceno assistindo ao sofrimento de um terceiro. Sabia que não havia na retaguarda a barraca do médico cirurgião nem pilhas de membros decepados, como se dá nas batalhas de verdade, nenhuma família cujo coração seria despedaçado para sempre, nenhuma tira de papel espetada nas costas do soldado para que fosse identificado (depois de cair, com sorte, de frente para o inimigo). Embora essa guerra tenha tido um objetivo nobre, não pude deixar de me lembrar das linhas escritas por Wilfrid Owen, pouco antes de conduzir seu pelotão à morte uma semana antes do armistício de 1918, nas quais aconselha:

Meu amigo, você não contaria com tanto entusiasmo
Às crianças ardentes por desesperada glória,
A velha Mentira: Dulce et decorum est
Pro patria mori.[39]

E as amargas palavras de Siegfried Sassoon:

Ó multidões presunçosas de olhar inflamado
Que aplaudem os jovens soldados em marcha,
Esgueirem-se para casa e rezem para jamais conhecer
O inferno para onde vão a juventude e o riso.[40]

Lembrei-me também de Gerald, um analisando meu que aos dezenove anos deu consigo nos planaltos centrais do Vietnã. Carregando um M-16 e um rádio, visitou lugares como Pleiku e o vale Ia Drang. Viu um de seus companheiros partir um camponês ao meio com uma metralhadora apenas para passar o tempo. Viu amigos com orelhas de vietnamitas penduradas em um colar. E então, vinte e quatro horas depois de Pleiku, encontrava-se em Los Angeles. Demorou um ano para visitar sua família no norte de Jersey. Simplesmente não conseguia voltar para os antigos lugares e pessoas. E eu pensei no comentário de Hemingway de que, depois da Segunda Guerra Mundial, termos como *honra* e *dever* haviam se tornado obscenidades e as únicas palavras sagradas eram os nomes das cidades, colinas e rios onde os homens haviam morrido.

Perguntei-me a mim mesmo por que qualquer um de nós estava presente naquele dia em New Market, no estado da Virgínia. Por certo não me opunha à homenagem feita àqueles que morreram há quase 130 anos. Embora imagine que as questões relacionadas com o co-

[39]"Dulce et decorum est", em Simon Fuller (org.), *The poetry of war, 1914-1989,* p. 20.
[40]"Suicide in the trenches", *ibid.,* p. 21.

mércio e a hegemonia regional fossem mais importantes do que o nobre desejo de abolir a escravatura, suspeito de que muitos homens que entraram naquele campo de batalha o fizeram por ter ainda mais medo de não fazê-lo. Estavam ali porque buscavam a chamada insígnia vermelha da coragem e temiam mais a covardia e a desgraça do que a chuva de estilhaços de granada. Homero conhecia muito bem essa situação. Na *Ilíada*, quando indagaram a Heitor, o herói troiano, por que lutava com tanta bravura, respondeu que sentia mais medo de ser humilhado pelos companheiros do que ser atravessado pelas lanças gregas. Portanto, é o medo o flautista que toca a música ao ritmo da qual os homens inconscientemente dançam e marcham em direção à guerra.

Quando criança, durante os anos da guerra, sempre que percebia um encontro futuro em terra estrangeira lia tudo o que podia a respeito da guerra para me preparar. Durante a guerra do Vietnã era aluno de pós-graduação e recebi adiamento e um número alto no sorteio; fiquei ao mesmo tempo aliviado e envergonhado. Senti que havia falhado em um grande teste, embora não tivesse ilusões conscientes a respeito da guerra, e tampouco nenhum desejo de visitar Da Nang. Respeitava os que foram para o Vietnã, bem como os que ficaram e protestaram. Respeitava os que se recusavam a combater por motivos religiosos ou escrúpulos morais, recordando as palavras de Karl Shapiro: "É sua a consciência para a qual voltamos".[41] Mas também sentia vergonha e perguntava-me como eu seria avaliado. Sabia que não é vergonhoso sentir medo, mas me perguntava se, frente a frente com o terror, poderia ter passado no teste e não ter desapontado meus companheiros. Embora tenha tido minha parcela de ofensivas vietnamitas a partir de en-

[41]"Conscientious objector", em *Modern verse in English,* p. 574.

tão, ao confrontar os demônios interiores através da descida analítica ao mundo subterrâneo, não obstante eu ainda me questiono.

Não pretendo debater aqui questões de guerra ou a política externa. O que pretendo, na verdade, é tornar mais uma vez claro o fardo saturnino. Embora toda civilização precise fazer, para se preservar, enormes exigências aos seus cidadãos, cada homem é ferido por esse apelo. Depois de analisar no capítulo anterior a enorme influência do complexo materno na vida do homem, precisamos agora examinar o modo como o ferimento masculino é ao mesmo tempo necessário e, às vezes, aterrador.

No decorrer da sessão de perguntas e respostas que se sucedeu a uma palestra que eu apresentara em uma sociedade junguiana, um homem se levantou e disse mais ou menos isto: "Estou na meia-idade. Há alguns anos, quando eu tinha trinta e oito anos, minha mulher me disse que não me amava mais e que ia me deixar. Fiquei arrasado. Queria morrer. Agora compreendo que ela me fez um favor. Na verdade, fui eu que a mandei embora. Ela me forçou a enfrentar minha raiva, meu medo do abandono. Ela me forçou a enfrentar a mim mesmo."

Embora não usasse a palavra anima, ficou claro que a mulher desse homem forçara-o a enfrentar sua vida interior porque ela já não estava conseguindo aceitar suas projeções. Seu ferimento era dolorosamente óbvio, mas sua coragem, sua disposição de trabalhar em si mesmo eram mais impressionantes. Seus comentários revelaram a verdade do aforismo de Nietzsche: "O que não nos destrói nos torna mais fortes".[42]

Temos, então, a espada de dois gumes do ferimento. Existem feridas que comprimem a alma, distorcem e orien-

[42]"Twilight of the Gods", em *The portable Nietzsche,* p. 467.

tam mal a energia vital, e aquelas que nos instigam a crescer.

Um dos meus primeiros analisandos em Zurique foi um homem de meia-idade que nunca tivera relacionamento com uma mulher. Só ficava excitado sexualmente quando imaginava uma mulher espancando uma criança ou quando conseguia beijar o pé de uma mulher. Nunca conheceu o pai, e sua mãe fora líder de uma comunidade religiosa. Os ataques dela ao seu eros haviam-lhe infligido terríveis ferimentos, destruindo sua frágil ligação com a masculinidade.

Por outro lado, existem feridas "necessárias", aquelas que estimulam a consciência, obrigando-nos a abandonar a antiga ordem e ingressar em uma nova vida, catalisadora do novo estágio de crescimento. Como observou Jung, atrás do ferimento da pessoa freqüentemente repousa o gênio dela.[43] A natureza ambivalente da ferida nos obriga, portanto, a fazer uma distinção entre as feridas opressoras e as estimulantes. Mais uma vez, estamos tentando compreender com alguma objetividade o que nossos antepassados muitas vezes percebiam intuitivamente. O ferimento sempre foi uma dimensão crucial da iniciação masculina na idade adulta, nas sociedades sagradas e até, algumas vezes, na profissão.

Eis, portanto, outro segredo masculino: *o ferimento é necessário porque os homens precisam deixar a Mãe e transcender o complexo materno.*

Tenho diante de mim a obra do pintor norte-americano do século XIX George Catlin. Formado em direito, o jovem Catlin atravessou o Mississippi, e visitou cerca de trinta e oito nações indígenas diferentes, tendo sido com

[43] "The gifted child", *The development of personality,* CW 17, par. 244 (*O desenvolvimento da personalidade,* OC 17).

freqüência o primeiro homem branco a ser visto pelos índios. Deixou para trás muitas pinturas dos líderes índios, cenas de caçadas e da vida cotidiana, e também dos seus rituais. Contemplamos horrorizados os quadros em que retrata os ritos iniciatórios dos sioux Mandan. Uma vara era presa nos músculos peitorais do iniciado e ele era erguido em direção ao teto da tenda cerimonial por cordas atadas a ganchos do seu peito. Era lançado de um lado a outro, seguro pelos ganchos, até desmaiar. Depois, era baixado ao chão, e ao recobrar os sentidos punha um dos dedos sobre o crânio de um búfalo, o dedo que seria decepado em posterior sacrifício.[44]

A história da civilização está repleta de exemplos de iniciação menos dramáticos, porém não menos cruciais. Quais as mensagens transmitidas por essa aparente crueldade?

Em primeiro lugar, como observa Joseph Campbell:

> O menino está sendo conduzido através do difícil limiar, da esfera da dependência das mães à da participação na natureza dos pais, não apenas por meio da transformação definitiva do próprio corpo... mas também de uma série de intensas experiências psicológicas, redespertando e ao mesmo tempo reorganizando todos os registros e fantasias primárias do inconsciente infantil.[45]

Quer o ato de mutilação ritual seja a circuncisão, a subincisão, a extração de um dente ou o decepamento de uma orelha ou de um dedo, o que é de fato sacrificado é a segurança e a dependência material (*mater*-mãe). Os mais velhos arrancam o menino da sua dependência edipiana e interrompem o fácil apoio no conhecido, protetor, seguro, enfim, em todos os aspectos do mundo materno.

[44]Harold McCraken, *George Catlin and the old frontier,* pp. 106ss.
[45]*The masks of God: Primitive Mythology,* p. 99.

Por mais dolorosas fossem essas provações, eram atos de amor dos mais velhos para com os mais jovens. Eles iam de atos gratuitos de violência sobre vítimas indefesas à esfera do religioso, uma vez que eram acompanhados pelos ritos da comunidade masculina, por músicas, danças e pelo "zunidor" cuja finalidade era induzir um estado de transe que transcendesse o corriqueiro. Os que eram balançados pelo peito nas tendas dos sioux passavam, através da cerimônia e da dor, por experiência extática, ou seja, eram transferidos da existência da infância do aqui e agora para a esfera transcendente da história sagrada, a história dos seus deuses, do seu povo e dos mistérios masculinos. Esses ritos eram bem mais elaborados para os meninos do que para as meninas. Como explica Mircea Eliade:

> Para os meninos, a iniciação representa a introdução a um mundo que não é imediato — o mundo do espírito e da cultura. Para as meninas, pelo contrário, a iniciação envolve uma série de revelações relacionadas com o significado secreto de um fenômeno aparentemente natural — o símbolo visível da sua maturidade sexual.[46]

Desse modo, para as meninas a iniciação na sociedade adulta significava simplesmente a repetição do mundo da sua mãe, biológica e fenomenologicamente experimentado com o início da menstruação. Mas para os meninos, o advento da puberdade assinalava o avanço da infância dependente em direção ao papel adulto repleto das responsabilidades de defensor e preservador dos valores simbólicos da tribo. Esses valores incluíam honrar as diretrizes dos deuses, ser membro da coletividade e velar pela proteção do seu povo.

O deslocamento do conforto físico do lar para as regiões desconhecidas, do corpo e do instinto para o serviço

[46]*Rites and symbols of initiation*, p. 47.

simbólico, da infância para a idade adulta, exige a travessia de enorme divisa psicológica. Os ritos ofensivos, portanto, são infligidos ritualmente, outorgados pelo eros, para beneficiar tanto o jovem quanto a sociedade que ele precisa sustentar. Quando depara com a dor, em toda sua proximidade, aprende com o sofrimento da sua carne que não pode voltar para casa. Ele tem uma visão extática, cruza essa divisa e ingressa no mundo adulto. Como é difícil para os homens de hoje atravessar esse grande abismo sem nenhuma ajuda. Não existem ritos, há muito poucos velhos sábios e raros são os exemplos de homens iniciados amadurecidos. Assim, quase todos somos abandonados às nossas dependências particulares, a nos vangloriarmos por aí numa compensação machista embaraçosa, ou, mais comumente, a sofrer sozinhos nossa vergonha e indecisão.

Levando em conta a semelhança das estruturas, das seqüências e dos temas nos ritos de passagem entre culturas diferentes e geograficamente separadas, poderíamos achar que suas cerimônias eram organizadas por uma comissão central. Excluída essa possibilidade, tudo parecia indicar que essas cerimônias surgiam espontaneamente, ou seja, brotavam de raízes arquetípicas. A maioria dos temas míticos e das visões transcendentes originam-se na vida psíquica do indivíduo ou do pequeno grupo. Essas imagens surgem para apoiar e dirigir o fluxo da libido, para canalizar a energia humana de maneira significativa. Então, portanto, poderíamos esperar que o trabalho que ocorre nas nossas profundezas, nossos processos inconscientes, também encarnariam passagens, pois na psique de cada homem correm as mesmas energias que animavam nossos antepassados.

Essa convocação para a masculinidade pode ser vista no sonho de Norman, de vinte e oito anos de idade. Só conseguia lembrar-se de uma única época agradável na sua vida. Isso se deu quando, depois de abusar de drogas

e abandonar a faculdade, foi morar com um tio, indo trabalhar com ele em uma padaria. Porém a atração gravitacional da sua família conspirou com sua falta de confiança para fazer com que ele voltasse a viver com os pais. Durante anos ele se submeteu a intervalos de tratamento psiquiátrico, embora não apresentasse características patológicas significativas. Seus problemas eram mais de desenvolvimento, ou seja, problemas de amadurecimento e separação. Sua mãe era psicologicamente invasiva, seu pai estava sempre ausente, a negócios, e era extremamente passivo quando presente.

Quando Norman me procurou, sugeri a ele sair da casa dos pais para pelo menos dar o primeiro passo no processo de iniciação — a separação física. Sua mãe me telefonou, irritada, e disse: "Mas você não está pensando como uma mãe". "Não, minha senhora", retruquei, "estou pensando como o terapeuta dele". (Poderia ter dito: "como um ancião tribal", mas duvido que isso tivesse feito sentido para ela).

Durante a análise, Norman continuou a vacilar entre a dependência, que freqüentemente o levava a ir até a casa de sua mãe ou a lhe telefonar, e a depressão nervosa que se seguia a cada contato com ela. Diríamos que a alma dele estava disponível. Seria bastante fácil culpar sua mãe inconsciente, pois ela certamente preparava armadilhas para ele, ou seu pai passivo, que não fornecia nenhum modelo de iniciação. Mas isso significaria debilitar a responsabilidade e a tarefa pessoais de Norman: sustentar a tensão entre seu desejo de se tornar adulto e seu medo da independência. Essa tremenda luta, essa hesitação diária, foi dramatizada em um sonho tripartido extremamente poderoso:

> Encontro-me em um cinema *drive-in* com alguns amigos homens. Algo aconteceu com o carro e saio para investigar. Alguém me atinge com muita força na boca.

> Eu e minha mãe olhamos juntos para um espelho. Ela expressa sua solidariedade. Meu dente cai. Não há como salvá-lo. Vou na direção de Keith Byars e mostro o dente para ele.[47]
> Encontro a senhora X. Digo para ela: "Não sou menino. Trate-me como homem".

O sonho explica tudo. Mostra Norman preso na terra de ninguém da adolescência prolongada.[48] O cenário anuncia a situação dele na vida. O cinema sugere o drama interno projetado no qual ele trabalha com a presença masculina; não obstante, há um problema com o carro, seu processo ou mobilidade física. Quando faz um movimento é ferido. Antes de começar a terapia, Norman nada sabia a respeito dos ritos masculinos de passagem, mas sua psique, no nível arquetípico, tem conhecimento deles, uma vez que participa do processo primordial de desenvolvimento. Não sabia conscientemente que essa ferida ritual, algumas vezes a efetiva extração de um dente, simbolizava sacrificar a dependência da mãe. Embora a mãe de Norman tornasse difícil a separação, sua própria letargia também atrapalhava seu crescimento. No sonho, busca a solidariedade e a compaixão dela — "pobre criança". Ao mesmo tempo, sua psique dividida se move para mostrar a "Keith Byars" o dente, o que significa dizer que na sua cultura pessoal e coletiva sua psique firmou-se nesse atleta como a personificação da energia masculina que talvez ajudasse a combater a atração ctônica do mundo subterrâneo.

[47]Keith Byars era um *running back* extremamente popular do Philadelphia Eagles, o time de futebol americano favorito de Norman, na ocasião do sonho.

[48]Muitos profissionais da área de orientação e aconselhamento definem atualmente a adolescência como período que se estenderia dos doze aos vinte e oito anos, em virtude da ausência de ritos de passagem para a idade adulta. Norman estava claramente forçando até esses limites já bastante liberais.

O pai de Norman não está presente na cena do espelho, mas o jogador de futebol representa a energia masculina pela qual anseia e de cuja afirmação precisa. Entretanto, a ambivalência domina, uma vez que na terceira parte do sonho Norman busca o apoio de sra. X (uma vizinha que Norman acreditava ser mais compreensiva e solidária do que sua mãe). O sonho, portanto, não representa uma reviravolta. No final, Norman ainda está solicitando a aprovação de uma mulher mais velha.

Essa força regressiva é encontrada em todos os homens, mas nesse caso a patologia tem origem na quase completa ausência de energia masculina positiva na história de Norman. Quando presente, ela ajuda a modelar e equilibrar a atração regressiva do complexo materno. É fácil perceber por que Norman considerou o trabalho com o tio a melhor época de sua vida. No entanto, até mesmo esse vislumbre de maturidade foi superado pelas poderosas energias do complexo e pela sua falta de coragem.[49]

Na ausência dos ritos de passagem, na ausência dos velhos da tribo, a difícil situação de Norman é comum para muitos homens de hoje. É esperado que eles cresçam, conheçam a si próprios, sirvam e mantenham a cultura tribal, e sintam-se à vontade com sua identidade. Um terapeuta mais idoso do sexo masculino poderá proporcionar algum apoio e estímulo, mas sessões semanais não são suficientes e, de qualquer forma, carecem da numinosidade dos ritos tradicionais de iniciação.[50] Norman,

[49]No conto de fadas "Hans de Ferro", de Grimm, a chave para o homem selvagem está debaixo do travesseiro da mãe. O jovem não pode pedir-lhe a chave, pois não a dará para ele. Ela deseja que permaneça do seu lado. Assim, a chave precisa ser roubada para que as energias da vida adulta sejam libertadas (ver adiante, nas páginas 121-124, posterior análise de "Hans de Ferro").

[50]Por mais construtiva e confortante possa ser a terapia, ela não envolve a morte e o renascimento rituais, ou a pessoa ficar balançando pendurada pelo peitoral. Não há nenhuma visão extática, apenas conversa. Esta última é necessária, e provoca a cura, mas demora muito mais tempo para surtir efeito.

por exemplo, acabou por passar cada vez menos tempo com seus pais, tornando-se pouco a pouco menos dominado por eles e por seus complexos maternos e paternos. Agora vive sozinho e se sustenta. Psicologicamente, porém, permaneceu na essência o homem ferido e não iniciado da nossa época.

O dente de Norman que cai no sonho simboliza o sacrifício do conforto físico e faz um apelo aos rigores da jornada. Esse sacrifício é tema mitológico muitíssimo poderoso, um padrão arquetípico que exige a desistência de alguma coisa para que algo seja conquistado. A dependência da infância precisa ser abandonada em favor do domínio de si e da criatividade na vida adulta. O anseio por existência livre de problemas precisa ser posto de lado em favor da aceitação madura da responsabilidade. Essas mudanças constituem não apenas a ativação da consciência como também uma forma de escolha. Todos são intimados a crescer; nem todos estão à altura da tarefa. A ferida iniciatória é presságio do que está por vir — o modo agressivo do mundo. Quando a criança vai para o jardim-de-infância, não apenas chora a perda do lar protetor, como também intui a existência de um mundo mais difícil e perigoso. Por mais natural que seja o temor desse mundo, ela é obrigada a entrar nele para que reivindique sua idade adulta.

Quando adolescente, e contra a vontade de meus pais, joguei futebol americano durante os anos em que cursei o segundo grau e a faculdade. No meu primeiro dia de treino, tive a unha de um dos dedos da mão arrancada. Quando me sentei na linha lateral com pena de mim próprio, um jogador mais antigo se aproximou e disse, mais ou menos nestas palavras: “Se não conseguir agüentar isto, não agüentará o resto. Fica cada vez pior”. Senti naquele momento uma espécie de amor masculino, um estímulo amigável. Ele poderia simplesmente ter-me humilhado,

como os homens muitas vezes fazem uns aos outros, mas seu tom de voz sugeriu que estava querendo ajudar-me e eu interiorizei a experiência como sendo de estímulo. Embora fosse um tanto ou quanto pequeno para o futebol organizado, eu sentia um profundo ímpeto de jogar. Não saberia dizer por quê.

Em uma retrospectiva, os motivos logo me vêm à mente. Tinha medo de que os rapazes de porte mais avantajado me machucassem. Compensava com exagero esse pavor penetrando espontaneamente no campo do medo. Toda sexta-feira contorcia-me de dores no estômago por causa desse medo, mas nunca faltei a um treino ou jogo. À semelhança do Heitor de Tróia, tinha mais medo de ter medo do que de ser ferido. No final do primeiro ano, quando quebrei o polegar, senti nada mais nada menos do que uma vitória simbólica, uma insígnia vermelha de coragem. De forma inconsciente, estava em busca de um vínculo masculino — chocando minha cabeça com a dos meus companheiros, gracejando com eles, chorando junto com eles quando perdíamos. Minha psique arrastou-me para o suor, a colisão e o medo como um rito de passagem. O que meus pais não compreendiam, e eu tampouco na ocasião, era que o futebol era a única coisa que me estava disponível em uma época miticamente estéril. Para satisfazer minha necessidade de ser simbolicamente ferido, de associar-me à energia e à camaradagem masculina, e de um rito de passagem da infância e da encapsulação do complexo materno, tudo que eu tinha era o futebol.

Há poucos anos, sonhei com meu treinador da época da faculdade. Eu não o via há trinta anos. Descobri seu endereço na revista dos ex-alunos e escrevi para ele em Indianápolis. Lembrou-se de mim e, ao me falar de sua vida depois daquela época, acrescentou: "É isso que aprendemos com o futebol. Nos machucamos, nos levantamos e nos preparamos para a partida seguinte". Talvez esta

seja uma mensagem simplista para a vida, mas é sem dúvida necessária. Talvez minha psique o tenha trazido à tona depois de todos esses anos para me fazer lembrar essa mensagem.

Recentemente, em um Dia do trabalho, minha mulher e eu fomos levar nosso cachorro para passear. Era muito cedo e o campo da escola secundária do outro lado da rua ainda estava coberto pela neblina. Podíamos enxergar formas indistintas a distância e ouvir a fraca recitação monótona e cadenciada. Minha mulher fez um comentário a respeito de como era horrível o fato de o treinador obrigar os rapazes a estarem ali em um feriado, em vez de permitir que ficassem em casa com a família. Respondi que queriam estar ali, que haviam disputado esse privilégio. Não acrescentei que também queriam ser feridos, de alguma maneira, nas colisões diárias, que eles precisavam um do outro, que tudo girava de algum modo em torno do amor, e que estavam procurando seus pais ali na neblina. Não acrescentei essas coisas por não me acreditar capaz de torná-las claras. Com efeito, foi só depois de enfrentar os dragões interiores na minha própria análise que compreendi que nunca realizara algo mais sábio ou mais necessário do que entrar no campo e quebrar o dedo.

O jovem busca nesses campos, embora não o saiba, o esquecido rito de passagem e os pais perdidos. Busca, nas palavras de Jung, a vida simbólica. O significado só vem até nós "quando as pessoas sentem que estão vivendo a vida simbólica, que são atores no drama divino".[51] O jovem busca, ainda que na forma culturalmente atenuada, imagens que atrairão sua libido, canalizando-a para que seja útil ao seu desenvolvimento e sua comunidade. Sua necessidade de individuação é profunda e possui urgên-

[51]Ver acima, nota 12.

cia arquetípica. Sem essas imagens e esses ritos, fica despojado. Passará o tempo deprimido, ou usará drogas para aplacar a dor. À semelhança de Norman, permanecerá indeciso como menino-homem, ou se envolverá em grande compensação machista. Acreditará que sua masculinidade se comprova quando vai para a cama com as mulheres, dirige um carro possante ou ganha muito dinheiro. Claro que, no fundo, sabe a verdade, e morre de medo de ser descoberto; considera-se um impostor na companhia dos homens.

Essas mesmas provas que têm lugar nos gramados são vivenciadas por todos os homens nos mais diversos fóruns. Não conheço nenhum homem, se ele for sincero bastante para admiti-lo, que não se tenha sentido muito envergonhado como homem. O mesmo poder salutar que as feridas têm no estímulo ao crescimento também consegue danificar o senso do eu do homem. Não tenho nenhum cliente do sexo masculino que não tenha se sentido estranho ou envergonhado alguma vez. Quase todos têm vívidas recordações de fracasso, como a da ocasião em que deixaram cair a bola e perderam o jogo, ou não conseguiram fazer parte do time. Para os rapazes, esses gramados e seu análogo, os *playgrounds* poeirentos, são a arena da prova e da vergonha.

Qual homem não se lembra dos lemas nos vestiários? "Nada se alcança sem sofrimento", e outros do mesmo teor? Quem não se recorda das brincadeiras de luta da infância? Certo homem que seguira carreira de alto nível sempre fazia menção ao que chamava de "A Rendição Vermelha". Quando tinha cerca de nove anos de idade, um menino mais velho apelidado Vermelho o havia deitado no chão do *playground* e amontoado lama no seu rosto, enquanto os outros riam. Independente da grandeza das suas realizações no mundo adulto, "A Rendição Vermelha" continuou a ser seu momento mítico de defi-

nição. Qual homem não se lembra de ter sido chamado de "maricas", ou, pior ainda, quando eu era criança, de "geléia"? Essas feridas instalam-se permanentes na psique do homem e grande parte da sua vida adulta talvez se passe no combate contra os fantasmas encouraçados das humilhações passadas.

Mas talvez não mencione essa vergonha, essa humilhação, para não ser ainda mais humilhado. E este é o quarto grande segredo carregado pelos homens: *tramam uma conspiração de silêncio cujo objetivo é reprimir sua verdade emocional.*

Todo homem com certeza se lembra dos momentos em que, quando menino, quando rapaz, ou ainda na semana passada, ousou revelar-se e foi humilhado e segregado. Aprende a acumular essa vergonha, mascará-la através de uma fanfarronice machista e ocultá-la cada vez mais. Durante o percurso, é amiúde rebaixado, incapaz de externar sua dor, seu protesto. A peça, que depois se transformou em filme, *Glengarry Glen Ross,* dramatiza a humilhação da equipe de vendas de uma empresa do setor imobiliário, homens adultos abusando de seus colegas do sexo masculino que sofrem e voltam a outra face, ao mesmo tempo que tentam derrotarem-se uns aos outros no jogo de vendas: um Cadillac para o campeão de vendas, para o segundo um insignificante conjunto de facas de churrasco, e para o quarto o desemprego. É assim que a humilhação é engolida e o isolamento aprofundado. A vergonha e o silêncio têm prosseguido desde a infância, de modo que os homens são cúmplices na própria degradação. Isto os impede de abraçar seus irmãos enfraquecidos ou seu próprio eu estilhaçado.

Os homens ficam freqüentemente assombrados com a disposição das mulheres de compartilhar a própria dor. Mesmo como terapeuta já fiquei impressionado com a capacidade das mulheres de entrar em contato com sua

verdade interior e transmiti-la para outra pessoa. O terapeuta junguiano Robert Hopcke chega a ponto de dizer que, de acordo com sua experiência, os homens precisam fazer terapia durante um ano para alcançar o ponto em que as mulheres geralmente começam, sob o aspecto de serem capazes de expressar o que realmente estão sentindo.[52] Os homens conseguem expressar sua frustração ou falar de um problema "de fora", mas raramente são capazes de falar sobre a realidade do seu mundo interior. Eis o legado da humilhação e alienação pessoal que acumularam desde a infância.

Dois exemplos serão suficientes. Um deles é o do homem que me procurou para atender à exigência expressa da sua esposa e condescendentemente reparou na presença de uma caixa de papel de seda.[53] Esta serviu para lembrá-lo do mar de lágrimas dentro de si, e suas antigas defesas foram ativadas rápido. Como era fácil de se prever, só realizou três sessões de terapia, e seu casamento durou apenas mais dois meses. Apressei-me em julgá-lo, mas depois de refletir um pouco senti pena dele. Sua masculinidade estava tão ferida que precisava vestir-se com um manto machista. Era um homem terrivelmente isolado. A inócua caixa de papel funcionou como centelha para toda a humilhação, risco e medo que sofrera. Em conseqüência da sua alienação pessoal dificilmente conseguiria um relacionamento seguro e confiante com sua mulher. Em vez disso, procurava controlá-la.

Em outra ocasião, enquanto eu orientava um policial e sua mulher, senti genuína solidariedade pela descrição dele de quanto se preocupava com o dinheiro. Ao mesmo tempo, descrevia como tinha de lidar dia a dia com "a escória da terra". Assemelhava-se bastante ao

[52]*Men's dreams, men's healing*, p. 12.
[53]Ver acima, pp. 59-60.

homem castigado e ferido de quem venho falando. Suas feridas pareciam apenas esmagar-lhe o espírito, e não libertá-lo em direção a uma nova consciência. Por várias vezes agrediu verbalmente sua mulher, bateu nela uma vez, e sentia medo de poder fazer a mesma coisa com a filha. Em determinada altura da sessão, levantou-se e veio na minha direção para esclarecer um ponto; creio que se tivesse me mexido ele teria me acertado. O homem castigado, com sua criança interior castigada, quer apenas castigar os outros porque não consegue suportar a idéia de externar sua dor.

A disposição das mulheres de arriscar expor sua verdade interior, normalmente ausente nos homens, significa que é muito menos provável que as mulheres sintam-se alienadas. Segundo minha experiência, as mulheres se adaptam ao divórcio ou à perda do cônjuge com muito mais facilidade do que os homens. Talvez elas se sintam menos abandonadas porque aprenderam ao longo do caminho a estabelecer um relacionamento com sua vida interior. Sem dúvida, é muito mais provável que elas tenham um grupo de amigos que lhes dão apoio. Depois de um divórcio ou da morte da parceira, é bem mais provável que o homem não dê atenção à sua saúde e entre em depressão, ficando sentado no quarto escuro tendo como companhia uma garrafa e a televisão. E também é muito mais provável que se apresse em encontrar uma substituta, apenas para evitar a solidão.

A taxa de mortalidade masculina aumenta de forma vertiginosa depois da aposentadoria, aparentemente porque o sistema imunológico do homem está deprimido. Também é possível que a ferida saturnina, a que diz que o homem deve ser julgado pela sua produtividade, provoque grande perda de estima pessoal. Durante toda a vida disseram-lhe que ele *é* seu trabalho. Se parasse de trabalhar, ou de sustentar aqueles a quem é obrigado a sus-

tentar, seria humilhado e afastado. Seria um vagabundo preguiçoso, um irresponsável. São Nicolau, que abandonou sua família, tornou-se o santo padroeiro da Suíça; o pintor francês Paul Gauguin abandonou mulher e filhos para lograr sucesso em Fiji; porém a poucos é dado realizar essa proeza. O homem pode ser degradado como escravo do salário, mas aceitará isso para não ser humilhado como improdutivo.

Nossa cultura oferece uma saída ilusória: "Mais ou menos aos 65 anos, você já não precisa trabalhar para provar seu valor. Agora você pode se retirar honrosamente do campo e, sem nenhuma preparação da sua alma ao longo do caminho, pode passar a se divertir jogando malha na Cidade do Sol ou em São Petersburgo". Instigados pela necessidade econômica, e ainda mais pelo medo da inadequação humilhante, somos todos, nas impressivas palavras de Philip Larkin,

> homens cuja primeira trombose coronária se aproxima como o Natal — que se deixam levar, impotentemente sobrecarregados com compromissos, obrigações e formalidades necessárias, para as obscuras avenidas da idade e da incapacidade, despidas de tudo o que um dia tornou doce a vida.

O que mais leva o homem moderno a sofrer, portanto, é o ferimento sem a transformação. Sofre o fardo saturnino da definição de papéis que aprisiona em vez de libertar. Sofre as espetadas na alma sem a visão divina. É-lhe pedido que seja homem quando ninguém é capaz de definir o que isso significa, a não ser de maneira bem trivial. É-lhe pedido que saia da infância à idade adulta sem ritos de passagem, sem velhos sábios para recebê-lo e instruí-lo, e sem a idéia positiva do que seja masculinidade. Seus ferimentos não são transformadores, não geram consciência mais profunda, não o conduzem a uma

vida mais fecunda. Eles insensível e repetidamente o atordoam, provocando o entorpecimento da alma antes que o corpo tenha o bom senso de morrer.

Richard é advogado de uma grande firma. Sonha que um homem enfrenta Arnold Schwarzenegger, arranca a pele do rosto dele e põe-na em si próprio. Richard sente-se humilhado no sonho. Sua associação com a imagem é o medo de que seus colegas de trabalho não o respeitem, de que possa não estar cumprindo sua parte. De forma análoga, sonha que ele e sua mulher estão dormindo, quando um intruso entra na casa. Richard fica terrificado e pensa: "Preciso me levantar e defender nossa casa". Grita: "Saia daqui!" Um ano mais tarde, sonha com outro intruso, que dessa vez avança em direção ao quarto da sua filha. Richard se levanta e vai atrás do intruso com um bastão de beisebol.

Richard percebe nessas imagens repetitivas de sonho que seu papel na vida é sustentar e proteger a família. Sente-se receoso, inadequado, um homem incompleto. Só confessou esses pensamentos a um terapeuta porque os sonhos eram muito insistentes. Em outro sonho, vê alguém espancando outra pessoa. Grita: "Deixe-o em paz!" O agressor corre atrás dele. "Lutamos. Dou-lhe um chute nos órgãos genitais. Eu o golpeio e ele fica aturdido, mas consegue me controlar e volta a me atacar. Depois, toma meus sapatos. Ninguém pode me ajudar". Novamente, Richard se sente incapaz de defender a si e os que estão sob seus cuidados. O atacante rouba seus sapatos, sua base, seu ponto de apoio.

Ou então consideremos Allen, um médico da sala de emergência. Sonha que está em um aposento com outros jovens. Todos atiram flechas com êxito. Tem de fazer a mesma coisa, mas ninguém lhe ensina como atirar ou em que atirar. Enfim, acaba por atirar suas flechas, mas não tem a menor idéia se atingiram ou não o alvo. Aí a cena

muda e ele se vê no pântano rastejando com jacarés. Luta com um que está tentando arrastá-lo para o fundo. Aterrorizado, consegue escapar e alcançar uma elevação de lama onde ficará a salvo por um momento. Aparentemente, a psique de Allen anseia por um rito de passagem. Vê que outros jovens já estão ajustados, mas não há ninguém mais velho para dar instruções. Nem sequer sabe qual é o alvo ou se seus esforços hesitantes estão corretamente direcionados. Em conseqüência, submerge um poderoso símbolo da contracorrente do inconsciente. Sem o pai prestativo, o rapaz que sonha encontra-se no domínio mortal do monstro maternal, seu complexo materno, que ameaça puxá-lo para baixo. Embora consiga subir em uma elevação de lama, sua segurança é apenas temporária.

Reparemos que esses dois homens seguem profissões que culturalmente os contemplam com um poder considerável. No entanto, ambos sentem-se indignos e receosos dos testes da sua masculinidade. Anseiam pela ajuda de outros para a grande separação; sofrem ferimentos sem iluminação ou transformação. A ausência de significativos ritos de passagem para a idade adulta assombra os sonhos desses homens, exatamente como o faz com muitos outros. Repito que, apenas através da fidelidade para com a vida interior, tratando, por exemplo, seus sonhos com respeito, por mais desagradável seja sua mensagem, esses homens serão capazes de trazer seus temores secretos à luz da consciência.

Uma das conseqüências da ausência dos ritos de passagem é os homens duvidarem da sua masculinidade. Sentem que, por mais que tenham conseguido se proteger, alguém conseguirá romper o cerco para humilhá-los ou até destruí-los. Ou então a vida alterará o contexto, mudará o jogo, e será considerado incompetente. Assim, ele se encontra em situação na qual de qualquer forma

sairá perdendo: prove que é homem, mas as regras mudam o tempo todo, de maneira que você nem sequer sabe como jogar. E quando você "chegar", as regras terão uma vez mais mudado e outra pessoa será melhor do que você. Essa definição multiforme, em eterna transformação, da masculinidade obriga os homens a atuarem no nível da *persona*, definindo sua realidade basicamente em função de parâmetros coletivos como o salário, o carro, a casa, o nível social.

A frágil psique do homem foi embrutecida e tornada trivial. Historicamente, tem sido condicionado a procriar e proteger a família, e a ser definido em função da sua produtividade. Tudo isso diz muito pouco, ou nada, da sua alma, da sua personalidade, da sua individualidade. Nesse mundo, os homens têm sina trágica: não alcançam a tranqüilidade, raramente atuam a partir de uma convicção interior e muito poucas vezes saem do jogo mortal. Ainda quando ganham, perdem a alma.

Assim, os homens modernos recapitulam as características de um antigo mito, o do ferido Rei Pescador, Amfortas. A história de Amfortas, cujo nome deriva do francês *enfertez*, "enfermidade", tem sido contada inúmeras vezes, desde as várias versões da lenda medieval do Graal ao moderno relato de Robert Johnson em *He: understanding male psychology*. O tema central gira em torno do fato de Amfortas ter sofrido um grave ferimento, descrito diferentemente como na coxa ou nos testículos. Ele foi ferido no seu centro reprodutor, a sede da sua masculinidade. Trata-se de um ferimento que não ficará curado a não ser que encontre o Graal, o símbolo medieval do receptáculo da alma. Embora o homem moderno possa ter um carro enorme na garagem encastelada e as paredes ornamentadas com os troféus do seu sucesso empresarial, ele intui seu vazio, sua dor, a ferida que não ficará curada. Não importa quão magníficos os castelos

que possa ter criado e os baluartes que nervosamente percorra, sabe que é o senhor do vazio, seu reino um deserto emocional.

Esse tema mítico que se repete paira no fundo do grande poema do século vinte de T. S. Eliot: "O deserto". Londres, o centro do comércio e das estruturas construídas pelo homem, o centro dos negócios, é intitulada

> Cidade Real,
> Sob o nevoeiro marrom de um amanhecer invernal,
> Uma multidão fluía sobre a London Bridge, tantos.
> Não pensara que a morte houvesse destruído tantos.[54]

Na hora do movimento Eliot não vê a atividade da vida e sim a morte espiritual. Assim, ironicamente, cita a frase chocante que Dante proferiu ao entrar no inferno seis séculos antes ("Não pensava que a morte houvesse destruído tantos"). Se o mundo que os homens construíram e ao qual servem não lhes serve, então estão entre as hostes dos mortos no deserto da alma. Como Joseph Campbell explicou:

> O deserto... é qualquer mundo no qual... a força e não o amor, a doutrinação e não a educação, a autoridade e não a experiência prevalecem na organização da vida, e no qual os mitos e ritos impostos e recebidos não estão, por conseguinte, relacionados com as verdadeiras percepções, necessidades e possibilidades interiores daqueles em quem são incutidos.[55]

Quando o mito externo e a verdade interna entram em conflito, nossa alma é ferida. Os homens sem dúvida suspeitam de que a conquista do sucesso material e da posição de poder não lhes trará a paz interior, mas têm

[54]"The wasteland", versos 60-63, em *The Complete Poems and Plays*, p. 39.
[55]*The masks of God: creative mythology*, p. 388.

medo de se afastar daquilo que é, até onde sabem, o único jogo disponível na cidade. Assim, a ferida se infecciona sem uma nova visão, sem ficar curada.

Delmore Schwartz descreve, em um conto, um rapaz que, na aurora de seu vigésimo primeiro aniversário, sonha que está no cinema. Para seu espanto, vê seus pais se encontrando e namorando na tela prateada. Enquanto assiste ao filme, compreende que eles estão cometendo um erro terrível, erro este do qual ele, é claro, resultará um dia. Levanta-se e grita, dizendo que o filme precisa ser interrompido. É abordado pelo lanterninha, que o adverte firmemente: "Não pode agir dessa maneira, embora não haja outras pessoas presentes! Você se arrependerá se não fizer o que deve, você não pode continuar assim, você descobrirá isso em breve".[56]

Desse modo, o jovem, no despertar da sua idade adulta cronológica, percebe o fardo do mito familiar que irá moldá-lo. Ao rejeitar seus pais antes de nascer, está rejeitando a vida que o aguarda na qualidade de filho deles. E exatamente assim muitos homens carregam a mágoa e a raiva secretas de que o *ethos* familiar e cultural, as imagens e expectativas que o moldam, não estão de acordo com a verdade da sua alma.

O choque entre as imagens externas e a verdade interna gera um dilema impossível para os homens. O homem de terno de flanela cinza, o executivo, o jogador do time — todos representam enorme pressão para conformar e distorcer a alma, da mesma forma como tão amiúde foi feito com as mulheres. Essa colisão, sentida no corpo e no espírito, caso não o seja também na mente consciente, conduz a outra verdade masculina que é um pouco menos do que um segredo: *a vida dos homens é violenta porque sua alma foi violada*.

[56]"In Dreams begin responsabilities", em *The world is a wedding*.

A violência dos homens irrompe em atos casuais de assassínio e estupro, e em contágios psíquicos como na ação de quadrilhas e nas guerras. Se penetrarmos profundamente em qualquer homem, logo encontraremos não apenas os mares de lágrimas como também uma montanha de ira, camadas de raiva acumuladas desde a infância, lentamente empurrando seu magma em direção à superfície para que entre em erupção.

Sentei-me certa vez ao lado de um homem que havia assumido o negócio de encanador do pai quando a saúde deste começou a ficar abalada. Trabalhou sessenta horas por semana durante quarenta anos, amparou seus pais, permitindo que morressem com algum conforto material. Depois, protegeu seus dois filhos do tormento saturnino no qual, nas palavras de Gerard Manley Hopkins, "tudo está ressequido pelo ofício, aviltado pela labuta; e veste a fumaceira do homem e compartilha o cheiro do homem".[57] Os filhos, assim protegidos, permaneceram em casa, dependentes e exigentes. À menor provocação, ele explodia e gritava com sua pobre mulher, esbravejando e fazendo ameaças. Sua ira era a raiva acumulada por um vida perdida, entregue a terceiros, entregue a Saturno. E no entanto obedecera a sacrossantos valores culturais: o cuidado com os pais, o sustento da família, a vida melhor para os filhos. Fez tudo o que devia, exceto viver a própria vida, e estava tomado de raiva.

Outro homem que conheci havia dedicado a vida à realização da paz mundial. Era negociador muito viajado, diretor de respeitável grupo de estudos indicado pelo governo para a resolução de conflitos. Nunca o vi zangado e ele nunca levantou a voz. No início, fiquei perplexo, tentando imaginar onde estaria sua raiva. Disse-me então que pelo menos uma vez por mês ficava aniquilado por

[57]"God's Grandeur", versos 6-7, em *Norton Anthology of Poetry*, p. 855.

causa de enxaquecas. Sua raiva legítima e sincera voltava-se para dentro. Atacava a única pessoa que sua refinada sensibilidade permitia que ele atacasse — ele mesmo.

Numa segunda-feira de manhã, na hora do movimento, fiquei preso no engarrafamento do trânsito na Filadélfia, que iria provavelmente durar muito tempo. No cruzamento, dois homens vestindo terno e gravata saltaram de seus carros de luxo, gritaram um com o outro e sacudiram os punhos. Acredito que a raiva que haviam acumulado na vida, sem mencionar o que os aguardava nos seus respectivos escritórios, fora contactada e explodira.

Analogamente, sempre fico nervoso quando assisto aos jogos de futebol americano do Philadelphia Eagle. Nos estacionamentos, e especialmente nos assentos mais baratos, a vida do transeunte corre perigo. Muitos homens, estimulados pela bebida e pela maconha, brigam uns com os outros ou com qualquer pessoa que atravesse seu caminho. Certa vez, em um jogo, minha filha e eu contamos dezesseis brigas em nosso setor do estádio. Em outra ocasião, minha mulher e eu fomos diretamente ameaçados porque teríamos supostamente estacionado nosso carro perto demais do furgão de uns grosseirões que haviam começado a comer e beber antes do jogo. Em outra ocasião ainda, um homem que estava vestido como índio americano durante um jogo dos Eagles-Redskins (Águias Peles-Vermelhas) foi espancado primeiro dentro do estádio e depois do lado de fora. Por algum motivo ele não expressou o desejo de visitar novamente a Cidade do Amor Fraternal.

O que esses exemplos ilustram? Para os jovens do futebol, a semana que antecede o jogo é uma rodada saturnina de empregos enfadonhos e opressivos, de baixos salários, de pouca esperança de mudança, um cenário circense de violência estilizada, e de fornecimento de bebidas alcoólicas — uma infusão mágica para a expressão da raiva. Eles têm raiva das mulheres por causa do

seu complexo materno inconsciente. Cada um deles está zangado por ser homem e, inconscientemente, extravasa sua ira —

> sobe no edifício, chuta a bola de futebol, esmurra seu irmão na cidade dominada pelo ódio.
> ...Geme durante o sono porque a corda esticada balança e mostra a escuridão que há embaixo.
> O faroleiro empertigado está aterrorizado.[58]

Esses homens da classe trabalhadora provavelmente permanecerão presos para sempre no roda saturnina da sorte. Espancarão suas mulheres, beberão para mascarar sua dor, desconfiarão uns dos outros, eternamente sozinhos e com medo. Seus irmãos mais privilegiados ou educados terão sucesso segundo os parâmetros sociais. Mas também estes, em suas limusines alugadas, em seus ternos Brooks Brothers, em suas suítes executivas, terão sucumbido à infantilidade do poder, o único jogo que conhecem.

Como sua ira é monumental, e como não conseguem expressá-la com sinceridade, para não serem humilhados, quase todos os homens modernos mergulham mais ainda na solidão. Por conseguinte, voltam sua raiva contra si próprios. Usam drogas, bebem demais e trabalham até cair. Precisam alcançar um lugar onde não sintam dor, onde possam diminuir o ritmo da sua atividade. Muitos deles são viciados em trabalho; este último impede que enfrentem as exigências da sua anima. O trabalho esgota e fatiga-os até que consigam honradamente cair exaustos na cama. Você não precisa ser terapeuta para saber que a raiva voltada para o interior pode ser somatizada ou se transformar em depressão. Como o estresse é mensurável, grande parte da psicologia popular,

[58]Delmore Schwartz, "The heavy bear", em *Modern poems: an introduction to Poetry,* pp. 309-310.

com proveito, se bem que superficialmente, ensina-nos a administrar o estresse. Os problemas cardíacos, a pressão sangüínea, as patologias do estômago e da dor de cabeça são filhos do estresse. Não será um ciclo de vida menor também patológico?

Pense nos elegantes comerciais de cerveja, criados por uns sujeitos espertos, que mostram um grupo de homens trabalhando juntos na madeireira ou no alto do arranha-céu. Então "está na hora de beber uma cerveja", e eles partem em direção ao bar da vizinhança, para o *happy hour*, onde com uma anima loura ou morena podem se dar ao luxo de sentir o que não foi sentido naquele dia. Um grupo feliz de irmãos — seguros, livres e apoiados pela comunidade masculina — no paraíso do álcool imaginado pelas agências de propaganda. A verdade é que também eles são homens "cuja primeira trombose coronária se aproxima com o Natal". O coração deles vem sendo atacado muito antes das paradas cardíacas a que alude o poema de Philip Larkin. A solidão deles é a do corredor de longa distância.

O tormento saturnino se volta. Todo homem está nele. Seus ferimentos não estimulam a consciência nem conferem sabedoria. Só causam dor sem significado. A anestesia do trabalho, o entorpecimento dos narcóticos, seja químicos seja ideológicos, o terror da solidão — todos ferimentos sem transformação. Feridas bárbaras, desalmadas essas.

Sim, é necessário que os homens sejam feridos para que consigam libertar-se da Mãe. Mas é necessário, também, que esses ferimentos favoreçam o crescimento. O homem de hoje sofre sozinho seus ferimentos, mas sua reação perturba e prejudica aqueles que o rodeiam. Precisa começar reconhecendo as feridas que carrega, feridas que extravazam diariamente na sua vida, para que um dia possa ficar curado ou ajudar seu mundo.

4

A NECESSIDADE DO PAI

Todas as imagos têm dois lados. Se uma imagem tem dimensão profunda, precisa expressar o caráter duplo da realidade. Reconhecer e sustentar a tensão entre os opostos é um princípio junguiano fundamental. A unilateralidade gera a distorção, a perversão e a neurose. Assim, por exemplo, o arquétipo da mãe expressa o aspecto duplo da natureza, aquele que dá e aquele que toma. A Grande Mãe representa a força vital que ao mesmo tempo cria e destrói, procria e aniquila. Como Dylan Thomas sucintamente o coloca, "a força que através do estopim verde propele a flor... é a mesma que me destrói".[59]

Desse modo, o arquétipo do pai também é duplo. O pai dá a vida, luz, energia — não é de causar espanto que tenha sido historicamente associado ao sol. Mas o pai também pode praguejar, intimidar, oprimir. A mente pré-letrada, entretendo-se com a imagem do sol como o centro de energia, o princípio vital, produziu o Deus Pai que energiza e fecunda a terra feminina. O patriarcado substituiu a adoração da Mãe Terra pela do Pai Celeste. (O halo associado a Cristo é relíquia da aura solar do Pai da época em que a serpente associada às divindades maternas é rejeitada pelo patriarcado emergente no Gênesis.)

[59] "The force that through the Green fuse", em *Norton Anthology of Poetry*, p. 1176.

Quando a experiência do pai é positiva, a criança experimenta força, apoio, energização dos seus recursos e um modelo no mundo exterior. Quando a experiência do pai é negativa, a frágil psique é esmagada.

Usando uma metáfora moderna, a psique do menino é um conjunto de potencialidades, um banco de dados a ser modelado pela afirmação e pelo exemplo dos pais. Através da mãe, vivenciará o mundo como lugar carinhoso e protetor. Do pai, receberá o poder de entrar no mundo e lutar pela sua vida. É claro que a mãe pode ajudar a fortalecê-lo e o pai a protegê-lo, porém, arquetipicamente, desempenham papéis específicos. A mãe também ativa o complexo materno, que precisa ser transformado e transcendido, para que o menino não permaneça infantil e dependente. Ele precisa abandonar o mundo da mãe e ingressar no dos pais. Todas as mitologias encenam alguma variação dos dois grandes mitologemas. A mitologia da Grande Mãe é o grande círculo, o tema da morte-renascimento, o Eterno Retorno. A mitologia do Pai Celeste é a busca, a jornada da inocência em direção à experiência, das trevas para a luz, do lar para o horizonte. Cada ciclo mítico precisa ser cumprido.

Quando as imagos paterna e materna são inadequadamente modeladas pelos pais no menino, este carrega essa deficiência pelo resto da vida. Anseia por algo que está faltando, da mesma forma como ele pode ter deficiência vitamínica e ansiar por determinado alimento. Inconscientemente, busca através dos outros as energias adormecidas da psique. Talvez imponha à esposa o papel protetor, por exemplo, e fique zangado quando ela não o paparica, embora conscientemente não permita que ela o faça. Ou então talvez renuncie à sua jornada pessoal, para servir a outro homem, inconscientemente buscando a imago ausente do pai. Talvez fique cheio de raiva pelo fracasso do seu pai em ser pai, ou pela ausência dos pais

culturais, ou talvez, ainda, carregue mágoa secreta pelo seu pai perdido.

Do mesmo modo que dedicamos, em dois capítulos antes, espaço de tempo considerável ao exame do poder do complexo materno na vida do homem, também precisamos reconhecer que esse poder torna-se ainda maior pela imago do pai ativada por completo. O pai pessoal precisa ser, entre outras coisas, o terceiro ponto no triângulo formado pelos pais e pela criança. Se estiver ausente, literal e psicologicamente, o poder da mãe fica desequilibrado. Ou então, se influenciado pelo próprio complexo materno de forma indevida, o pai age de maneira brutal e repressiva na qualidade de agente do poder da família, também deixa de modelar uma aproximação saudável com o feminino que o menino precisa testemunhar. O antigo modelo familiar do tipo papai-sabe-tudo era por demais unilateral para ser saudável. Poucos de nós crescemos vendo nossos pais como agentes iguais, forças democráticas em equilíbrio, apoiando e complementando um ao outro.

Em *Finding our fathers*, Sam Osherson cita um amplo estudo que indica que apenas dezessete por cento dos homens norte-americanos tiveram relacionamento positivo com os pais. Na maioria dos casos o pai estava morto, divorciado e ausente, quimicamente debilitado ou emocionalmente ausente.[60] Se esta impressionante estatística estiver ao menos perto da verdade, algo grande e trágico terá ocorrido a um dos equilíbrios críticos da natureza. Com efeito, Robert Bly afirma que o relacionamento entre pai e filho foi o mais prejudicado dos relacionamentos desde a evolução industrial.[61]

Assim, o sétimo grande segredo que atormenta a alma masculina é o seguinte: *todo homem carrega*

[60]*Finding our fathers,* p. 18.
[61]*Iron John: a book about men,* pp. 19ss.

dentro de si profundo anseio pelo seu pai e pelos pais tribais.

Quando os pais e filhos pararam de trabalhar juntos no campo, nos pequenos negócios, quando a família deixou a terra e emigrou para as cidades onde estavam os empregos, quando o pai saiu de casa e foi para a fábrica ou para o escritório, o filho foi deixado para trás. Não mais a labuta dividida, não mais a transmissão do ofício, não mais o vínculo do menino com seu pai. O pai se arrastava até em casa depois de um dia brutal no calor da linha de montagem ou do embaralhar de papéis no escritório. Talvez tomasse umas e outras no caminho de casa. James Joyce nos conta a história de um pai que, depois de ser despedido pelo patrão, desprezado pelos amigos, rejeitado por uma mulher, entra em casa e, "sem nenhum motivo", espanca o filho. A degradação da sua alma, naquele dia, é infligida à única pessoa sobre a qual ele ainda tem poder.[62]

Os pais muitas vezes voltam para casa desanimados e com a alma desgastada. Dificilmente conseguirão exemplificar uma imago positiva para seus filhos, quando sentem tão intensamente a opressão saturnina. Não faz sentido um homem culpar seu pai, pois seu pai poderá, por sua vez, culpar o pai dele. A cadeia de causa e efeito retorna aos primórdios do homem industrial e urbano. Quando a tribo foi absorvida pela sociedade mais ampla, a oportunidade das transmissões homem a homem foi virtualmente perdida. Dificilmente voltaremos ao tribalismo, embora uma das características do movimento masculino tenha sido tentar recuperar uma idéia dele tocando tambor e cantando, e reunindo os homens para que compartilhem suas histórias.

Sem dúvida, a idéia de ativar uma imago masculina positiva é apropriada e as experiências de união mascu-

[62]"Counterparts", em *The Portable James Joyce,* pp. 97-109.

lina estimulam, de fato, essa meta. Mas a maioria dos homens nunca será exposta a essas oportunidades, e, para muitos dos que o são, o efeito da experiência em grupo não é duradoura. Aquilo a que o pai não consegue ter acesso em si mesmo não consegue ser transmitido para o filho. E não podemos procurar os pais tribais de hoje nas reuniões do conselho executivo das empresas ou nas igrejas. Desse modo, todos os homens, quer o saibam quer não, anseiam por seu pai e choram sua perda. Anseiam pelo seu corpo, sua força, sua sabedoria.

A literatura está repleta de ilustrações da busca pelo princípio masculino que transpira dentro do jovem. Ótimo exemplo encontra-se no conto de Franz Kafka, "O julgamento",[63] no qual o complexo do pai pessoal se estende e abrange sua ambivalência para com os patriarcas da sua herança judaica e até para com Javé — implacável e exigente, bem como ausente e indisponível.

No conto, um jovem sofre sob o olhar onisciente do seu pai. Ele vem escrevendo secretamente para um amigo na Rússia. (Para Kafka, que nasceu em Praga, a Rússia, no início deste século, representaria algo semelhante ao "oeste americano" do tempo dos pioneiros, terra de aventuras e regiões inexploradas). O amigo insiste com o jovem para que se una a ele. Obviamente, o jovem anseia pela aventura e está desejoso de aceitar a convocação para a jornada em direção ao horizonte. Mas seu pai descobre o esconderijo das cartas e diz ao filho: "Eu o condeno a morrer". O filho, obedientemente, atravessa a cidade, atravessa uma ponte, e, no final da história, mergulha no rio em direção à morte.

Esse desfecho choca o leitor. Mas Kafka, que W. H. Auden afirmou se relacionar com a nossa época como Dante se relacionou com a dele,[64] é um incomparável es-

[63]Em *The penal Colony,* pp. 49-66.
[64]*The Dyer's hand,* p. 159.

critor de parábolas. As histórias de Kafka são cartas ao seu eu secreto, redigidas no esforço de escapar de um pai impiedoso e de uma tradição absurda, embora a morte pareça ser a única maneira de escapar à sinistra e cinzenta cidade da opressão. Através de que poder, de que autoridade e até de que motivo o pai exerceria tal efeito sobre o filho? Assim como o simples olhar ao rosto de Medusa transformava os homens em pedra na mitologia clássica, também temos em "O julgamento" um retrato do poder do complexo paterno negativo. A sombra saturnina tem a capacidade de cair sobre o espírito do filho, esmagando-o. O filho procura no amigo a experiência masculina positiva, porém, por motivos não explicados, o pai percebe a intenção do seu rival e corta a única esperança do filho escapar. O complexo, portanto, tem o poder de decepar seu espírito, calcar as chamas da vida e fazê-lo mergulhar nas destrutivas águas do inconsciente. Assim, em vez de levar luz ao filho, o pai conduz até ele a escuridão sufocante.

Esses pais negativos construíram o que Blake chamou de "experiências escuras e satânicas".[65] Também construíram Auschwitz. Construíram arrogantes teologias que queimaram homens no poste e os esmagaram na roda. Criaram um mundo cruel, sem luz, sem alma. Quando seus filhos procuram alcançar a vida, eles os esmagam e destroem.

Outro exemplo da busca pelo pai pode ser encontrado na história de Nathaniel Hawthorne, "Meu parente, o Major Molineaux". Um jovem chamado Robin parte em busca da fama e da fortuna em Boston, ajudado, segundo ele espera, pelo seu parente, o Major Molineaux, que ele precisa encontrar. Ingênuo e inocente, perde-se na cidade cujas ruas sinuosas são um verdadeiro labirinto, como

[65]"And did those feet", em *Norton Anthology of Poetry,* p. 510.

as circunvoluções da sua psique. Pergunta por seu parente em todos os lugares e fica surpreso ao perceber que os cidadãos de Boston se afastam dele. Não sabe que a Revolução está fermentando e que seu parente é um odiado funcionário monarquista. Ao cair da noite, sua confiança e sua consciência também diminuem. É arrastado por uma multidão de homens pintados como selvagens. Logo está gritando no meio deles. Somente então percebe que encontrou seu parente, coberto com alcatrão e penas, não um pai prestimoso e sim um homem velho e arrasado. Robin fica aturdido ao perceber a violência da multidão em si mesmo e compreende que precisa abrir seu próprio caminho no mundo.

A história de Hawthorne exemplifica a necessidade que o jovem sente da figura paterna, um mentor que irá ajudá-lo a transpor a ponte que liga o complexo materno ao mundo masculino do poder que está além. Porém, como quase todos os homens modernos, Robin não encontra o mentor de que precisa. Só encontra um homem ferido como os outros, e uma escuridão dentro de si próprio que ele precisa carregar conscientemente a partir de então. Poderíamos recordar a maciça projeção da sombra que caiu sobre Hitler na década de trinta. O *Jugend* de Hitler estava repleto de jovens que ansiavam por ativar seu herói interior. Eles responderam à convocação dos ideais, do sacrifício e da identificação comunitária. O apelo de John Kennedy ao idealismo juvenil e à necessidade heróica é exemplo mais benigno. O que Robin descobriu foi que não existiam pais prestimosos, apenas o *abaissement du niveau mentale* da multidão. No final, ele está sozinho.

Um resultado mais positivo da busca por um companheiro prestimoso pode ser visto no romance de Joseph Conrad, *The secret Sharer*. O protagonista é um jovem capitão que assume seu primeiro comando no Mar do Sul da China. Nervoso e inseguro, tenta ficar amigo da tripu-

lação que logo detecta seu medo e o deprecia pelas costas. Só sabe ser amigo ou tirano, e esses dois extremos debilitam seu poder de comando. Enquanto caminha certa noite pelo convés, ele vê um homem no mar e o puxa para bordo. Instintivamente, sabe que deve acolher e proteger esse homem. Mais tarde, um navio pára ao lado do dele, procurando um homem que agiu com bravura porém assassinou um companheiro de bordo. O jovem capitão, apesar do seu dever de servir e apoiar a lei do mar, dá cobertura ao misterioso visitante.

O homem que ele tirou do mar parece ter todas as qualidades que estão ausentes no jovem capitão. Ele é, com efeito, sua sombra, seu *Doppelganqer* ou duplo. No final da história o jovem capitão, depois de assimilar a influência psíquica do fugitivo, faz algumas manobras complicadas e perigosas com seu navio para pôr o homem em segurança em terra firme. Em virtude dessas ações, a tripulação passa a respeitar o jovem capitão, pois ele obviamente compreendeu a indispensável autoridade moral necessária ao exercício do comando e agora é exemplo dela.

Na verdade, o que o jovem capitão precisava não era de conhecimento — isso já havia aprendido na academia naval — e sim de força interior, autoridade interior. O misterioso visitante representava o potencial da sua sombra. Eles compartilhavam um segredo, o segredo que diz que a autoridade exterior precisa emanar da interior. É desse compartilhar secreto que todos os homens precisam. Uma vez que raramente são capazes de sentir sua autoridade interior, os homens precisam passar a vida submetendo-se à vontade alheia ou tentando impor sua autoridade para compensar sua sensação de fraqueza interior. Ao contrário da história de Kafka, na qual o pai negativo esmaga o espírito do filho, ou da de Hawthorne, na qual o mentor desaponta o discípulo, a história de Conrad ilustra uma orientação positiva.

Todos os filhos precisam de alguma coisa dos seus pais. Precisam especialmente que o pai diga que os ama e aceite-os exatamente como são.[66] Grande número de homens distorceram sua jornada de individuação porque seu pai não lhes deu apoio. Os filhos pensavam naturalmente que precisavam se ajustar, torcer sua natureza, para conquistar a aprovação do pai. Algumas vezes, passam a vida procurando essa aprovação nos outros. Ou então, na ausência do apoio paterno, interiorizam essa deficiência como declaração fenomenológica a respeito de si próprios. ("Se eu tivesse valor, eu teria o amor dele. Como não tenho, não tenho valor.")

Lembro-me de um homem de quase quarenta anos que carregara durante anos uma profunda sensação de humilhação e baixa auto-estima. Quando seu pai estava morrendo de enfisema o homem perguntou: "Por que não fomos mais próximos um do outro?" O pai, a quem restavam talvez apenas quarenta e oito horas de vida, respondeu: "Você se lembra de quando você tinha dez anos... você deixou cair um brinquedo no vaso sanitário e eu tive de passar o dia inteiro tentando tirá-lo de lá?" E continuou referindo-se a incidentes semelhantes, todos triviais. O filho deixou o hospital percebendo que o único dom do pai era demonstrar que era maluco. Durante quase quatro décadas o filho havia pensado que era pessoa sem valor. Foi somente depois dessa conversa no leito de morte do pai que a auto-imagem ferida do filho começou a ficar curada.

Os filhos também precisam observar seu pai no mundo. Precisam dele para lhes mostrar como devem se comportar no mundo, como trabalhar, como estabelecer um relacionamento correto com o feminino, tanto interno

[66]Na qualidade de terapeuta, raramente presenciei uma dor maior do que a sofrida pelo homem que nunca conheceu o amor e aprovação do pai. Esse ferimento é mais intensamente sentido pelos homossexuais cujos pais, inseguros com relação à própria identidade, rejeitaram e abandonaram seus filhos.

quanto externo. Precisam ativar sua masculinidade inerente não apenas através do exemplo externo como também pela afirmação direta. Dizer ao menino que não deve chorar, que não deve ser um maricas, significa apenas estimular a alienação pessoal para a vida inteira. Mostrar a ele como ser sincero nas suas emoções, como se levantar do chão e voltar à luta — a necessária ferida — é o que cada filho precisa. É necessário que lhe mostrem que é perfeitamente humano sentir medo e que, embora com medo, ainda é obrigado a viver a própria vida e empreender a própria jornada.

Os filhos precisam que o pai lhes diga o que precisam saber para viver "lá fora", e como viver com integridade. O filhos precisam ver o pai vivendo a própria vida, lutando, sendo emotivo, falhando e caindo, levantando-se de novo, sendo humano. Quando o filho não vê o pai vivendo com sinceridade sua jornada pessoal, terá então de encontrar seu paradigma em outro lugar, ou, pior ainda, viver inconscientemente a jornada que o pai não empreendeu. Este comentário está de acordo com a observação de Jung de que o maior fardo que a criança pode carregar é a vida não vivida por seus pais.[67] Com relação a esse tema, o poema de Rilke que citei em *A passagem do meio* merece ser repetido aqui:

> Algumas vezes um homem
> se levanta durante o jantar
> e vai para o lado de fora, e continua a caminhar,
> por causa de uma igreja
> que se ergue em algum lugar no Oriente.
> E seus filhos dizem orações
> por ele como se estivesse morto.
> E outro homem, que fica dentro da própria casa,
> ali permanece, dentro dos pratos e dos copos,
> de modo que seus filhos

[67] Ver acima, pp. 73-74.

têm de ir para um lugar bem longe no mundo
em direção à mesma igreja que ele esqueceu.[68]

A igreja a que Rilke se refere enfatiza a natureza sagrada da jornada. (Como no caso de Kafka, Rilke, que nasceu em Praga, via o "Oriente" como região inexplorada.) No primeiro caso, o pai empreende sua jornada, embora penosamente. No segundo, o pai fica em casa, temeroso, e seus filhos precisam compensar excessivamente o que ele não realizou.

Claro que a jornada do pai não precisa ser o afastamento literal, mas cada homem precisa se afastar de alguma maneira do coletivo, da segurança, do seu silencioso complexo materno, para que possa tornar-se ele mesmo. Quando, de alguma forma, não marca sua própria trilha através da densa floresta, torna-se parte do emaranhado psíquico que retarda a jornada do filho.

O pai pode estar fisicamente presente, porém ausente em espírito. Sua ausência pode ser literal através da morte, do divórcio ou de uma disfunção, mas com mais freqüência trata-se de ausência simbólica, através do silêncio e da incapacidade de transmitir o que talvez também não tenha adquirido. A deserção do pai significa que o equilíbrio do triângulo pais-criança está inclinado e a díade mãe-filho assume peso desproporcional. Por mais bem-intencionadas que possam ser quase todas as mães, dificilmente esperemos que iniciem seus filhos em algo que elas não são. Sem um pai para arrastá-lo para fora do complexo materno, o filho continua menino, preso na dependência ou na repressão compensatória machista do feminino. Seu medo e sua confusão são então possibilidades que precisa mascarar. O homem não iniciado esconde sua ferida, seu anseio, sua dor; é um estranho para si próprio.

[68] *Selected Poems of Rainer Maria Rilke,* p. 49.

É este anseio, esta atração pelo homem iniciador, que é realçado no movimento masculino. Porta-vozes como Robert Bly (que se parece mais com Moisés do que Charlton Heston), Michael Meade, Sam Keen e James Hillman, bem à parte do que eles possam dizer, simbolicamente evocam os velhos sábios. O fato de a análise que Robert Bly faz do conto de fada João de Ferro (ou "Hans de Ferro", no original de Grimm) ter alcançado a primeira colocação na lista dos livros mais vendidos do *New York Times* é surpreendente, especialmente porque não é um livro fácil de ler e emprega conceitos que não estão em voga. Mas é exatamente o fato de seus antigos temas terem encontrado receptividade tão imediata que sugere que ele é um bom paradigma para o relacionamento dos homens modernos com o masculino primordial.

"João de Ferro" começa com caçadores desaparecendo na floresta. Psicologicamente isto significa que por mais competente que possa parecer a corte, o centro consciente da personalidade, algo está incorreto. Energia está sendo roubada da vida consciente. Após uma investigação, uma criatura de ferro é trazida do fundo de um poço, o profundo mundo arquetípico. Como a consciência é ameaçada por esse óbvio poder, a criatura é imediatamente enjaulada. Mas o príncipe, o jovem que representa o potencial de crescimento no reino, deixa cair sua bola dourada, o símbolo da sua totalidade psíquica, dentro da jaula de João de Ferro.

João de Ferro diz ao príncipe que, se este o libertar, devolverá a bola de ouro. Mas a chave da jaula está debaixo do travesseiro de sua mãe. Ele não deve pedir-lhe a chave, uma vez que a mãe não lhe concederá essa liberdade; não quer que seu filho se torne homem e a abandone. O menino consegue roubar a chave e abre a jaula. João de Ferro leva-o consigo e empreendem uma série de aventuras simbólicas e transformadoras. A apreensão da

mãe se mostra precisa, pois seu filho realmente a abandona; ele torna-se homem. Claro que suas ações não são hostis para com ela, ou para com o passivo rei, seu pai, e sim experiências iniciatórias necessárias. No final da história, o jovem já não precisa da ajuda de João de Ferro, pois interiorizou a força necessária.

O importante a respeito dessa história, como Bly corretamente percebeu, é que fornece um modelo útil de iniciação masculina para nossa época. O menino precisa deixar psicologicamente o lar para poder crescer. O pai não lhe serve de ajuda, pois também sente medo desse fortalecimento masculino arquetípico. A mãe se agarra ao filho para protegê-lo do ferimento, necessário para que se torne consciente. Afortunadamente, o filho tem acesso, através do nível arquetípico, à imago masculina interior. À semelhança da maioria dos homens de hoje, precisa desviar-se do pai pessoal, destruir a tirania sedutora do seu complexo materno e procurar ativar sua verdadeira natureza em nível mais profundo. É este processo que fala aos homens nos mitos e nas lendas, e também nos filmes atuais. Quando o jovem volta à corte, depois do seu ferimento e da subseqüente jornada vitoriosa pelo mundo, é capaz de reivindicar a princesa como sua mulher externa e também como a anima interna. Por se sentir à vontade com o masculino primordial, é capaz de aceitar o feminino.

Muitas mulheres manifestaram sua apreensão com relação ao movimento masculino e ao fenômeno de João de Ferro em particular. Temem que essa abordagem represente uma base racional para que os homens mantenham, ou retomem, as atitudes do homem da caverna que foram tão opressivas, e freqüentemente violentas, no passado. Mas estão confundindo, como muitos homens historicamente confundiram, a tarefa do fortalecimento com a agressão. O homem que se sente fortalecido para ser ele mesmo, sem vergonha ou desculpas, sem fanfar-

ronice machista ou compensação excessiva, não precisa ser hostil ou agressivo com as mulheres ou com os outros homens. Esse homem nada mais tem a provar. Foi testado e mostrou ter valor.

As mulheres também criticaram Bly e outros por excluírem as mulheres e por negligenciarem o vínculo pai-filha. A última acusação é verdadeira e talvez, com o correr do tempo, venha a ser abordado pelos homens, como já o foi por algumas mulheres.[69] No momento, parece que a tarefa mais premente que os homens enfrentam é aprender o possível uns com os outros a respeito do masculino, se e quando isso puder ser aprendido. Analogamente, as mulheres precisam aprender a ser mulheres, com as velhas sábias, quando e sempre que puderem ser encontradas. Os homens e as mulheres sentir-se-ão mais à vontade uns com os outros quando se sentirem à vontade consigo próprios.

Eis o que certo jovem escreveu a respeito da sua experiência depois de fazer um retiro exclusivamente masculino:

> Sou vermelho, laranja e amarelo antigo.
> Sou um homem animal, seu irmão.
> Através dos pinheiros e das palmeiras
> Aprendi a ver
> As dimensões do milagre
> Dos grandes chefes da paz.
> Há um rufar de tambor na floresta
> E flautas no vento.
> Vejo homens de mãos dadas
> Como irmãos e amigos.
> Toquem no tambor, meus irmãos,
> Qualquer pulsação que possam sentir.[70]

[69]Ver, por exemplo, Linda Leonard, *The wounded woman: healing the father-daughter relationship,* e os livros de Marion Woodman, *Addiction to perfection, The pregnant virgin* e *Leaving my father's house.*

[70]Timoty Hollis, "Song to Pan" (comunicação pessoal).

Obviamente o autor sentiu algo se mexer bem no fundo, o sátiro Pã primordial que, à semelhança de João de Ferro, personifica uma dimensão masculina perdida.

Outro escritor que contribui para o nosso entendimento do ferimento do homem moderno é o analista junguiano Eugene Monick. Em *Falo: a sagrada imagem do masculino*, Monick ressalta que a debilitação do pai pessoal causa ferimentos tanto no nível arquetípico quanto pessoal. Homens inconscientes que sofrem de uma dúvida interior, que se sentem indefesos, criaram o patriarcado, que oprime outros homens, estupra as mulheres e saqueia a natureza. O patriarcado, que já domina o Ocidente há cerca de três mil anos, é uma compensação para a fraqueza interior. Os homens agitam lanças, foguetes e arranha-céus quando carecem de identidade fálica positiva. Caminhe com determinação e carregue um grande cajado; talvez ninguém perceba como você se sente pequeno. A tese de Monick é um oportuno lembrete de que o falo — que não deve ser confundido com o pênis — é uma força arquetípica da qual se originam a potência masculina e a grandeza da alma.

Em *Castração e fúria masculina*, que se segue a *Falo*, Monick argumenta que os homens sofrem a castração porque o mundo fere seu senso de identidade pessoal. Os indícios disso são a compensação excessiva e um complexo de poder inflado (lembremo-nos de Donald Trump dando seu nome aos seus cassinos, os escândalos de Wall Street, e a meteórica ascensão e subseqüente queda dos impérios financeiros), e raiva, freqüentemente orientados externamente. Os homens também revelam sua debilidade através da timidez e da vergonha. Tive um analisando que sofrera abuso da parte do pai e mal conseguia conservar a cabeça ereta para olhar para mim, com medo de que eu o humilhasse da mesma maneira. Monick, à semelhança do que faço aqui, afirma que um dos inimi-

gos fundamentais dos homens é o medo, medo do feminino e medo de ser ferido pelos outros homens. O patriarcado, que substitui o amor pelo poder e mede o valor em função do elemento material, venerando suas próprias ereções em vez de o divino, é uma compensação para esse medo.[71]

Em *King, warrior, magician, lover: rediscovering the archetypes of the mature masculine*, Robert Moore e Douglas Gillette reconhecem, por um lado, a imaturidade emocional do patriarcado e, pelo outro, procuram tornar conscientes quatro arquétipos da atuação masculina. Cada um desses arquétipos possui um lado positivo e um negativo.

O rei representa a função executiva do homem, o poder de assumir o controle, de tomar decisões. O lado da sombra, quando o rei sente sua impotência, é o poder maligno. Ele poderá procurar controlar as outras pessoas para compensar suas deficiências. Suas bravatas e fanfarronices, almoços executivos e carros de luxo são, na verdade, sintomas de debilidade, mas ele está por demais aterrorizado para se voltar para dentro de si e acertar as contas consigo próprio. Assim, o arquétipo do rei precisa ser reconhecido conscientemente, para que o homem não se torne ainda mais suscetível de ser depredado pelo patriarcado saturnino.

O guerreiro representa a necessidade de o homem estar preparado para lutar pelo que deseja, pela sua integridade, por uma causa ou pela justiça. O lado da sombra do guerreiro é o destruidor. Grande parte da nossa história foi encharcada de sangue por homens que, incapazes de lutar pela própria verdade, ou que não a possuem, projetaram sua ira sobre os outros e os massacra-

[71]Ver James Wyly, *The phallic quest: Priapus and masculine inflation* (trad. bras.: *A busca fálica*, Paulus).

ram. Todas as guerras são guerras civis — homens combatendo seus irmãos.

O mágico é o arquétipo do transformador, do poder multiforme dos homens de mover montanhas, de se adaptar a condições diferentes, de descobrir uma maneira de fazer as coisas funcionarem. Como Sófocles comentou há vinte e cinco séculos: "Incontáveis são as maravilhas do mundo. E nenhuma mais maravilhosa do que o homem".[72] Aquele que domou os mares salgados e agitados, que construiu estradas através das montanhas, que arrancou a Quinta Sinfonia das profundezas da sua alma, é o fazedor de milagres na natureza. Seu lado sombrio, contudo, é o controle, a manipulação, a escamoteação e o charlatanismo. Não é confiável. Personifica a aresta étnica que todos os homens percorrem, a fina linha divisória entre fazer milagres e tratar o mundo como um jogo de passe-passe.

O enamorado também caminha sobre uma tênue linha divisória — entre o eros, a força da interligação, e o narcisismo, a necessidade da gratificação egoísta. O ódio dos homens está bem documentado. Porém, assombrosamente, eles também amam. Amam de longe e escrevem a *Comédia*; amam a Deus e escrevem *Ad majorem gloriam Dei*. Amam seus semelhantes e escrevem *Guerra e paz*. Amam as mulheres e as crianças e sacrificam sua carne e sua alma no trabalho árduo para sustentá-las. Amam seus irmãos doentes e os purificam e os consolam enquanto eles morrem de Aids. Mas também podem deformar esses eros de forma terrível. Ao apresentar uma palestra em 1978 no Instituto Jung em Zurique, Paul Walder contou uma história atribuída ao antigo embaixador suíço em Berlim. Em uma recepção do governo, no final da década de trinta, Hitler supostamente teria dito: "Eu deveria ter sido arquiteto, mas agora é tarde demais".

[72]*Antigone*, em *The Complete Greek Tragedies*, p. 170.

Cada um desses arquétipos constitui uma imagem repleta de energia. Todos os homens as carregam dentro de si, anseiam por sua ativação interior e manifestação exterior. O pai pessoal nunca consegue ativar toda a extensão do poder arquetípico. Desse modo os homens, na sua necessidade de terem um pai, sofrem suas deficiências nos recantos da vergonha pessoal ou procuram pais substitutos nos duvidosos modelos amplamente disponíveis. Obviamente, a fim de ativar a verdadeira masculinidade, as imagens precisam ser extraídas do poço profundo, lá embaixo onde mora João de Ferro, e não dos precintos neuróticos, excessivamente compensados e autoalienantes do patriarcado.

O profundo drama da busca pelo pai transpira diariamente na vida de todo homem. Uma das razões pelas quais os analistas junguianos procuram controlar o mundo dos sonhos é para seguir a pista desses dramas interiores. Freqüentemente podemos medir a mudança pela evolução de certas imagens ou temas através do desabrochar da vida de sonhos. Parece que a psique está trabalhando em direção à própria cura, inclusive quando a consciência ainda não está pronta para ajudar. Ouvindo o sonho e assimilando suas energias, a consciência pode desenvolver e auxiliar os grandes temas da psique.[73]

No último capítulo, escrevi a respeito do ferimento de Allen, um médico da sala de emergência.[74] Ele agora está certo daquilo de que anteriormente suspeitava, ou seja, que ele, filho de dois médicos, formou-se em medicina basicamente para obter a aprovação dos pais. Estes sempre fizeram do amor algo condicional e sua aprovação dependia de ele "cumprir o programa". Três dos seus

[73]Ver, por exemplo, James A. Hall, *Jungian dream interpretation: a handbook of theory and practice,* e Donald Broadribb, *The dream story.*

[74]Acima, pp. 101-102.

sonhos, distribuídos por um período de vinte meses, revelam a evolução do seu relacionamento com o pai saturnino.

No primeiro sonho, está em uma sala que sabe pertencer ao seu pai. A sala é escura e opressiva, cheia de vasos e urnas antigos. Um jovem lhe oferece um mosquete de pederneira. Pega o mosquete e atira nos vasos, estraçalhando alguns deles. O sonho termina com ele se sentindo "tolo, e levemente amedrontado, como um jovem destruidor". Aqui a psique coloca Allen nos confins do complexo paterno onde, com efeito, tudo lhe parece escuro e opressivo. A sala está repleta de "coisas velhas", os destroços da infância. Uma parte mais jovem dele, talvez a criança rebelde, talvez o futuro incipiente, oferece-lhe uma arma antiga, talvez o agente de raiva antiga. Expressa sua raiva destruindo os recipientes. Depois, sente-se como adolescente em ação, considerando seus atos justificados porém levemente embaraçado.

Alguns meses depois, Allen sonha que se encontra em uma ilha que está sob o fogo da artilharia. Um velho conta histórias da guerra e Allen o segue para ouvir o que está dizendo. Uma granada atinge uma enorme árvore que cai sobre o velho e mata-o. Allen sabe que esta árvore chama-se "a árvore do soldado". O velho fora dominador e não era querido, mas também inspirara realizações. Allen sente que talvez lhe agradasse morrer dessa maneira. Depois, ele se vê no meio de alguns galhos e sente a chuva fresca caindo sobre seu rosto.

Muitos dos sonhos de Allen empregavam metáforas bélicas. Embora nunca tivesse servido nas forças armadas, Allen se sentia como se estivesse constantemente "no meio de um tiroteio", e sem dúvida a sala de emergência de um hospital urbano é uma espécie de zona de guerra. Sua escala era freqüentemente de quatro dias de trabalho por três de descanso, e sempre ficava ansioso

antes de retornar ao trabalho. Por volta do segundo dia já se sentia ajustado, o que comparava a ter tido licença e ter voltado às trincheiras.

No seu sonho, Allen está rodeado de água, o fluxo emocional da sua vida. É atraído para o velho, um veterano de guerra com quem tem coisas a aprender. Mas o homem morre. A reação de Allen é ambivalente. O velho era dominador e autoritário — mas também inspirara realizações. Este fato refletia a ambivalência de Allen com relação ao seu pai. Queria amar o pai, precisava amá-lo, mas sabia que sempre tivera de se esforçar para conquistar a relutante aprovação dele. Também tinha consciência de que realizara muitas coisas graças às expectativas do seu pai. Ao mesmo tempo, há uma espécie de futilidade no sonho. Sente que é chamado para esse combate, nada conseguirá evitar sua sorte, e ele apenas espera poder morrer a morte de um soldado como o fez o velho. Esse pensamento lhe confere certo grau de paz e consolo enquanto a chuva o conforta.

A morte do velho sugere uma evolução na psique de Allen da qual ele não estava consciente — talvez a extinção dos antigos valores que governavam sua vida. Ele se sente, como muitos antes dele se sentiram, condenado a morrer em combate, mas o grau de uma calma resignada pode de fato predizer uma mudança psíquica positiva.

No terceiro sonho, Allen encontra-se mais uma vez no cenário militar. Foi chamado à presença do general, prestou continência, ouviu suas ordens e prometeu obediência. Porém, durante a cena, ele está de certa forma inadequadamente, até desafiadoramente, engraxando os sapatos. Ao sair, presta nova continência, mas diz para si mesmo: "Não vou ficar aqui muito tempo. Vou para o outro lado da montanha".

Ironicamente, depois da sua sessão de análise, Allen estivera planejando dar uma passada na casa dos seus

pais para a comemoração do quatro de julho. O sonho, daquela mesma manhã, repete a familiar metáfora militar. Sabemos agora quem o general é na vida dele, o velho que ele ainda saúda externamente. Mas está claro que sua rebeldia, inicialmente manifestada nos tiros dados nos vasos no primeiro sonho, teve continuidade. Agora sua divergência fica maior; a psique anuncia que mudanças são iminentes. Ele saúda no momento, mas em breve deixará tudo para trás.

Muitas vezes, na terapia, percebemos que grande parte do que realizamos na vida, do que nos tornamos, até os bons resultados, originaram-se de lugares errados, das partes feridas. Allen, por exemplo, formou-se em medicina para conquistar a aprovação dos pais. Este motivo é compreensível para uma criança, mas não é saudável para um adulto independente. No entanto, Allen era um excelente médico, dedicado, que talvez de fato estivesse na profissão certa. Sua tarefa era descobrir quem ele era separadamente do peso dos complexos paterno e materno — o que era válido e o que era suspeito na sua escolha profissional.

A situação difícil de Allen é análoga à de muitos outros homens. Alguns talvez tenham tido pais menos exigentes, alguns talvez nem sequer tenham tido um pai, mas compartilham o fato de não poderem procurar seu pai pessoal, nem o velho sábio da tribo, para formular as necessárias perguntas. A "invenção" da psicanálise, há um século, ocorreu em resposta ao sofrimento que não podia ser aliviado pela medicina, pela teologia ou pelos pais patriarcais. Quando a alma dos homens é ferida, reagem de maneiras terríveis para si próprios e para os outros. Só mudarão a si e à sua sociedade quando se tornarem conscientes das suas feridas.

O ferimento pai-filho é muito profundo. Como o pai pessoal raramente é capaz de ajudar, o filho se vê levado

em direção aos pseudopais — profetas religiosos, astros pop, -ismos de todos os tipos. Ou, então, ele sofre na privacidade do seu coração magoado. Poucos pais conseguem louvar seus pais como o faz E. E. Cummings:

> embora monótono fosse tudo
> que sentimos como glorioso,
> amargas todas as coisas inteiramente doces,
> caprichoso e deficiente e morte silenciosa
> tudo que herdamos,
> tudo legado e nada absolutamente mínimo
> como a verdade
> — eu digo embora o ódio fosse
> por que os homens respiram —
> porque meu pai viveu sua alma
> amor é o todo e mais do que tudo.[75]

Cummings é capaz de abençoar seu pai porque, na capacidade deste último de viver plenamente sua vida, ele serviu de modelo e ativou esse potencial masculino no filho. Este filho tem muita sorte. Para a maioria dos homens, o pai, embora não por culpa dele, é apenas outro em uma série de gerações feridas. Assim, os filhos precisam viajar para outro lugar para começar a cura. Esse lugar não é onde vive algum guru ou onde se ergue alguma estrutura empresarial; é na sua alma perfurada e alienada.

Tenho uma postura francamente pessimista com relação às possibilidades que a maioria dos homens tem de escapar ou transformar uma vida vivida sob a sombra de Saturno. No entanto, claramente, a mudança social ocorre através do despertar da consciência das pessoas. Quando um número suficiente de indivíduos rejeita os valores que lhe são oferecidos pela sua cultura, valores que cau-

[75] "My father moved through dooms of love", em *Norton Anthology of Poetry*, p. 1046.

sam dano à alma, a transformação social tem lugar. Por conseguinte, cabe aos homens em todos os lugares alcançar um grau de consciência que lhes permita curar a si próprios.

E este é o oitavo segredo dos homens: *para ficarem curados, precisam ativar dentro de si o que não receberam do exterior.*

Este é o tema do nosso último capítulo.

5

CURANDO A ALMA DOS HOMENS

Antes de abordar a questão da cura, um mistério bem mais profundo e impalpável do que o ferimento, creio ser apropriado rever o que já vimos até aqui. Embora dificilmente seja necessário enumerar a sombra saturnina sob a qual vivemos, os papéis, as expectativas e os valores que dia a dia ferem os homens, parece-me útil relembrar os oito segredos que os homens carregam consigo. Sempre que os mencionei aos homens no contexto da amizade ou da terapia, todos reconheceram ter esses pensamentos no seu coração assustado e silencioso. Algumas vezes o homem está fortemente consciente deles desde a infância, mas muitas vezes é nossa conversa que faz com que eles venham à tona oriundos de uma incipiente confusão emocional.

Os oito segredos

1. *A vida dos homens é tão governada pelas expectativas restritivas com relação ao papel que devem desempenhar quanto a vida das mulheres*

Esta afirmação é talvez a que precise ser menos expandida, pois as vastas patologias pessoais e sociais da nossa época são o *cri de coeur* das almas individuais deformadas pelos papéis procrustianos estabelecidos pelo

pensamento patriarcal. Como observou Rilke, "não estamos à vontade, não nos sentimos seguros, no mundo interpretado".[76]

Herdamos um mundo no qual o principal valor do homem é defender sua terra natal e sustentar sua família. Estes podem ainda ser papéis honrados, mas são, na melhor das hipóteses, papéis e não o homem inteiro. Ele não tem permissão para procurar e acalentar o chamado da sua alma. Que seja bem-sucedido pelas normas do mundo, mas ele sabe, bem no fundo, que perdeu sua alma ao longo do caminho. Nenhum homem equilibrado acredita de fato hoje em dia que ter uma esposa atraente, um carro possante na garagem e passar férias ao sol seja a soma e o mérito da sua vida. Mas quase todos ainda seguem esses valores superficiais porque não conhecem outros. São então escravos do seu trabalho, servos de valores sedutores porém evanescentes, e geralmente estão à deriva no mundo que nossos pais serviram e que os esmagou.

As mulheres, com razão, desafiaram a estreita amplitude de feminilidade defendida pela cultura que receberam. É igualmente necessário que os homens se envolvam em uma revisão radical da sua vida e do seu relacionamento com as imagens e as vozes que querem dirigi-los. Os homens ainda carregam enorme fardo financeiro, por exemplo, mas precisam lutar cada vez mais pelas condições que lhes permitirão puxar com dignidade e propósito o vagão do dinheiro. E também precisam, cada vez mais, estar dispostos a arriscar tudo para salvar o que resta da sua alma.

Imagino algumas vezes um executivo no alto do World Trade Center em Nova Iorque — senhor do seu domínio, esposa e filhos em Westchester, coisas para fa-

[76]*Duino Elegies*, p. 27.

zer e pessoas para ver. Mas enquanto observa um barco afastando-se pelo Hudson, debaixo das linhas curvilíneas da ponte Verrazano Narrows, seu espírito afunda. Conquistou tudo que queria, realizou as expectativas da sua cultura, mas sabe que é um homem perdido. Como Joseph Campbell o expressou, talvez passemos a vida inteira subindo a escada, apenas para perceber que ela foi posta de encontro à parede errada.[77]

Para que os homens comecem o processo da cura, precisam primeiro correr o risco de serem sinceros consigo próprios, permitindo-se ter os sentimentos que acham não podem se dar o luxo de nutrir. Precisam admitir que não são felizes apesar do que realizaram. Precisam admitir que não sabem quem são ou o que devem fazer para se salvar. Precisam superar o medo que bloqueia esse pensamento, o medo de que terão de mudar sua vida se deixarem escapar seu segredo emocional.

O primeiro passo em direção à cura talvez seja o mais difícil. Os homens precisam deixar de mentir para si próprios e, por extensão, uns para os outros, e precisam permitir que sua infelicidade se torne consciente. Precisam admitir que, talvez apesar de todas as boas intenções, sua vida está errada, e que a partir de agora a mudança é responsabilidade deles.

2. A vida do homem é governada pelo medo

A vida de todas as pessoas é, até certo ponto, governada pelo medo, mas os homens estão profundamente empenhados em mantê-lo à distância. As mulheres têm a enorme vantagem cultural da sinceridade emocional. Os homens têm medo do poder do complexo materno e portanto procuram agradar às mulheres ou dominá-las.

[77] *This business of the Gods...*, p. 19.

Os homens têm medo dos outros homens porque são lançados em papéis competitivos; o outro homem é percebido como inimigo e não como irmão. Os homens têm medo porque sabem que o mundo é grande, perigoso e em última análise impenetrável. Sentem-se internamente como crianças e o navio no qual eles se lançam no mar escuro e revolto é realmente muito frágil. É claro que as mulheres também sabem disso, mas elas são capazes de admiti-lo para si mesmas e para as outras mulheres; a vida delas, portanto, não é tão solitária, tão isolada, tão carregada de culpa.

Os homens têm a idéia maluca de que *não devem* sentir medo, que sua tarefa é conquistar a natureza e a si próprios. Sem dúvida, os homens realizaram coisas incríveis, deram grandes saltos na escuridão e voltaram com mapas maravilhosos da *Terra Incognita*, porém, ao mesmo tempo, cada homem sente-se humilhado pelo medo de não ser homem de verdade. Sua vergonha se manifesta como compensação excessiva, quando se exibe ou é arrogante com as outras pessoas, ou como fuga silenciosa da verdadeira tarefa à qual a vida o chamou.

Mais uma vez, a cura do homem principia no dia em que consegue começar a ser sincero consigo próprio, no dia em que é capaz de reconhecer o quanto sua vida é impulsionada pelo medo, quando rechaçar a vergonha que ameaça envolvê-lo. Somente então recuperará o centro que foi obscurecido pelo grande medo cinzento que persegue sua alma.

3. O poder do feminino é imenso na organização psíquica dos homens

A maior influência psicológica na vida do homem, em circunstâncias normais, é sua mãe. Por causa da enormidade da sua presença psíquica, da qual ele está sem-

pre mais ou menos inconsciente, os homens desenvolvem de quatro formas principais um relacionamento distorcido com o feminino.

Primeiro, concedem excessivo poder psicológico às mulheres, ou seja, projetam a imensidão do seu complexo materno sobre as mulheres. Grosseiramente falando: "Você tem seios, você deve ser mulher. Minha mãe era mulher, você deve ser como ela". Assim, os homens, temerosos do poder da mulher, procurarão agradar, controlar e evitar o confronto. Incapazes de reconhecer e aceitar as questões geradas pelo seu complexo materno, caem no relacionamento projetivo baseado no poder. Esta é a verdade mais fundamental por trás da chamada guerra entre os sexos: o medo substitui o eros pelo poder.

Segundo, os homens têm pavor do seu lado feminino. Associam sua vida de sentimentos, seus instintos, sua capacidade de sentir ternura e carinho, à natureza culturalmente definida da mulher e por conseguinte se afastam. Isto também os afasta da própria anima e gera profunda auto-alienação. Com efeito, seria enganador fazer referência ao "lado feminino" de um homem, pois a anima é na verdade uma parte necessária do que significa ser homem. Os homens raramente correm o risco de expor essa parte de si mesmos, mas é parte tanto da natureza deles quanto da das mulheres relacionar-se com o mundo e com sua própria vida interior.

Terceiro, como os homens sentem-se tão inseguros na sua identidade sexual e nos papéis sexuais defendidos pela sociedade, temem e negam as partes de si que não se encaixam nos estreitos limites coletivos. Quando vêem as outras pessoas vivendo esses aspectos, eles os rejeitam violentamente. A homofobia é ótimo exemplo. Certamente os homossexuais têm o direito de viver segundo sua orientação sexual. Tudo indica, cada vez mais, que a homossexualidade não é escolha, e sim orientação

com base biológica que tem existido mais ou menos na mesma proporção através da história. Esta alteração genética é projetada pelo mesmo deus adorado pelos fundamentalistas que substituem o amor pelo medo e a opressão. Os homossexuais têm o mesmo coração, a mesma alma, a mesma coragem de lutar que seus irmãos heterossexuais. É chegada a hora de sair do armário machista e encarar o verdadeiro problema — que os homens têm medo daqueles que personificam a vida que não viveram. O inimigo não é o outro homem, mas sim nosso medo de não sermos aquilo que o patriarcado exige.

Quarto, a maneira pela qual os homens vivenciam o poder do feminino evoluiu para uma excessiva valorização e medo da sexualidade. Nietzsche observou certa vez que o objetivo fundamental do casamento era a conversação.[78] O propósito do compromisso sério, do qual o casamento é apenas exemplo, não é tomarmos conta um do outro, reforçando os complexos entre pais e filhos, e sim crescermos através um do outro e um com o outro. O objetivo do casamento é ser dialético — encontros nobres que amenizam e engrandecem. Um dos elementos da ligação entre os sexos é, sem dúvida, o sexo. Mas os homens, que freqüentemente consideram seu discurso deficiente, atribuem ênfase exagerada ao ato sexual.

Não importa o que seja o sexo, e ele é no mínimo um profundo mistério, ele é facilmente mal empregado. O objetivo psicológico fundamental do sexo para os homens que passam a vida no mundo frio e cruel, e cujo relacionamento com a própria anima é frígido, é religar-se a um lugar quente. O sexo é uma forma de reafirmação emocional, um narcótico que alivia a dor da alma machucada. Se a vida os magoa, o sexo, à semelhança das drogas ou do trabalho, poderá tornar a ferida indolor. O ato sexual

[78]"Human, all-too-human", em *The Portable Nietzsche,* p. 59.

oferece transcendência momentânea. O orgasmo pode ser uma experiência extática. Assim, o ato sexual pode mascarar a busca desesperada de aceitação, sob a qual se esconde o complexo materno. Este é, em última análise, um jogo destrutivo. O sexo como amor, o sexo como diálogo, o sexo como dialética pressupõem um parceiro igual. O sexo como redenção distorce o relacionamento e permite a invasão da sombra saturnina do poder. Quando Saturno está presente, nada é realmente divertido, luminoso ou transformador.

4. Os homens conluiam-se em uma conspiração de silêncio cujo objetivo é reprimir sua verdade emocional

Virtualmente, qualquer homem se lembrará de ocasiões em que expressou a si mesmo e foi ridicularizado ou rejeitado. Os homens pagam um preço elevado quando são vistos como frágeis ou vulneráveis. São humilhados pelos outros homens, algumas vezes pelas mulheres, porém, acima de tudo, por si próprios. Aqueles que assediam diariamente o Castelo Perigoso precisam de toda autoconfiança que conseguem reunir para sustentar seu vacilante controle sobre uma imagem pessoal poderosa. Assim, conspiram para manter silêncio com relação ao que os prejudica. A palavra "conspiração" deriva da palavra latina *conspirare*, "respirar em conjunto". Os homens respiram silenciosamente em conjunto para proteger suas almas assustadas, prolongando assim o ferimento de todos.

Voltamos, mais uma vez, à questão da sinceridade. Os homens precisam se arriscar individualmente a dizer a verdade, sua verdade pessoal, pois ela será a verdade para muitos outros. Um antigo ditado chinês afirma que aquele que diz a palavra certa será ouvido a quilômetros de distância. Para que os homens parem de mentir, para

que parem de participar da conspiração do silêncio, precisam correr o risco de demonstrar sua dor. Outros homens poderão, reflexivamente, vir a humilhá-los, ou, por causa do próprio medo, afastar-se deles. Porém, com o tempo, todos agradecerão os que expressam em voz alta sua verdade.

5. O ferimento é necessário porque os homens precisam abandonar a Mãe e transcender o complexo materno

Após delinear o poder do complexo materno, a parte do homem que anseia acima de tudo por proteção e segurança, precisamos também reconhecer o ferimento necessário do homem. Nossos antepassados, com seus ritos de separação da dependência da infância para a independência da idade adulta, não estavam sendo gratuitamente cruéis ao ferir seus jovens. Seus ferimentos eram simbólicos, e portanto carregados de significado arquetípico. As feridas eram uma forma de sinédoque, uma parte ilustrando o todo, uma introdução ao ferimento do mundo, cuja experiência se tornaria, a partir de então, a vivência diária da pessoa.

Quando um colega do time me lembrou que uma unha quebrada era o menor dos males que estavam por vir, estava ajudando-me a preparar-me um mundo maior. Quando estávamos na terceira tentativa e a poucos metros do gol, tínhamos de estar preparados para a colisão necessária, para interromper o ímpeto poderoso durante a formação dos jogadores em torno da bola, para não nos preocuparmos com o conforto individual. Desse modo, o ferimento tribal do jovem era um simbólico *rite d'entrée* no mundo. Porém, mais do que isso, era uma maneira de ajudá-lo a enfrentar a dor da vida que se aproximava e a sacrificar seu anseio infantil por um lar acolhedor. Devia assumir o fardo da sua jornada, sua dor e solidão. Ne-

nhuma outra pessoa, nem seus pais nem sua tribo, poderia poupar-lhe esta jornada porque senão também estariam roubando sua capacidade de lutar e alcançar seu pleno potencial.

Portanto os homens precisam ser feridos para ingressar no mundo, para ter sua consciência estimulada, para empreender a heróica tarefa de deixar sua mãe e tornar-se senhores do seu destino. Somos todos como Filocteto. Sentimo-nos rejeitados e feridos, gostaríamos de nos retirar para nossas cavernas separadas e permanecer lá, cheios de comiseração de si. Mas a tarefa do herói convoca cada um de nós; diariamente, precisamos lutar de novo com os sorridentes demônios do medo e da apatia que nos confrontam do pé da cama, ansiosos por devorar outro pedaço da nossa alma.

Nunca deixo de me impressionar com a capacidade dos homens (e das mulheres também, é claro) de deixarem o lar e aventurarem-se no desconhecido. Nunca deixo de admirar a coragem daqueles que primeiro atravessaram as montanhas, que navegaram os mares escuros, que desceram ao reino de Hades e compuseram os "Sonetos a Orfeu" ou a Quinta Sinfonia. E pergunto a mim mesmo, como o fez Yeats: "Por que deveríamos honrar os que morrem no campo de batalha, quando o homem pode demonstrar uma coragem tão temerária ao penetrar no abismo existente dentro de si mesmo?"[79]

Além do ferimento repousa um novo nível de consciência. Se tivéssemos de viver sem os ferimentos que, como psicopompo, nos conduzem ao desconhecido, sem as extraordinárias e maravilhosas aventuras ao longo do caminho e os troféus polidos de sangue com os quais retornamos, valeria a vida alguma coisa? O preço que pagamos por uma consciência mais poderosa, e pelos

[79]Richard Ellman, *Yeats: the man and the masks,* p. 6.

mundos que valem a pena ser conquistados, é o ferimento do protagonista para que possa se tornar o herói na sua própria vida.

6. A vida dos homens é violenta porque sua alma foi violada

Os ferimentos que os homens sofrem hoje em dia não são simbólicos, ou seja, não são transformadores. Como nossa cultura carece de ritos significativos de passagem, de imagens que estimulem e orientem as energias da alma, quase todos os homens modernos se sentem oprimidos, até esmagados, pelos papéis e pelas expectativas, internas e externas, que sobre eles recaem. Nada útil é tocado e deslocado. O que fere também pode destruir. Quando violamos a alma de um homem, uma parte dele torna-se violenta. Todos os chacinadores e os assassinos em série sofreram violento abuso verbal e físico. O frustrado funcionário do banco ou dos correios e telégrafos que fica furioso tornou-se lugar-comum no noticiário das seis horas. Porém este é apenas o pico do *iceberg*. Assassínios da alma ocorrem o tempo todo na vida dos homens.

Os homens não são apenas convocados para executar o perigoso, sujo e difícil trabalho de se pendurar na ponte e raspar as manchas de tinta, de empurrar as barreiras físicas e psicológicas da natureza, de resistir a pressões esmagadoras, de permanecer tranqüilos e imperturbáveis; também se espera deles que sofram esses ferimentos sozinhos e em silêncio. Acima de tudo lhes é pedido, como freqüentemente tem sido pedido às mulheres, que sacrifiquem sua alma para servir a uma norma econômica, política ou cultural. São humilhados se resistem à deformação da sua natureza, afastados se protestam, e algumas vezes até martirizados se sua visão desafia com excessivo vigor o *status quo*.

Os homens precisam reconhecer sua raiva, raiva esta que se acumulou atingindo o nível da ira. Para onde vai essa ira? Em alguns, manifesta-se como depressão, um peso generalizado que eles podem carregar durante toda a vida. Em outros, somatiza-se em diversos locais do corpo ou é projetada no jogo paranóico entre nós e eles, vencedores e perdedores. Para muitos a ira se volta contra as mulheres, as crianças, ou os outros homens, o profundo conhecimento do sofrimento da sua alma projetado sobre qualquer objeto conveniente.

A brutalidade que já houve no mundo é suficiente para durar eternamente. Precisamos agora canalizar essa raiva para alimentar as mudanças essenciais para a cura. Quando somos crianças, nada podemos fazer a não ser sofrer; só seremos vítimas enquanto permanecermos inconscientes. A raiva que cresceu através dos anos é agora energia suficiente para a mudança, para a rebelião, para a luta necessária à salvação da alma.

7. Todo homem carrega consigo profundo anseio pelo seu pai e pelos seus pais tribais

A pressão interna é enorme, a profunda atração que puxa para trás e para baixo na esfera da Mãe, de forma que uma força correspondente precisa emergir para levar a psique a transpor o enorme intervalo. Esta era a sabedoria personificada nos ritos tribais de passagem da infância. Os ritos eram vastos, psicologicamente poderosos, e prolongados à medida que o complexo materno tinha poder sobre o ego incipiente.

Para deixar o conforto do lar, o mundo materno, a pessoa precisa ter um lugar para ir. É verdade que os ritos de passagem das culturas tradicionais visavam a iniciar o jovem em uma sociedade mais simples, em uma cultura mais homogênea do que a nossa. Além disso, seu

interesse não repousava na individuação da pessoa, e, sim, na integração desse indivíduo, ainda não formado, na definição coletiva da masculinidade tribal. Ainda assim, retiremos essas imagens de identidade psiquicamente carregadas, retiremos a sabedoria dos velhos, retiremos a comunidade dos homens, e teremos o mundo moderno.

Como a natureza detesta o vácuo, os homens de hoje, infantis e não iniciados, preenchem o grande intervalo com drogas, trabalho e parceiros. Assim como aprendemos sobre o relacionamento relacionando-nos com a diversidade dos outros, confirmamos nossa identidade modelando igual por igual. Hoje em dia, os homens não podem reclamar sua identidade através da cultura porque são obrigados a encontrar outros homens não iniciados para serem seus modelos ou então sucumbir aos valores vazios de uma sociedade materialista. Repito que, antes que se inicie a cura, os homens precisam reconhecer a realidade do que existe dentro deles. Entre essas confusas emoções, há a dor profunda pela perda do pai pessoal como companheiro, modelo e amparo, e a profunda necessidade dos pais como fonte de sabedoria, consolo e inspiração.

Era função dos velhos da tribo transmitir a sabedoria dos antepassados, instruir o jovem a respeito dos deuses a que ele deveria servir e estavam ao lado dele. Os homens de hoje não possuem raízes em nenhuma história tribal ou realidade transcendente. Os homens que não têm ligação firme com seus deuses correm grave perigo e ameaçam também os outros. Esses homens estão perdidos. Sentem-se abandonados pela história e pelos velhos sábios. Anseiam por um modelo e pelos grandes ensinamentos. Sofrem seu exílio em silêncio ou agem em função da sua dor disfarçada de ira. Existe grande número desses homens.

8. Para que os homens fiquem curados, precisam ativar dentro de si o que não receberam do exterior

Como os homens não podem se voltar para os velhos da tribo, e aprenderam que existem poucos homens sábios, e talvez nenhum, e muito menos homens iniciados, eles sofrem profunda enfermidade na alma. Como os locais psíquicos, os pontos mitológicos de referência, estão ausentes, os homens precisam aprender a curar-se a si próprios. De vez em quando, essa cura pode ser compartilhada com seus companheiros, porém, de forma geral, precisam realizá-la sozinhos.

Em seu romance *Demian*, Herman Hesse, que sem dúvida abordou a cura da alma moderna, sofrendo três vezes o exílio e a perseguição e recebendo uma vez o Prêmio Nobel como recompensa, observou: "Em um mundo de peregrinos, quando os caminhos se cruzam, o mundo parece um lar durante algum tempo".[80] Mas a experiência da comunidade, da ligação primordial, dura somente "algum tempo"; depois, a pessoa se vê novamente sozinha na jornada.

O complexo materno / tarefa paterna

Justifica-se aqui uma revisão da morfologia do complexo materno. Repito que o poder formativo da mãe pessoal na psique da criança é enorme. A experiência que a criança tem da mãe interioriza-se como complexo, um agrupamento de energia emocionalmente carregado além do controle do ego. Como a mãe é a ponte para o mundo da natureza e do corpo, e também para o relacionamen-

[80]*Demian*, p. 104.

to, a experiência que o menino tem dela também oscila através das suas profundezas arquetípicas.

Em outras palavras, o relacionamento do homem consigo próprio, com os outros e com a força vital que corre através dele é profundamente canalizado pela sua experiência fundamental da mãe. Se ela é incapaz de satisfazer-lhe as necessidades, e impõe sobre ele seus complexos pessoais, ele sofrerá as feridas do abandono e da opressão. Com a primeira, aprende a suspeitar do próprio valor e da confiabilidade do mundo. Por causa da última, sente-se impotente para defender sua frágil fronteira, desenvolvendo, portanto, uma personalidade submissa e codependente ou temerosa, muito compensada e dominada pelo poder. Em ambos os casos, não é ele mesmo, vivendo em reação a uma experiência extremamente poderosa que subordina sua verdade natural. Esta formação conciliatória, que se repete durante toda a infância, produz falsa personalidade e promove a projeção desse primeiro relacionamento sobre os posteriores relacionamentos adultos. Desse modo, vive um falso eu.[81]

Como a criança é completamente dependente, qualquer ameaça à sua necessidade gera grande medo. Todos os homens carregam dentro de si a memória repetida dessa vulnerabilidade. Sentem medo terrível de que seus anseios não sejam satisfeitos, de que suas necessidades prolonguem sua dependência. Dessa condição perturbadora, que permanece com os homens independentemente da sua idade, nascem a raiva e a mágoa. Os homens zangam-se por suas necessidades não serem satisfeitas e choram a perda. À medida que ficam mais velhos e são machucados e açoitados pelos papéis da idade adulta, essas emoções tendem a deslizar para o

[81]Ver em *A passagem do meio,* capítulo 1, discussão mais ampla do choque entre a personalidade falsa, adquirida e o eu natural.

inconsciente. Mas essas energias não vão embora, sempre vão para algum lugar. A raiva pode se tornar profundamente introvertida como uma depressão que dura a vida toda, ou somatizada em uma emoção que agride o corpo. Eles podem espancar as mulheres e atacar os homossexuais, ou, mais abstratamente, perseguir as pessoas na empresa. Sua anima, da qual suspeitam porque lembra-os do mundo materno, é mantida fora de ação. Ela, naturalmente, se manifesta através da irritabilidade e da maledicência generalizada. A mágoa do homem se manifesta como melancolia, vícios através dos quais escorrega estonteado em direção à mãe, ou através do vago anseio por uma amada que entrará na sua vida para curá-lo.

Debaixo de toda essa dinâmica estão, por um lado, o receio dos homens de que ninguém tome conta deles, e, pelo outro, o medo avassalador da dependência. Assim, os homens lutam tanto contra o feminino interior quanto exterior, em resultado do seu medo, em grande parte inconsciente, do próprio anseio incestuoso pela paz.

Como todos os homens carregam bem no fundo a imago da mãe, cuja carga emocional varia de um para outro, o resultado da sua consciência restrita é produzir definição altamente protegida e estreita do masculino. Os homens desenvolveram o patriarcado, com suas regras, pensamento hierárquico, estruturas sociais e subjugação do feminino, como defesa contra o complexo materno. Pais e filhos mal falam uns com os outros, para não serem obrigados a compartilhar o vergonhoso segredo de que os pais são castrados e tentam castrar os filhos, como o fez Crono-Saturno. A compensação, portanto, é tão letal quanto o problema do qual ela procura se defender. Tanto a terrível repressão do complexo quanto a reação patriarcal alienam os homens de si próprios.

Os homens em todos os lugares estão fadados a enfrentar seus parceiros, instituições ou algum análogo emocional, conduzindo a dinâmica da infância como experiência contemporânea. O passado não é verdadeiramente passado. A mãe e o pai vivem interiormente, cada momento — não apenas os pais pessoais, mas também a experiência coletiva deles. Assim, sentindo toda a antiga necessidade, o antigo medo, o antigo anseio, a antiga raiva, se bem que inconscientemente, os homens projetam essa dinâmica sobre o atual Outro. Este Outro, então, possui o poder que o pai ou a mãe primordial teve certa vez, que os homens tentarão ou controlar ou acalmar, ou até evitar totalmente.

Isso explica por que tantos homens parecem zangados e dominadores tanto em casa quanto no local de trabalho. Também explica por que parece estar havendo aumento dos que podem ser descritos como passivo-agressivos. Sentem-se impotentes, mas estão zangados e encontrarão uma forma de sabotar ou subverter o Outro. Sua impotência é ainda mais aguda, uma vez que existem muito poucos modelos positivos do poder masculino que mostrem como esses homens podem atacar eles mesmos esses grandes temores e necessidades, retirando, desse modo, suas projeções dos outros.

Os homens nunca estarão na realidade, ou seja, lidarão com o Outro como genuinamente diferente, se não discernirem o efeito do seu complexo materno debatendo-se dentro deles. Sim, é preciso muita coragem, inspiração e paciência, bem como trabalho constante, para tornar consciente esse material. Os homens sentem dificuldade muito grande em trabalhar com o complexo materno, uma vez que revelar seu poder e sua influência na sua vida tende a comprometer o frágil domínio que já possuem sobre sua identidade masculina. Porém, enquanto os homens não correrem esse risco, permanecerão pre-

sos a uma identidade compensada que só faz aumentar sua divisão interior e sua alienação das outras pessoas.

O que é a cura e quem é o curador?

Antes de discutirmos realisticamente o tema da cura dos homens, precisamos examinar primeiro o que a cura significa e onde, na nossa época, encontrar-se-iam agentes de cura.

Franz Kafka escreveu um história profética no início deste século intitulada "O médico interiorano". Um médico é chamado durante violenta tempestade de neve para atender um paciente. Quando chega, os aldeões estão reunidos ao redor de um jovem. Este último volta-se para o médico e implora: "Salve-me, salve-me!" O médico examina o paciente e declara que não consegue encontrar nada errado, nenhum ferimento ou doença visível. O jovem repete: "Salve-me, salve-me!" O médico o examina novamente e percebe uma chaga aberta na lateral do corpo do paciente, com múltiplas camadas vermelho-rosadas. Vermes da grossura e do comprimento do seu dedo retorcem-se em direção à luz. Depois de exame mais profundo, o médico explica que não pode salvá-lo. Os aldeões se enfurecem e dão início a um ritual em que destituem o médico de seus poderes. Eles cantam, rodeiam-no, despem sua roupa e atiram-no na tempestade. Lutando na escuridão para achar o caminho de volta, o médico pensa:

> É assim que são as pessoas no meu distrito. Sempre esperando o impossível do médico. Perderam as antigas crenças; o vigário fica sentado em casa e desembaraça-se das suas vestes, uma depois a outra; mas espera-se que o médico seja onipotente com sua misericordiosa mão de cirurgião. Bem, seja como elas querem.[82]

[82] *The penal colony*, p. 141.

A história de Kafka possui significado metafórico e profético. O poder do clero declinou, suplantado por uma nova superstição e um novo padre, vestido de branco em vez de preto. Mas a nova religião, a ciência médica, também não é capaz de salvar. Somente depois de um exame mais atento o ferimento simbólico vermelho-rosado torna-se visível. A ciência, com todos os seus poderes maravilhosos, é impotente para curá-lo. Assim, o médico torna-se outro servo destruído de uma divindade desacreditada. Kafka nos adverte contra pormos nossa fé exatamente onde o século XX a pôs — no mundo externo, quantificável. Nossas feridas estão na alma, e somente o que a alcança é capaz de curar.

O médico é um servo de *Physis* (natureza). Quem cura não é o médico, é a natureza. (Do latim temos *medicus*, "curador", *mederi*, "curar", e *docere*, "indicar"). Quando o corpo está enfraquecido, o médico pode criar condições que facilitam a cura, mas não é capaz de curar as feridas da alma. Décadas atrás, D. H. Lawrence compreendeu isso:

> Não sou um mecanismo,
> uma montagem de várias seções.
> E não é porque o mecanismo está funcionando mal,
> que estou doente.
> Estou doente por causa das feridas da alma,
> do profundo eu emocional
> e as feridas da alma levam longo, longo tempo,
> apenas o tempo pode ajudar
> e a paciência, e certo arrependimento difícil,
> longo, difícil arrependimento,
> percepção do erro da vida,
> e a libertação de si mesmo
> da interminável repetição do erro
> que a humanidade como um todo decidiu santificar.[83]

[83]"Healing", em Robert Bly, James Hillman e Michael Meade (orgs.), *The rag and bone shop of the heart*, p. 113.

Nossa sociedade vem há muito tempo tratando os homens como máquinas, como corpos sacrificáveis em nome do progresso ou do lucro. Os homens anularam sua dor e o prazer da sua alma, aprenderam a pensar em si como "mecanismos". Essa alienação magoa profundamente; ela já existe há tanto tempo e é tão geralmente aceita que a cura das pessoas, e muito menos de todos os membros de um dos sexos, é empreendimento dúbio. Mas o processo continua, a sombra saturnina está viva, é tudo que existe, e o desertor é humilhado. A ferida é institucionalizada e santificada, e os homens inadvertidamente conspiram para sua própria crucificação.

Todos os homens sofrem de neurose. A palavra em si sugere falha mecânica e, com efeito, deriva do esforço do Iluminismo de criar modelos do cosmo e modelos de homens. Porém, na verdade, a neurose simplesmente significa a profunda divisão entre a socialização e a alma, entre a cultura coletiva e a psique individual. Quando os papéis externos não se encaixam na forma da alma da pessoa, ocorre terrível unilateralidade. É o sofrimento deste desequilíbrio que leva os homens a lutar contra si e uns contra os outros.

O papel do terapeuta é tratar desta divisão e observar as imagens que emergem, sejam elas cognitivas, do corpo ou da vida de sonhos. Essas imagens são sintomas. A palavra alemã para sintoma, *Zustandsbild*, significa "imagem de distúrbio", representando o esforço da psique de curar a si mesma através da ligação simbólica. Os sintomas participam tanto das profundezas do inconsciente quanto do mundo consciente. Ligam-se como agentes metafóricos. A palavra "metáfora" vem do grego *meta*, "sobre, através", + *pherein*, "carregar". Assim, a psicoterapia é etimologicamente semelhante a acompanhar ou cuidar da expressão da alma. A análise junguia-

na não é redutiva e sim sintética; a palavra "análise", do grego *analysis*, não significa racionalizar e sim "desfazer, afrouxar". As imagens que desfazem ou afrouxam a percepção consciente da própria pessoa são a base do processo através do qual a psique cura a si própria. Nas palavras de Jung:

> O produto mediador [e.g., a imagem ou o símbolo]... forma a matéria-prima de um processo que não é de dissolução, e sim de construção, no qual tanto a tese quanto a antítese desempenham seu papel. Deste modo, ele se torna um novo conteúdo que governa toda a atividade, pondo fim à divisão e empurrando a energia dos opostos para um canal comum. A imobilização é superada e a vida pode continuar a fluir com poder renovado em direção a novas metas.[84]

A cura da alma é um processo parecido com o da criatividade, de modo que talvez o trabalho do artista seja paradigma útil. O artista é envolvido por imagens que flutuam para cima em direção à consciência. Muitos artistas declararam que às vezes começam um trabalho com determinada idéia em mente, mas então outra coisa assume o comando. Afirmam que suas melhores obras surgem quando são capazes de submeter seu ego e seu talento para expressar essas imagens através da pintura, do som ou das palavras. Assim, como observou Jung, o processo criativo envolve a "ativação das imagens arquetípicas e a representação dessas imagens na obra terminada".[85]

A psicoterapia profunda ativa as imagens incipientes da psique, mantendo, a seguir, diálogo com elas. Jung descreveu esse processo como a função transcen-

[84]"Definitions", *Psychological types*, CW 6, par. 827 (*Tipos psicológicos*, OC 6).
[85]*Ibid.*

dente, através da qual o Si-mesmo procura transcender as barreiras existentes entre a consciência e o inconsciente. Em outras palavras, a psique procura curar a si própria. Esta idéia da cura é, por conseguinte, mais homeopática do que alopática; o semelhante cura o semelhante. A cura tem origem na ressonância, na repercussão ou no reconhecimento da semelhança. A cura dos homens se dá quando as imagens adequadas são exemplificadas pelos seus pais ou pelos velhos da tribo, ou ainda quando são capazes de ativar essas imagens. A cura pessoal, a cura da alma, tem lugar através da evocação de imagens ou atos simbólicos que ressoam e mediam a divisão.

A cura xamanista nas culturas tradicionais amiúde empregava a recitação de mitos da criação, lendas sobre a fundação da tribo, porque essas narrativas continham imagens que evocavam a função transcendente na psique do paciente. Quando essas imagens eram profundamente aceitas e conscientemente assimiladas, a cura se tornava possível. Hoje em dia, os analistas ajudam esse processo através do acompanhamento, da lealdade e colaborando com as imagens. No entanto, a cura sempre ocorre por causa de um agente transpessoal e misterioso, vivenciado como graça. Então, como nos lembra Rilke, "sabemos que existe espaço dentro de nós / para uma segunda grande vida intemporal".[86]

Sete passos em direção à cura

Nesta última seção, apresentarei sete conceitos que sustentam a possibilidade de cura. Nenhum deles é original, mas podem promover, em conjunto, um movimen-

[86] *Selected Poems of Rainer Maria Rilke,* p. 19.

to na direção certa, tanto para os indivíduos quanto para os homens coletivamente.

Quero repetir que embora respeite os que participam do atual movimento masculino, não acredito que esses esforços alcancem muitos resultados. Alguns aspectos do movimento já parecem assumir caráter passageiro e até ultrapassado, opinião que talvez seja injusta, mas sem dúvida a força do movimento está decrescendo. Acredito que a mudança coletiva só se dará quando número suficiente de homens se modificarem individualmente. O foco da nossa cultura sofrerá modificação a partir do trabalho da cura pessoal, independente do nível em que consigamos colocá-lo.

Que esta seja esperança vã, contudo é mais realística do que a expectativa de mudanças repentinas na consciência coletiva. Acredito que os homens continuarão sentindo a pressão dos preceitos tradicionais saturninos. Ainda serão chamados a sacrificar o corpo e a alma com fins econômicos. Ainda se esperará que conspirem no silêncio que sustenta os valores patriarcais e afasta-os tanto dos outros homens quanto de si mesmos. E ainda carregarão sua dor e sua ira prematuramente para o túmulo. Espero, porém, ao menos, que os homens tornem-se individualmente conscientes, salvando a si próprios e ajudando os outros. Talvez alguns até venham a se tornar os velhos sábios de que tanto carecemos.

Enumero, a seguir, os sete passos em direção à cura pessoal, apresentando depois uma análise de cada um.

1. Relembre a perda dos pais.
2. Conte os segredos.
3. Procure mentores e sirva de mentor a terceiros.
4. Corra o risco de amar os homens.
5. Cure-se a si mesmo.
6. Retome a jornada da alma.
7. Participe da revolução.

1. Relembre a perda dos pais

Se temos de aprender a conhecer nossa natureza com aqueles do nosso sexo, nosso relacionamento tanto com nosso pai pessoal quanto com nossos pais tribais se torna crítico. Entretanto, desde o advento da Revolução Industrial e a vasta migração urbana — o que significa dizer, durante os dois últimos séculos —, quase todos os homens perderam suas raízes: seu relacionamento com o lar, com o trabalho manual e com a alma. Em troca de maior segurança econômica, adaptaram suas energias a papéis que servem ao lucro mas deformam a alma.

Esses homens sofreram dolorosas feridas e, por causa dessa dor e do desconhecimento, feriram seus filhos. À semelhança da trágica maldição do drama grego, as feridas repercutem pelas gerações. Somente os homens que se conscientizam desse ferimento histórico, que o percebem na sua linhagem e relembram a si mesmos, ou seja, curam a separação, são capazes de transcender o peso saturnino da história. Poucas pessoas expressaram de forma mais dramática a experiência de viver com um pai ferido do que Sharon Olds, em seu poema apropriadamente intitulado "Saturno".[87]

> Ele ficava deitado no sofá noite após noite,
> boca aberta, a escuridão da sala
> enchendo sua boca, e ninguém sabia
> meu pai estava comendo seus filhos.

Ela prossegue, descrevendo como o pai come um filho de cada vez. Acredita que

> na força da sua gengiva e
> das suas entranhas ele sabia o que estava fazendo
> e não podia parar.

[87]Em Bly et al., *Rag and bone shop of the heart,* p. 128.

É isso que ele queria,
tomar essa vida na sua boca
e mostrar o que um homem poderia fazer
— mostrar a seu filho
o que era a vida de um homem.

Outros filhos viram seus pais sofrendo o fardo saturnino, da mesma forma como vi o meu deixar a linha de montagem para empurrar carvão com a pá no granel dos outros, nos fins de semana. Quanta coisa tínhamos como certa — a comida na mesa, o aluguel pago, os sapatos que usávamos. Em "Aqueles domingos de inverno", Robert Hayden lembra o esforço do pai e sua própria inocência e indiferença. Com dor no coração, lembra-se de

falar indiferentemente com ele,
que expulsara o frio
e também engraxara meus sapatos.
O que sabia eu, o que sabia eu
dos deveres austeros e solitários do amor?[88]

Esses eram nossos pais, mais feridos do que imaginaríamos, sem alternativas ou permissão emocional para serem eles próprios, e indescritivelmente sozinhos. Por esses homens precisamos, sem nenhuma vergonha, chorar.

A dor é sincera. Ela dá valor ao que foi perdido, ou que nunca esteve presente. Os homens carregam esse peso em qualquer caso, mais amiúde como depressão da qual não conseguem sequer ter consciência. A depressão representa o enfraquecimento da força vital; por mais fundo empurremos a perda do pai para dentro do inconsciente, não a esconderemos da psique, que nos condena a carregar esse pesado sentimento. A dor é recordação aberta, e embora não seja agradável no momento, é purificadora e curativa na sua sinceridade. A depressão pode

[88]*Ibid.*, p. 142.

involuntariamente nos levar ao fracasso, por mais funcional seja nossa vida exterior. Até os momentos mais doces da vida podem ser influenciados por esse peso.

Certo homem, um corretor da bolsa de valores, conduzia-se como seu pai um dia o havia conduzido. Não conseguia relaxar. Usava os fins de semana para pôr o trabalho em dia. A única coisa que seu pai valorizara fora o trabalho, de forma que, para obter a aprovação do pai, trabalhava até o limite da sua resistência. Embora seu pai já estivesse morto, sua imago permanecia carregada e ainda dirigia a conduta desse homem. Nem sequer quando ultrapassou a situação financeira do pai conseguiu diminuir o ritmo. Depois de dois anos de terapia, conseguiu parar de trabalhar nos fins de semana e, enfim, visitar pela primeira vez o túmulo do pai. Ali ele chorou pela ternura e aceitação que nunca receberia do pai. Suas lágrimas e sua dor permitiram-lhe começar a avançar na sua própria vida, vida esta que mal conhecia por ela haver sido antes definida pela sombra saturnina do pai ao mesmo tempo ferido e feridor.

A raiva, quando negada, produz a mesma depressão que a dor oculta nas profundezas. A raiva é reação legítima e reflexa do organismo diante do ferimento. Tive certa vez um analisando que casualmente me comunicou que envolvera os filhos em atos incestuosos. Alegou que haviam colaborado. Senti minha raiva crescer por causa dos meninos que procuravam o amor e o contato físico do pai e encontravam aquele que traiu a impotência, a ingenuidade e o literalismo inconsciente deles, confundindo o sexo físico com o amor. Pedi-lhe que conversasse a respeito do assunto com os filhos, agora adultos, e que estivesse disposto a sofrer a dor e a raiva deles. A esperança era de que talvez ficassem em parte curados, ainda que não ele.

A raiva que muitos filhos sentem atormenta-os, nas úlceras, enxaquecas, no impulso de alcançar a autocon-

fiança que toda criança merece. Os homens precisam ficar zangados com os ferimentos e também com quem os feriu para que alcancem um dia a cura. Alguém perguntará que bem isso fará, depois de passado tanto tempo. Mas a raiva, à semelhança de qualquer outra emoção profunda, não vai embora. Sempre encaminha-se para algum lugar. O filho ferido ferirá *seu* filho, se não se purificar e romper o ciclo. Se é verdade que a raiva limpa o ar e produz um novo começo com o pai ainda vivo, é preciso correr o risco. Se a raiva terá como conseqüência aprofundar ainda mais a cunha, não confrontá-la deverá ser decisão consciente. Entretanto cada filho precisa enfrentar essa raiva dentro de si próprio para não permanecer prisioneiro de Saturno.

É imperativo que os homens expressem mais conscientemente o que está dentro deles. Por certo não podem mudar o passado, e, muitas vezes, tampouco conseguem mudar o relacionamento externo entre pai e filho. Mas o que não conhecem atua, de qualquer forma, silencioso dentro deles. Considerando a profunda observação de Jung, segundo a qual o maior fardo que a criança precisa carregar é a vida não vivida dos pais, cada filho precisa examinar, sem a intenção de julgar, em que lugar as feridas do pai foram passadas para ele. Ou ele se encontra repetindo os padrões do pai ou vive em permanente reação a eles — em ambos os casos, é prisioneiro de Saturno.

Cada filho precisa perguntar-se: "Quais eram as feridas do meu pai? Quais sacrifícios realizou, se é que realizou algum, por mim e pelos outros? Quais eram suas esperanças, seus sonhos? Vivenciou seus sonhos? Teve permissão emocional para viver sua vida? Viveu sua vida ou os registros saturninos? O que recebeu do seu pai e da cultura que retardou sua jornada? O que eu gostaria de ter sabido a respeito da sua vida, da sua história? O que eu gostaria de ter ouvido dele a respeito do que é ser ho-

mem? Foi capaz de responder a essas perguntas, para si próprio, ainda que como tentativa? Algum dia fez essas perguntas? Qual foi a vida não vivida do meu pai, e eu a estou, de alguma maneira, vivendo por ele?"

Essas são as perguntas entre as gerações que o mais das vezes não são feitas. Embora não se expressem conscientemente, suas respostas implícitas foram vividas inconscientemente, amiúde de forma dolorosa. Quando lançamos essas perguntas, até com relação a um pai que já morreu, existe maior probabilidade de evitarmos idealizá-lo ou desvalorizá-lo. Ele se torna um homem mais parecido conosco, um irmão que sofreu a mesma provação. Torna-se então mais provável, inclusive no caso de ferimento grave, que atuemos em função da compaixão. Se formos capturados pelo ódio, permaneceremos ligados ao que nos feriu. Quando compreendemos melhor nossos pais, de um ponto de vista adulto, tornamo-nos mais capazes de iniciar o processo de sermos nossos próprios pais.

2. Conte os segredos

Os que exercem profissões ligadas à cura sabem que sempre que há negação a ferida infecciona. Ou então, nas palavras dos programas de doze passos, aquilo a que resistimos, persiste. A vida dos homens se baseia na negação e na resistência à verdade. Raramente ouvimos a verdade simples e sincera, como na confissão de Pablo Neruda: "Acontece que estou farto de ser homem".[89] Repare que não diz que está farto de ser ele mesmo; o que o enoja é o papel que precisa representar como homem. Esta é a mais profunda verdade que os homens trazem dentro de si, que suas almas estão deformadas, por serem definidas por forças externas. Para cada Thoreau que foge durante

[89]"Walking around", em *ibid.*, p. 105.

algum tempo para a floresta para reencontrar sua alma, para se dedicar à revisão radical da sua vida, existem milhões de homens e mulheres que recuam diariamente para o anonimato e a insipidez coletiva. Levam, na memorável frase de Thoreau, uma vida de silencioso desespero.

Como a psique sabe mais do que a consciência, esta deformação da alma é registrada e gera encadeamento de respostas. A mais notável das reações é o matiz de tristeza que assombra a vida dos homens, embora achem que estão bem. Novamente, Neruda fala indiscutivelmente a verdade:

> Existem espaços,
> fábricas submersas, toras
> que só eu conheço,
> porque estou triste, e porque viajo,
> e conheço a terra, e estou triste.[90]

O outro indício revelador é a raiva deles que, mal orientada e indefinida, volta-se sobre eles próprios e os outros. E sob toda essa "fúria e lama das tendências humanas",[91] repousa o terrível medo. Nenhum homem se sente homem de verdade. Seu comportamento machista disfarça seu terror. W. H. Auden também disse a verdade:

> Patriotas? Apenas meninos,
> obcecados pela Grandeza,
> Grande Poder, Grandes Somas, Grandes Golpes.[92]

Quando os homens sentem que são impostores, ou seja, que estão presos entre a intenção da sua alma e as exigências externas, são forçados a agir dissimuladamente. Separados pouco a pouco da sua vida interior, da

[90]"Melancholy inside families", em *ibid.*, p. 104.
[91]W. B. Yeats, "Byzantium", em *The Collected Poems of W. B. Yeats,* p. 243.
[92]"Marginalia", em *The Collected Poems of W. H. Auden,* p. 592.

sua anima, esperam que as mulheres carreguem o fardo. O sexo, em particular, é considerado muitíssimo importante, pois através dele procuram superar seu isolamento com relação aos seus sentimentos e ao seu próprio corpo. Pedem ao Outro que os religue e tranqüilize-os antes que a alvorada traga nova destruição. Isto os torna tão vulneráveis e dependentes quanto antes. Como os seres humanos precisam odiar aqueles de quem dependem, a tensão e a animosidade crescem, e o eros é substituído pela sombra do poder.

Esses são os segredos fundamentais dos homens — o fato de se sentirem um fracasso como homens, ou seja, como pessoas que são homens por acaso, que estão lacerados entre o medo e a ira, e que são emocionalmente dependentes, porém sentem ressentimento pelo objeto dessa dependência. Repito que a única saída para tudo isso é o reconhecimento consciente dessas intoleráveis verdades. Precisam começar consigo próprios e depois compartilhar essa verdade com outras pessoas — não com uma mulher, e sim com outro homem. Este último, apanhado também na defensiva temerosa, talvez zombará daquele que está dizendo a verdade, e seu desprezo será proporcional ao seu medo, mas talvez também saia de trás dos baluartes e reconheça seu irmão.

Nossa mitologia está repleta de aventuras heróicas — montanhas são escaladas, ogres combatidos e dragões derrotados —, mas é preciso ainda mais coragem para que o homem expresse suas verdades emocionais. A jornada do herói hoje em dia não é pelo mundo físico, e sim pelas terras áridas da alma. O mal que os homens precisam combater não é o bárbaro nos portões da cidade, e sim as trevas interiores, o medo que só se elimina com audácia. Eis como Jung descreveu esse empreendimento heróico:

> O espírito do mal é o medo, a negação, o adversário que resiste à vida em sua luta pela duração eterna e frustra

> cada grande feito, que instila no corpo o veneno da fraqueza e da idade através da traiçoeira picada da serpente; é o espírito da regressão, que nos ameaça sermos presos à mãe e dissolvidos e extintos no inconsciente. Para o herói, o medo é desafio e empreendimento, porque somente a audácia consegue eliminar o medo. E se não se corre o risco, o significado da vida é de certa forma violado.[93]

Nosso medo é o empreendimento — ao falhar na tarefa esbravejamos, em uma compensação machista ou na cumplicidade vergonhosa. A primeira tarefa é contar para nós próprios a verdade da nossa alma. Viver essa verdade é a segunda tarefa. E contá-la para os outros é a terceira. Esta expressão da verdade será o supremo teste da nossa vida. Depois disso, talvez, possamos deixar de estar "fartos de ser homem".

3. Procure mentores e sirva de mentor a terceiros

Como mencionei antes, quando comecei a exercer a profissão de analista há cerca de quinze anos, a proporção entre mulheres e homens que procuravam a terapia era talvez de nove para um. Hoje em dia, sem procurar mudar minha clientela, a proporção alterou-se, tornando-se seis para quatro em favor dos homens. Essa mudança me mostra várias coisas: que os homens estão com graves problemas, que muitos sabem disso, e que o clima do coletivo de certa forma se transformou e a terapia tornou-se menos arriscada.

Na verdade, são os homens com maior força emocional e honestidade fundamental que procuram a terapia. Os outros estão excessivamente amedrontados. Alguns, como o homem que foi arrastado para a terapia pela mulher, que se mostrou condescendente com relação à caixa

[93]*Symbols of transformation,* par. 551.

de papel de seda ao alcance da sua mão e as lágrimas aflitas que ela sugeria, são os que têm os problemas mais complexos. Estão em luta com os parceiros e consigo próprios.

A terapia oferece oportunidade única para os homens compartilharem reservadamente sua vida, serem emocionalmente sinceros e saberem que não vão ser humilhados, compartilharem os segredos relacionados com a tarefa de ser homem. Durante algum tempo, o enorme anel de isolamento ergue-se. Para muitos homens, a terapia também funciona como rito de passagem, a separação da mãe e a iniciação no mundo masculino. Muitas vezes aparecem, como os homens geralmente o fazem, pensando que seu problema está "lá fora", que se conseguirem "resolver o problema" sua vida entrará novamente nos eixos. Com o tempo, acabam compreendendo que toda a sua vida está errada, que escolhas feitas inconscientemente conduziram-nos através de labirintos de alienação cada vez maior. Talvez percebam que têm problemas para se relacionar com o feminino, mas raramente suspeitam de que Ela está dentro deles. Sentem enorme anseio pelos pais, embora este sentimento seja basicamente inconsciente. E muitas vezes acabam reconhecendo que perderam seus deuses, sua ligação com a natureza e seu próprio corpo.

De forma geral, apesar de toda a dor que sentem, esses homens se mostram curiosamente entorpecidos. Mas sentem ainda mais dor quando se tornam conscientes. Percebem que precisam dos ensinamentos dos velhos sábios e anseiam por maior significado na sua vida. Também aprendem que precisam curar-se a si próprios; seus parceiros não são capazes de realizar isso. Aí, então, podem chorar e ficar enfurecidos, e admitir o medo. Quando essas coisas sucedem, a cura tem início.

Claro que a maioria dos homens não fará terapia. Faltam-lhes recursos e oportunidade, ou têm excessivo

medo do enorme vazio que talvez encontrem dentro de si. Contudo, inclusive esses homens podem voltar-se para outros homens e transmitir-lhes o que aprenderam, ou aprendem, com outras pessoas. O mentor é alguém que já visitou o outro lado e é capaz de nos dizer alguma coisa a repeito do que viu. Coletivamente, os homens têm muito o que compartilhar.

Como indivíduos, estão assustadoramente separados. Os grupos de homens espalhados pelo continente representam oportunidades de fato maravilhosas de partilha e aconselhamento, mas a maioria dos homens jamais chegará perto deles, sofrendo para sempre seu isolamento.

Lamentavelmente, poucos mentores são encontrados. Quantos homens tiveram experiência iniciatória e somaram essa experiência a uma cosmovisão funcional? Os meninos ainda precisam desse homem mais velho para ensiná-los e servir de exemplo no conhecimento do mundo exterior. Mas quem, como indagou Nietzsche, ensinará os professores? Quem iniciará os mentores? A verdade, mais uma vez, é que não existe na nossa época nenhum rito coletivo de passagem, nenhum firme organismo de experiência que ajude os homens na sua jornada. Assim, precisam fazê-lo como indivíduos. E estes indivíduos, como os bodhisattvas do budismo, podem se voltar para trás e, por pura compaixão, trazer seus companheiros junto com eles.

4. Corra o risco de amar os homens

Recentemente, um analisando observou o quão necessário, porém, difícil, era para ele arriscar-se a amar os homens. Sendo homem particularmente perceptivo e corajoso, reconheceu que o problema situava-se na sua homofobia, literalmente, medo dos homens. Por que deveria ele ter medo dos homens, afinal de contas, do seu próprio sexo?

Sim, nós nos tornamos desconfiados uns dos outros, pois fomos condicionados a sermos competitivos. Somos muito cautelosos, temos medo de que o outro homem consiga levar a melhor, o velho jogo patriarcal do poder. Porém, ao considerar esse dilema, precisamos aprofundar mais do que em uma ferida social e descobrir no interior, na verdade, a origem da homofobia. Assim como os homens habitualmente estreitaram seu relacionamento com as mulheres através da frágil ponte da sexualidade, eles sentem medo de amarem-se uns aos outros, com receio de que o relacionamento torne-se sexual. Até os homossexuais podem ser homofóbicos, pois têm ainda mais a temer dos companheiros. Assim, mais uma vez, a mão silenciosa do medo desempenha papel determinante.

A camaradagem física é permissível no campo dos esportes. Os homens podem se abraçar, dar tapas e segurarem-se uns aos outros, até chorar juntos, no vestiário. Os homens podem até compartilhar seu sangue em combate. Recentemente, uma analisanda minha foi fazer canoagem no Canadá. A correnteza estava forte e a vida dela corria perigo, mas enfrentou seu medo, aprendeu a controlar o barco e teve uma maravilhosa experiência de união com seu companheiro de barco. Após alguns dias, disse ela, eles pensavam em uníssono e não precisavam conversar para saber como navegar nas corredeiras. Disse-lhe que ela tivera uma experiência muito rara, experiência esta que os homens, quando a têm, conservam na memória por toda a vida.

Existem poucas coisas mais gratificantes do que em um *shortstop*, no final de um jogo de beisebol, a pessoa se voltar e atirar a bola em direção à segunda base, e ver o homem da segunda base cruzar a base e a bola no momento exato. Essa ocorrência está mais relacionada com a integração do espírito, a comunhão da alma, do que com a prática. Talvez essa rara sensação de unidade seja pos-

sível em parte porque o desafio externo gera a transcendência do ego individual para servir ao objetivo comum, mas talvez também porque a ocasião permita que os homens sintam sua natureza masculina sem ameaças ou ambigüidades. Em situações menos dinâmicas, menos transcendentes, a antiga dúvida e ambigüidade insinuam-se novamente.

Como é triste os homens terem tão poucos encontros transcendentes fora do esporte e da guerra. Como é raro termos um amigo emocionalmente íntimo. A intimidade entre os homens é fortemente superficial, se comparada à que existe entre as mulheres. A maioria dos homens preferiria morrer a conversar a respeito dos seus medos, da sua impotência ou das suas frágeis esperanças. Pedem às mulheres que carreguem essa carga emocional. Como mencionei no primeiro capítulo, eu me contive e não compartilhei meus sentimentos com o líder de um grupo masculino em Santa Fé, embora certamente tivéssemos muito que conversar. Mas tenho um amigo em Indianápolis e um perto de Viena com quem posso, a qualquer momento, retomar a conversa do ponto em que paramos há anos. E como terapeuta, tenho tido o privilégio de compartilhar alguns momentos maravilhosos com outros homens, ter conversas que só puderam se dar à medida que me sentia cada vez mais à vontade comigo próprio, menos receoso, mais disposto a me abrir.

Como o paradoxo de Jesus, que diz que só amaremos nosso vizinho com a mesma intensidade com que amarmos a nós próprios, os homens também só aprenderão a amar outros homems se forem capazes de aprender a amar a si próprios. A culpa que lançamos em nós mesmos e nossa ira são projetadas sobre os outros homens, que passamos então a evitar. Quando compreendermos que estamos afastados do nosso irmão porque o tememos, e que o tememos porque estamos cheios de medo de nós

próprios, haveremos dado o primeiro passo em direção ao amor. O oposto do amor não é o ódio e sim o medo. O que há de mais difícil em amarmos os outros homens, como indivíduos ou como grupo, é o fato de precisarmos correr o risco terrível de amarmos a nós próprios. Essa aceitação de si diante do fracasso e do medo é profundamente difícil. Contudo, a substituição da homofobia por eros e cáritas começa em casa.

5. Cure-se a si mesmo

Foi enfatizado com insistência neste livro que os velhos da tribo estão desaparecidos. E sabemos que a cura ocorre de semelhante para semelhante, a partir da ressonância, do reconhecimento e da recordação. Assim, os homens feridos ferem seus filhos e os outros homens. O ciclo do sacrifício saturnino sempre encontra novos jovens para esmagar. Se existe alguma verdade, ou boa nova, neste livro, é que apesar disso tudo a cura pode ocorrer e efetivamente ocorre.

Não podemos mudar nossa cultura e o impacto que ela exerce sobre nós. E por certo não podemos mudar nossa história pessoal com a enorme influência dos pais, vivos ou mortos, ou o modo como interiorizamos essa história e nosso contexto cultural, adaptamo-nos a ele a fim de sobreviver. Quase todos nós, então, nos perdemos ao longo do caminho. Na busca dos mentores, o cego conduz o cego.

Em *A passagem do meio*, apresentei muitos exemplos de como desenvolvemos personalidade provisória em reação à experiência da infância, de como ingressamos na vida com esse falso eu e empreendemos escolhas que nos alienam mais ainda, e de como na meia-idade sofremos a crescente divisão entre a personalidade adquirida e o eu natural. Todos os homens, em determinado estágio da vida, precisam transpor essa passagem intermediária

e salvar sua vida. A primeira passagem, é claro, é deixar fisicamente a casa, sem saber que estamos carregando uma bagagem interior de acordo com a qual realizaremos mais tarde escolhas inautênticas. A passagem final traz o envelhecimento e a confrontação com a mortalidade.

Bom exemplo dos tributos que precisam ser pagos pelo homem que não se encontrou ao longo do caminho é dramatizado em "A morte de Ivã Ilyich", de Tolstói. O nome Ivã Ilyich poderia ser aproximadamente traduzido como "João da Silva", de forma que sabemos que estamos lidando com um tema comum a todos os homens.

Ivã vive inconscientemente sua vida, aceitando papéis socialmente prescritos. Em certo momento, contrai doença fatal e descobre que não possui uma realidade interior para a qual se voltar. Sua esposa e seus amigos são igualmente vazios e, portanto, não podem ajudá-lo. Por fim chega à conclusão, à semelhança das pessoas que fazem terapia, de que toda sua vida tem sido uma farsa, a idéia de outra pessoa sobre o que era a vida em vez da sua. Depois, precisa enfrentar o maior medo que todos os homens trazem dentro de si, não o medo da morte, mas sim o medo de não haver vivido de verdade sua vida. Sua passagem intermediária, o avanço de uma vida ligada à infância e impulsionada pela cultura em direção à autêntica masculinidade adulta, não havia ocorrido e ele estava tão desgraçadamente despreparado para enfrentar a morte quanto inadequadamente havia vivido a vida. O momento crítico da passagem intermediária é a exigência de que o homem, independentemente da sua idade ou posição, evoque seu comportamento e atitudes reflexivas, reexamine radicalmente sua vida e corra o risco de viver os ensurdecedores ditames da sua alma.

Tendo identificado o papel que a mãe desempenha no nosso desenvolvimento, o subseqüente complexo materno com suas reverberações arquetípicas, e a perda do

pai e os anciãos ausentes, conhecemos uma parte do que precisamos enfrentar sozinhos.

Os homens carregam dentro de si sua história psicológica, especialmente o anseio da criança por carinho e proteção. Essa criança é subseqüentemente lançada no mundo para lutar e depois morrer. Como o enorme anseio por um porto seguro persiste, os homens têm de forma geral colocado esse fardo sobre as mulheres. Contudo a maioria das mulheres, com razão, resiste a servir de mãe para os homens da sua vida, de forma que estes precisam assumir este papel. Robert Bly narra o rito de passagem para os meninos dos aborígines australianos. Os homens se sentam em círculo, dão um corte no antebraço e espremem o sangue em uma tigela. Depois, em uma comunhão de sangue, eles passam de mão em mão a tigela e bebem o sangue, tanto os velhos quanto os jovens, dizendo: "O leite da mãe o alimentou. Agora o sangue do pai o alimenta".[94]

Os homens, compreensivelmente, temem serem dependentes, mas não deveriam ter medo da sua necessidade de carinho. Todas as criaturas precisam de alimento e cuidados. A forma excessiva como os homens compensam a dependência — o andarilho solitário das planícies, o modelo de John Wayne e Clint Eastwood — é patológica, como qualquer pessoa que precise viver ao redor dessa pessoa o confirmará. Os homens precisam aceitar sua necessidade de carinho. E quer a procurem nas mulheres ou nos outros homens, precisam reconhecer que é basicamente sua responsabilidade pessoal cuidar-se e alimentar a si. Então o medo e a necessidade de outras pessoas são postos no contexto adequado.

Se o carinho e a proteção é a necessidade arquetípica que está por trás do relacionamento do menino com a

[94]*Iron John*, p. 121.

mãe, também podemos dizer que a aquisição do poder é a necessidade arquetípica que busca realização a partir do mundo paterno. O menino precisa ver o pai desenvolver um relacionamento com sua própria verdade interior, lidar com o medo e a vergonha, manter o elemento feminino em equilíbrio respeitoso, e dedicar-se à tarefa de construir novo mundo lá fora. O poder pessoal não deve ser confundido com o complexo de poder. O jogo do poder castra todos os homens. A aquisição do poder significa que sentimos boa energia à disposição para as tarefas da vida. Sentimos que temos permissão para mergulhar na vida e lutar por alcançar profundidade e significado. Sentimos que existem recursos interiores aos quais recorrer quando as forças das trevas se aproximarem. Repito que seria proveitoso termos o modelo do pai pessoal à nossa disposição para ativar essa aquisição do poder, mas a maioria dos homens precisará consegui-lo sozinho.

Com efeito, os complexos materno e paterno estão carregados de agrupamentos de energia que têm vida própria além do controle da consciência. Cada homem precisa examinar suas imagos interiorizadas e discernir qual a mensagem relacionada com a capacidade da vida de sustentar a si mesma e ao poder de lutar por vida ainda mais plena. De que forma esses agrupamentos estão carregados? Com que mensagens, implícitas e explícitas? Em que ponto conduziram a escolhas falsas?

O mesmo tipo de perguntas feitas acima, no esforço de compreender e lamentar o pai, precisam ser indagadas por cada homem a respeito de si. Quais suas feridas e aspirações, a vida que ele não viveu? Cada homem precisa propor de novo as perguntas as quais queria que seu pai lhe fizesse. Se queria saber como poderia ser homem, como enfrentar o medo, como encontrar coragem, como realizar escolhas impopulares, como equilibrar as energias masculina e feminina, como localizar e mover-se de

acordo com o giroscópio da alma, precisa agora correr o risco de propor a si mesmo essas perguntas. E ainda que não saiba a resposta, pelo menos está propondo as perguntas certas. Como Rilke escreveu certa vez a um jovem amigo:

> Seja paciente com relação a tudo que não está solucionado no seu coração e tente amar as *perguntas* nelas mesmas... Não procure agora as respostas, que não podem ser dadas a você porque não seria capaz de vivê-las. O importante é viver tudo. *Viver* é a questão agora. Talvez então, aos poucos, sem perceber, você viva e encontre num dia distante a resposta.[95]

O homem precisa perguntar-se a si, por exemplo: Quais medos estão bloqueando-me? A que tarefas preciso me dedicar agora, do fundo do meu coração? O que minha vida está pedindo que eu realize? Posso aproximar mais meu trabalho e minha alma? Como servir, ao mesmo tempo, ao relacionamento e à individuação? Que áreas da vida não vividas do meu pai preciso ocupar e tomar posse? Chega então o momento de importância decisiva, o risco, a audácia de viver as perguntas no mundo existencial. Ser homem significa saber o que queremos e, depois, mobilizar os recursos interiores para alcançá-lo. Que isto pareça simplista, não é. Para começar, é extraordinariamente difícil saber o que queremos. Como separar a verdade interior da cacofonia dos complexos pessoais e das diretrizes culturais? E de que forma, depois de descoberta nossa verdade, reunirmos a coragem de vivê-la no mundo real?

É esse tipo de questionamento e audácia, tanto no mundo exterior quanto interior, que torna homem. Não apenas o passado como também o peso saturnino da cul-

[95] *Letters to a Young Poet*, p. 35.

tura desempenham papéis poderosos, mas a psique tem muitos recursos e suplantará o passado com energias insurgentes para forjar um futuro diferente. Jung observou certa vez que não solucionamos nossos problemas, nós os superamos.[96] Esta capacidade de expansão da psique é que torna possível a cura. Todos gostaríamos ainda de que nossa mãe nos pegasse no colo e nos embalasse, e ansiamos por ficar atrás do nosso pai enquanto nos mostra o caminho. Mas isso não vai suceder. Cada homem precisa abandonar as diretrizes dos complexos paterno e materno e tomar suas próprias decisões, alimentar sua própria fome. O que não foi ativado pelos pais, ou que foi apenas em parte ativado, precisa agora ser ativado por si.

Lembro-me de um homem que, quando criança, perdeu o pai na Segunda Guerra Mundial. Chorou a perda dele durante anos, sempre sentindo-se inadequado e desprotegido em um universo hostil. Amiúde se ligava a homens poderosos ou instruídos, às vezes até a ideologias, em sua busca da força e da sabedoria paternas perdidas. Certa vez, durante uma semana em que tirou férias no Cabo May, teve uma série de diálogos com seu falecido pai, propondo-lhe todas as perguntas que nunca conseguira. Sentiu uma presença dentro de si, com quem pôde conversar e que, com efeito, respondeu a todas as suas perguntas.

Claro que não estava conversando com seu pai verdadeiro, e sim com a imago dele, uma parte da sua própria natureza que ele próprio ativara através das suas perguntas. O pai pessoal não está presente para ser imitado de forma submissa; ele é necessário para ativar, pelo exemplo e pela afirmação, a imago paterna no filho. Quan-

[96]"Commentary on 'The secret of the golden flower'", *Alchemical studies*, CW 13, par. 17.

do o pai está ausente, ou muito ferido para servir ao propósito, o filho é deixado com o déficit. Isto pode ser significativamente, mesmo que não de todo, superado pelo filho, ao voltar para dentro de si suas perguntas, receios e aspirações e ao respeitar as imagens que surgem. O filho pode, enfim, entrar em contato com o pai transmissor do poder através da imaginação ativa e dos sonhos.

Os pais biológicos têm a importantíssima incumbência de transmitir e ativar a força vital no filho, incumbência esta que dificilmente conseguem cumprir de todo por causa do próprio ferimento. O filho, porém, através da coragem e de profundo trabalho na alma, pode superar as limitações impostas pelos ferimentos dos pais. Realiza esse trabalho não apenas para si como também para os filhos e para o mundo em que vive. Eis a tarefa proposta por Nikos Kazantzakis:

> A humanidade é um monte de lama, cada um de nós é um monte de lama. Qual nosso dever? Lutar para que uma pequena flor possa florescer no monte de esterco da nossa carne e da nossa mente.[97]

O escaravelho, conhecido pelo seu hábito de enrolar bolas de esterco, era sagrado para os egípcios, porque, sem dúvida, percebiam que algo vivo podia sair do esterco. Da mesma forma, conseguimos resgatar uma alma ferida das impurezas da história pessoal.

6. Retome a jornada da alma

Os homens estão agora livres para tornar conhecido seu primeiro segredo — o de que sua vida está tão tolhida pela definição de papéis quanto a das mulheres — graças à coragem das mulheres que protestaram diante dos

[97] *The saviors of God*, p. 109.

papéis e das instituições tradicionais que negam a individualidade e a igualdade. As mulheres foram pioneiras. Como era de se prever, muitos homens resistiram ao esforço das mulheres de se libertarem não apenas por sentirem que algo lhes seria tomado, como também, mais ainda, sentiam-se à vontade nos seus papéis rigidamente definidos. O fato de esses papéis serem opressivos e deformadores só ocorreu à maioria dos homens quando as mulheres os forçaram a examiná-los mais de perto.

O homem médio ainda reluta em examinar sua vida para não ser obrigado a mudar, porque a mudança sempre provoca a ansiedade. Mas quando compreendemos que a ansiedade que acompanha a mudança é preferível à depressão e à raiva ocasionadas pela constrição, a mudança torna-se mais atraente. Jung observou que a neurose é o resultado necessário quando as infinitas possibilidades da pessoa estão subordinadas às restrições da cultura:

> Já vi amiúde as pessoas ficarem neuróticas quando se contentam com respostas erradas ou inadequadas às perguntas da vida. Procuram posição social, casamento, reputação, sucesso material ou dinheiro e permanecem infelizes e neuróticas ainda quando alcançam o que estavam buscando. Essas pessoas estão, em geral, confinadas dentro de um horizonte espiritual muitíssimo estreito. Sua vida não possui conteúdo ou significado bastante. Quando lhes é permitido desenvolver-se em personalidades mais amplas, a neurose em geral desaparece.[98]

A lista de Jung de falsas metas e ídolos dourados corresponde ao sonho ocidental de sucesso, porém os homens não se sentem bem-sucedidos nem sequer depois de atingirem essas metas e sacrificarem-se a esses ídolos. Sentem-se pouco à vontade, envergonhados e alienados. Quem consegue se esquecer da família reunida ao

[98]*Memories, dreams, reflections,* p. 140.

lado do túmulo de Willy Loman em *Death of a salesman*, de Arthur Miller? Enquanto seu amigo Charley oferece o elogio para um homem trabalhador que fracassou por causa dos tempos difíceis, o filho de Willy diz a triste verdade: "Charley, o homem não sabia quem ele era".[99]

Sem dúvida, não existe epitáfio mais triste para um homem, em especial para aquele que trabalhou arduamente e ficou arruinado. Por que outro motivo estamos aqui, sobre este planeta que gira, senão para tentar conhecer a nós mesmos? Os homens pararam de realizar as perguntas corretas e, portanto, sofrem doenças até morrer. Só podem se salvar recuperando a idéia da jornada da sua alma. Precisam fazer isso; na verdade, não têm outra escolha.

Há pouco tempo, um analisando meu contou-me o seguinte sonho:

> Estou com um homem na água. Ele tem uma perna defeituosa. Afunda. Deveria ajudá-lo, mas não sou bom nadador. Preciso fazer alguma coisa. Estou com medo, mas mergulho ainda assim; encontro-o no fundo e trago-o à superfície. Eu lhe aplico uma respiração boca a boca. Tinha de fazê-lo. Mais ninguém poderia. Ele volta a si e respira.

O homem que afunda é a própria pessoa que está sonhando, que sua consciência do ego intui e sabe que precisa salvar. Só salvará e será salvo quando estiver disposto a mergulhar nas profundezas do seu próprio ser e administrar a respiração vitalizante (*spiritus*). Ninguém pode fazê-lo para nós; precisamos reavivar a antiga jornada do herói e mergulhar nas nossas profundezas. Eis o trabalho próprio do homem, o trabalho que salva.

Depois do trabalho interior, os homens serão capazes de dar um olhada necessária no seu mundo exterior.

[99] *Death of a salesman*, p. 138.

A maioria dos homens usam seu trabalho para se afirmar, mas não se sentem com valor ainda quando alcançam sucesso. Usam o trabalho para afirmar sua identidade, quando não realizaram o trabalho da individuação. Como observou Albert Camus: "Sem trabalho, a vida se decompõe. Mas quando o trabalho é inexpressivo, a vida estiola e finda".[100] Embora não possamos deixar de tomar conhecimento da realidade econômica, também precisamos nos certificar de que nosso trabalho confere significado e substância à nossa vida. É portanto necessário que os homens decidam de outra forma quem são e como despenderão sua preciosa energia.

Nenhum homem consegue deixar o lar ou estar no mundo sem sofrer dolorosos ferimentos no corpo e na alma. Mas precisa aprender a dizer: "Não sou minha ferida nem minha defesa contra meu ferimento. Sou minha jornada". As feridas da vida talvez esmaguem a alma ou estimulem a consciência, porém somente a consciência cada vez maior trará luminosidade à jornada. Miguel de Unamuno lança o desafio:

> Sacuda essa tristeza, e recupere seu espírito...
> Atire-se como semente enquanto caminha, e...
> não vire o rosto, pois isto significaria voltá-lo à morte,
> e não deixe o passado reprimir seu movimento.
> Deixe o que está vivo nos sulcos,
> o que está morto em si mesmo,
> pois a vida não se move da mesma forma
> que um grupo de nuvens,
> com seu trabalho será capaz de um dia
> colher a si próprio.[101]

Para que o homem salve a si próprio, é preciso que retome a jornada da alma. Precisa mais uma vez ser ca-

[100]*Resistance, rebellion, and death*, p. 96.

[101]"Throw yourself like seed", em Bly et al., *Rag and bone shop of the heart*, p. 234.

paz de ver a si no contexto mais amplo, na estrutura do eterno. Jung indaga a respeito do homem aquilo que todos precisamos perguntar a nós próprios:

> Ele está ou não relacionado com algo infinito? Eis a pergunta fundamental da sua vida... Se compreendermos e sentirmos que nesta vida já temos vínculos com o infinito, nossos desejos e atitudes transformaram-se. Em última análise, só valemos alguma coisa por causa da essência que personificamos, e se não a encarnamos a vida é desperdiçada.[102]

Não importa se o homem se sente à vontade de forma religiosa ou política ou doméstica. Ele *é* sua jornada e isto é que tem importância decisiva. O terror que poderá sentir no alto-mar da vida é perfeitamente compreensível, mas, ao renunciar ao imperativo da navegação, ao se entregar a uma ideologia ou aceitar a dependência de outra pessoa, perde sua masculinidade. É chegada a hora de sermos sinceros por inteiro, de reconhecer o medo, mas viver a jornada.

A intimação para a jornada não é justificativa ao narcisismo. O homem ainda está obrigado a cumprir seus compromissos para com as outras pessoas, levar a cabo suas responsabilidades. No entanto, há um chamado à individuação ao qual não pode escapar. Se esquecer esse apelo, desperdiçar seu breve momento na terra, será, de qualquer forma, um problema para essas pessoas. Viver a jornada da alma significa servir à natureza, servir aos outros e servir a esses mistérios do qual somos a experiência. Aí, então, haveremos encarnado o invisível, tornado luminoso este curto episódio entre dois grandes mistérios.[103]

[102]*Memories, dreams, reflexions,* p. 325.

[103]Jung: "A vida... é um curto episódio entre dois grandes mistérios, que no entanto são um só" (*Letters,* vol. 1, p. 483).

7. Partícipe da revolução

Embora este livro pareça pessimista com relação a uma mudança social iminente e um tanto ou quanto cético a respeito dos movimentos masculinos, ele é, no entanto, otimista com relação ao poder dos indivíduos de alcançarem a consciência, de encontrarem a coragem de mudar, de reconduzirem sua vida, provocando assim mudança no mundo.

Historicamente, a mudança se dá quando uma cultura torna-se unilateral em excesso. A compensação passa a existir, então, no inconsciente de todos os indivíduos. É preciso uma pessoa com o dom da intuição, ou seja, aquela para quem o material do inconsciente está de pronto disponível, para trazer à superfície esses valores desprezados. Talvez o artista seja o primeiro a encarar o valor negligenciado em uma obra diante da sua época. Que seja ridicularizado, rejeitado ou, pior ainda, tratado com indiferença, sua semente começará a germinar na zona liminar das outras pessoas. Que o profeta seja martirizado, sua verdade já desafiou o elemento coletivo. E é assim que agora o segredo escapou e o cinturão sartunino foi afrouxado. A mudança está no ar. Não é de causar surpresa que os ditadores reprimam os artistas e os visionários, pois eles são extremamente perigosos para o controle saturnino que o pensamento grupal exige.

No século XIX, as crianças eram propriedade a ser vendida ou alugada a terceiros. As mulheres eram escravas desrespeitadas e sem direitos. E desde os primórdios da história os homens também oprimem-se uns aos outros. Se os direitos das crianças agora têm lugar em nossa sensibilidade, e se as mulheres exigem e merecem respeito, os homens também precisam tornar-se mais do que máquinas sem alma. O general francês Lyautey foi advertido, quando se propôs plantar certa árvore nova, de

que ela levaria cem anos para atingir a plena maturidade. “Ora, precisamos então começar nesta mesma tarde”, ele retrucou.[104] Portanto, nós também precisamos começar neste exato momento. Cada um de nós é parte do problema, ou, individualmente, parte da solução. Enquanto não formos livres, ninguém o será.

É chegada a hora de parar com as mentiras: hora de enfrentarmos os que dizem que homem é quem tem poder sobre outro homem, mulher ou criança. É chegada a hora de nos opormos a todos os que querem oprimir seus semelhantes — fanáticos temíveis, políticos fingidos e tipos semelhantes — e, acima de tudo, é chegada a hora de combatermos o silêncio tirânico que perpetua o domínio de Saturno, humilhando e separando os homens. Que os segredos dos homens venham à tona, pois são os fios liliputianos que amarrarão o gigante.

Participar da revolução não obriga ninguém ao discurso em praça pública. Significa que começamos a ser sinceros com relação à nossa vida. A revolução começa em casa, com nós próprios. O leitor, sem dúvida, sabe agora que não é o estranho que talvez se julgasse ser, que não está sozinho, que outros homens já experimentaram o mesmo que ele, e que estão sofrendo com ele lado a lado.

A revolução começa quando os homens param de iludir, quando reconhecem seus segredos e responsabilizam-se por eles. Os homens ainda terão de lutar e sofrer, mas podem agora ser sinceros. Precisam começar em casa, com eles próprios, e compreender que as suposições saturninas com as quais foram criados castra-os e destrói com a mesma certeza que os deuses déspotas de antigamente com suas cruéis foices.

O homem que sai de sob a sombra de Saturno na sua vida pessoal também está realizando algo muito impor-

[104] *The little, brown book of anecdotes*, p. 372.

tante pelas outras pessoas, quer ou não estas tenham conhecimento disso. Aprendeu que ninguém tem poder sobre ele, se não conceder a terceiros este poder. Recuperou o valor da jornada da sua alma. Sua vida assume novo significado e sua oração, nas palavras de Kazantzakis, "é o relatório de um soldado ao seu general: isto é o que eu fiz hoje, foi assim que combati para ganhar toda a batalha no meu setor, estes são os obstáculos que encontrei, são estes meus planos para a batalha de amanhã".[105] Quando este homem, aquele homem, e aquele outro lá longe começarem a assumir a responsabilidade pessoal por suas vidas, os antigos déspotas perderão o controle da situação.

Contam que Zeus ouviu rumores a respeito de um poder no universo, maior do que seu próprio poder, e ficou terrivelmente amendrontado. Com seu jeito habitual de valentão, Zeus, com seus poderosos capangas, andaram de um lado a outro intimidando todo mundo. Até Prometeu, cujo nome sugere esse conhecimento antecipado da revolução, sofreu nos rochedos do Cáucaso. Mas essa energia não poderia ser reprimida para sempre. Trata-se da força que todos os valentões e tiranos temem — é a Justiça, diante de cujo tribunal até os deuses devem tremer.

Quando os deuses déspotas forem depostos, quando os indivíduos saírem de sob a sombra de Saturno, quando rejeitarem as expectativas coletivas e procurarem seu próprio caminho, a justiça retornará. Sim, atualmente, a maioria dos homens ainda estão oprimidos; agindo a partir da própria ferida, oprimem outros homens e magoam mulheres e crianças. Sem dúvida, a justiça ainda está muito longe. Mas cada qual tem a obrigação de encontrála, primeiro no próprio coração e depois na longa estrada que está à nossa frente.

[105] *The saviors of God*, p. 107.

Viajante,
vieste de muito longe guiado por aquela estrela.
Mas o reino do desejo está na outra extremidade da noite.
Que tua viagem seja boa, *compañero*;
viajemos juntos alegremente
vivendo da catástrofe,
alimentando-nos da luz pura.[106]

[106]Thomas MacGrath, "Epitaph", em Bly et al., *Rag and bone shop of the heart,* p. 256.

BIBLIOGRAFIA

AGEE, James, *A death in the family,* Bantam, Nova Iorque, 1969.

ALIGHIERI, Dante, *The Comedy of Dante Alighieri,* trad. Dorothy Sayers, Basic Books, Nova Iorque, 1963.

AUDEN, W. H., *The Dyer's hand,* Random House, Nova Iorque, 1962.

———, *The Collected Poems of W. H. Auden.* Random House, Nova Iorque, 1976.

BLY, Robert, *Iron John: a book about men,* Addison-Wesley Publishing Company, Reading, Mass., 1990.

BLY, Robert, HILLMAN, James e MEADE, Michael (orgs.), *The rag and bone shop of the heart,* HarperCollins, Nova Iorque, 1992.

BROADRIBB, Donal, *The dream story,* Inner City Books, Toronto, 1990.

CAMPBELL, Joseph, *The masks of God: creative Mythology,* Penguin Books, Nova Iorque, 1964.

———, *The masks of God: Primitive Mythology,* Penguin Books, Nova Iorque, 1969.

———, *This business of the Gods...* Em *Conversation with Fraser Boa,* Windrose Films, Toronto, 1989.

CAMUS, Albert, *Resistance, rebelion, and death,* Alfred Knopf, Nova Iorque, 1961.

CLOTHIER, Peter, "Hammering Out Magic", em *Art News*, novembro de 1991.

Complete Greek Tragedies, The. Trad. David Green e Richard Latimore, University of Chicago Press, Chicago, 1960.

CORNEAU, Guy, *Absent fathers, lost sons: the search for masculine identity,* Shambhala Publications, Boston, 1991.

Crowell's handbook of classical Literature, Lilian Feder, Thomas Crowell, Nova Iorque, 1964.

cummings e. e., *Poems 1923-1954.* Harcourt, Brace and Co., Nova Iorque, 1954.

DUNN, Stephen, *Not dancing*, Carnegie-Mellon University Press, Pittsburgh, 1984.

ELIADE, Mircea, *Rites and symbols of initiation,* Harper, Nova Iorque, 1958.

ELIOT, T. S., *The Complete Poems and Plays,* Harcourt, Brace, Nova Iorque, 1962.

ELLMAN, Richard, *Yeats: the man and the masks,* Dutton, Nova Iorque, 1948.

FULLER, Simon (org.), *The poetry of war, 1914-1989,* BBC Books and Longman Group UK Limited, Londres, 1989.

GARDNER, Robert L., *The rainbow serpent: bridge to consciousness,* Inner City Books, Toronto, 1990.

GRIMM, Irmãos, *The Complete Fairy Tales,* Pantheon, Nova Iorque, 1972 (cf. trad. bras. dos *Contos de Grimm* publicada pela Paulus).

GURDJIEFF, *Meetings with remarkable men,* Dutton, Nova Iorque, 1963 (publicado em português pela Pensamento com o título *Encontros com homens notáveis*).

HALL, James A., *Jungian dream interpretation: a handbook of theory and practice,* Inner City Books, Toronto, 1983.

HAMILTON, Edith, *Mythology,* Mentor, Nova Iorque, 1969.

HAWTHORNE, Nathaniel, *The portable Hawthorne,* Viking, Nova Iorque, 1960.

HESSE, Herman, *Demian,* Bantam, Nova Iorque, 1965.

HILLMAN, James, e VENTURI, Michael, *We've had a hundred years of psychotherapy and the world is gettinf worse,* Harper Collins, São Francisco, 1993.

HOLLIS, James, *The middle passage: from misery to meaning in midlife,* Inner City Books, Toronto, 1993 (trad. bras.: *A passagem do meio,* Paulus).

HOPCKE, Robert, *Men's dreams, men's healing,* Shambhala Publications, Boston, 1989.

HOPKINS, Gerard Manley, *The poems of Gerard Manley Hopkins,* Oxford University Press, Nova Iorque, 1970.

JOHNSON, Robert A., *He: understanding male Psychology*, Harper and Row, Nova Iorque, 1977.

JONES, Ernest, *The life and work of Sigmund Freud,* vol. 1, Basic Books, Nova Iorque, 1953.

JOYCE, James, *The portable James Joyce,* Bantam, Nova Iorque, 1982.

JUNG, C. G., *The Collected Works* (Bollingen Series XX), 20 vols. trad. R. F. C. Hull, org. H. Read, M. Fordham, G. Adles, Wm. McGuire, Princeton University Prees, Princeton, 1953-1979 (em publicação pela Vozes com o título *Obras Completas de C. G. Jung).*

———, *Memories, dreams, reflections,* org. Aniela Jaffé, Random House, Nova Iorque, 1963.

KAFKA, Franz, *The penal colony: stories and short pieces,* Schocken Books, Inc., Nova Iorque, 1961.

KAZANTZAKIS, Nikos, *The saviors of God,* Simon and Schuster, Nova Iorque, 1960.

KIERKEGAARD, Sören, *The journals of Kierkegaard,* Harper, Nova Iorque, 1959.
KIPNIS, Aaron, *Knights without Armor,* Jeremy Tarcher, Los Angeles, 1991.
LEE, John, *At my Father's wedding,* Bantam, Nova Iorque, 1991.
LEONARD, Linda, *The wounded woman: healing the father-daughter relationship,* Shambhala Publications, Boston, 1983.
Little, brown book of anecdotes, The, Clifton Fadiman (org.), Little, Brown, Boston, 1985.
MALONEY, Mercedes, e MALONEY, Anne, *The hand that rocks the cradle,* Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ, 1985.
MCCRACKEN, Harold, *George Catlin and the old frontier,* Bonanza Books, Nova Iorque, 1959.
MILLER, Arthur, *Death of a salesman,* Penguin, Nova Iorque, 1976.
Modern poems: an introduction to poetry, Richard Ellman (org.). Norton, Nova Iorque, 1973.
Modern verse in English, David Cecil e Alan Tate (orgs.), MacMillan, Nova Iorque, 1958.
MONICK, Eugene, *Castration and male rage: the phallic wound,* Inner City Books, Toronto, 1991 (trad. bras.: *Castração e fúria masculina,* Paulus).
———, *Phalos, sacred image of the masculine,* Inner City Books, Toronto, 1987 (trad. bras.: *Falo, a sagrada imagem do masculino,* Paulus).
MOORE, Robert, e GILLETTE, Douglas, *King, warrior, magician, lover: rediscovering the archetypes of the mature masculine,* Harper, São Francisco, 1991.
NIETZSCHE, Friedrich, *The portable Nietzsche,* trad. Walter Kaufmann, Viking, Nova Iorque, 1986.
Norton Anthology of Poetry, org. A. Alison, Norton, Nova Iorque, 1970.
OSHERSON, Sam, *Finding our fathers,* Free Press, Nova Iorque, 1986.
PEDERSON, Loren, *Dark hearts: the unconscious forces that shape men's lives,* Shambhala Publications, Boston, 1991.
PERERA, Sylvia Brinton, *Descent to the Goddess: a way of initiation for women,* Inner City Books, Toronto, 1981 (trad. bras.: *Caminhos para a iniciação feminina,* Paulus).
RESSLER, Robert, e SCHACTMAN, Tom, *Whoever fights monsters,* St. Martin's Press, Nova Iorque, 1992.
RILKE, Rainer Maria, *Duino Elegies,* trad. David Oswald, Daimon Verlag, Einsiedeln, Suíça, 1992.
———, *Letters to a Young Poet,* trad. M. D. Herter Norton, W. W. Norton and Co., Nova Iorque, 1962.
———, *Sellected Poems of Rainer Maria Rilke,* trad. Robert Bly, Harper and Row, Nova Iorque, 1981.
SCHWARTZ, Delmore, *The world is a wedding,* New Directions Press, Nova Iorque, 1948.

SHAKESPEARE, Willian, *The Complete Works of Shakespeare,* Scott-Foresman, Glenview, IL, 1970.
SHARP, Daryl, *The secret raven: conflict and transformation,* Inner City Books, Toronto, 1980.
———, *The survival papers: anatomy of a midlife crisis,* Inner city Books, Toronto, 1988.
THOMAS, Dylan, *Collected Poems,* New Directions Publishing Co., Nova Iorque, 1946.
THOREAU, Henry, *The best of walden and civil disobedience,* Scholastic Books, Nova Iorque, 1969.
VON FRANZ, Marie-Louise, *Puer Aeternus: a psychological study of the adult struggle with the paradise of childhood,* 2ª edição, Sigo Press, Boston, 1981 (trad. bras.: *Puer Aeternus — a luta do adulto contra o paraíso da infância,* Paulus).
WOODMAN, Marion, *Addiction to perfection: the still unravished bride.* Inner City Books, Toronto, 1982.
———, *Leaving my father's house: a journey to conscious femininity,* Shambhala Publications, Boston, 1992.
———, *The pregnant virgin: a process of transformation,* Inner City Books, Toronto, 1985.
WYLY, James, *The Pregnant Virgin: a Process of transformation,* Inner City Books, Toronto, 1989 (trad. bras.: *A busca fálica — Príapo e a inflação masculina,* Paulus).
YEATS, William Butler, *The Collected Poems of W. B. Yeats,* MacMillan, Nova Iorque, 1963.

SUMÁRIO

Saturno era o perverso deus romano que devorava seus filhos na tentativa de impedi-los de usurpar seu poder. Ao longo da história, os homens têm sido psicológica e espiritualmente oprimidos pelo legado saturnino, sofrendo a corrupção do poder, impulsionados pelo seu medo das mulheres e dos outros homens, ferindo a si mesmos e aos outros. O autor aborda o problema da maturidade do homem, sugerindo maneiras práticas para os homens reclamarem seu senso de integridade pessoal. Tanto as mulheres quanto os homens apreciarão a leitura deste livro, não apenas pela sua revelação e elucidação dos "segredos" que os homens trazem em seu coração, como também pela sua magnífica perspectiva em relação àquilo de que precisamos para nos libertar das piores influências do patriarcado.

James Hollis, Ph. D., concluiu sua pós-graduação no Instituto C. G. Jung de Zurique. Apresentou inúmeras conferências na América do Norte sobre mitologia e religião, temas masculinos e a meia-idade. Exerce a profissão de analista em Filadélfia e em Linwood, no estado de Nova Jersey (EUA), onde reside. Autor de *A passagem do meio - da miséria ao significado da meia-idade*, nesta mesma coleção.

ISBN 978-85-349-0635-7